



PROFHISTÓRIA

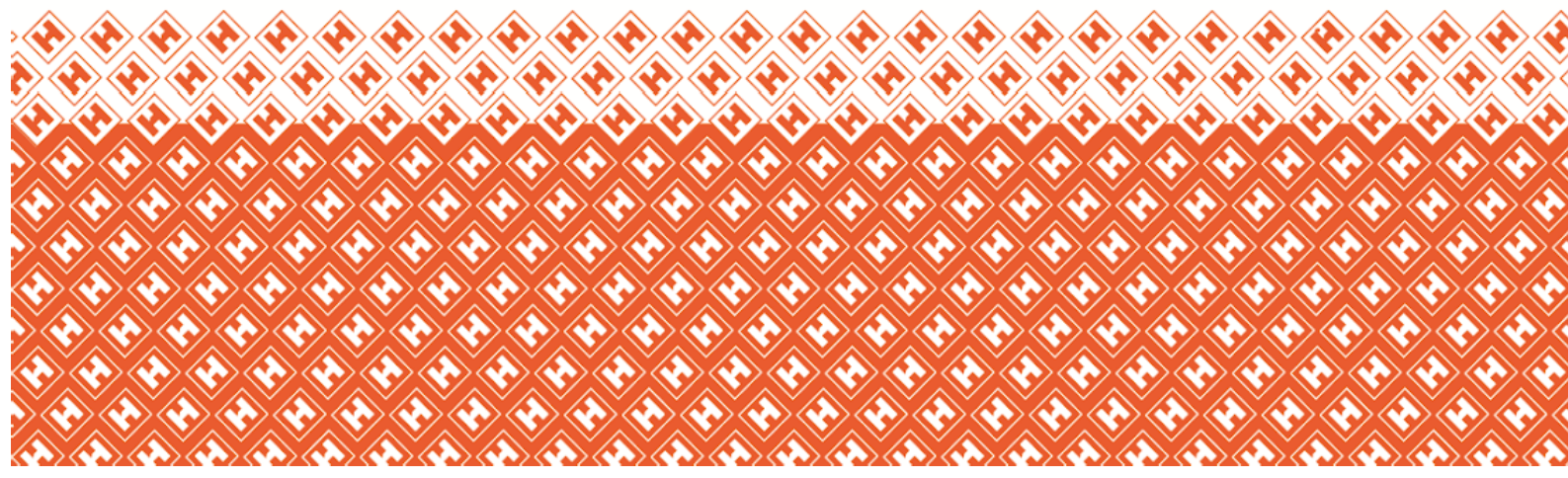
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MARISA LUNA NOGUEIRA
DE LIMA

**Escola Municipal
Rosa da Fonseca
como proposta de
Educação
Patrimonial.**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

dezembro / 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE HISTÓRIA

MARISA LUNA NOGUEIRA DE LIMA

DISSERTAÇÃO

**ESCOLA MUNICIPAL ROSA DA FONSECA COMO PROPOSTA DE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.**

DEZEMBRO DE 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

**ESCOLA MUNICIPAL ROSA DA FONSECA COMO PROPOSTA DE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

MARISA LUNA NOGUEIRA DE LIMA

Sob a Orientação da Professora

Dra. Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre** em Ensino de História, no Mestrado Profissional em Ensino de História, área de concentração Ensino de História.

Seropédica, RJ

Dezembro de 2023

Ficha Catalográfica

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732e Lima, Marisa Luna Nogueira de, 1975-
Escola Municipal Rosa da Fonseca como proposta de
Educação Patrimonial. / Marisa Luna Nogueira de Lima.
Rio de Janeiro, 2023.
182 f.: il.

Orientadora: Maria Angélica da Gama Cabral
Coutinho. Dissertação(Mestrado). -- Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-
Graduação em Ensino de História, 2023.

1. Ensino de História. 2. Educação Patrimonial. 3.
História Local. 4. Memória. 5. Aula-Passeio. I.
Coutinho, Maria Angélica da Gama Cabral, 1959-
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós- Graduação em Ensino de
História III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA



TERMO Nº 25 / 2024 - PROFHIST (12.28.01.00.00.00.79)

Nº do Protocolo: 23083.003935/2024-56

Senopédica-R1, 29 de janeiro de 2024.

Termo de Aprovação

Nome do(a) discente: MARISA LUNA NOGUEIRA DE LIMA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM ENSINO DE HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Ensino de História

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 19 de dezembro de 2023

Dra. MARIA ANGELICA DA GAMA CABRAL COUTINHO, UFRRJ Presidente

Dr. WASHINGTON DENER DOS SANTOS CUNHA, UERJ Examinador Externo à Instituição

Dra. REGINA MARIA DE OLIVEIRA RIBEIRO, UFRRJ Examinadora Interna

(Assinado digitalmente em 29/01/2024 12:55)
MARIA ANGELICA DA GAMA CABRAL COUTINHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1792033

(Assinado digitalmente em 01/02/2024 13:35)
REGINA MARIA DE OLIVEIRA RIBEIRO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1809331

(Assinado digitalmente em 29/01/2024 18:18)
WASHINGTON DENER DOS SANTOS CUNHA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 909.286.797-72

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 25, ano: 2024, tipo: TERMO, data de emissão: 29/01/2024 e o código de verificação: 7b2cfd495c

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

Dedico esse trabalho aos que ousam se dedicar ao Ensino de História, em todas as suas possibilidades. Aos que vieram antes e nos deixaram uma base de pesquisa e conhecimento. E aos que estão chegando, ansiosos por pesquisar e aprender.

“A escola nunca é uma parada. É a estrada aberta para os horizontes que se devem conquistar.” (Célestin Freinet)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

AGRADECIMENTOS

Após dois anos de dúvidas, incertezas e aulas remotas, propiciadas pela pandemia de Covid-19, tenho muito a agradecer, por de fato, ter concluído esse curso. A gratidão é um sentimento que enobrece o ser humano e acredito que é chegada a hora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço primeiramente, a minha família, meu marido Luiz Carlos, que mesmo implicante, me incentivava a iniciar e terminar o curso, visando a melhora profissional. Aos meus filhos Luiza e Luiz Felipe, meus amores, por compreenderem (ou não) minhas ausências, em momentos de estudos, pesquisa e escrita.

A minha querida irmã Maria Alice, pedagoga e minha parceira de vida e de trabalho, pelo apoio e pela inspiração de vida, de profissão, de por saber que minha vitória também a inspira.

Aos meus pais Mário e Conceição, que muito se esforçaram para que eu pudesse alcançar voos mais longos, incluindo essa tão importante especialização. De você, meu pai, agradeço mais a frente.

Gratidão à minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho, pela paciência na construção da pesquisa, no envio dos textos, que contribuíram com o trabalho, na troca no Grupo de Pesquisa e Estudos sobre as Instituições escolares e seus personagens. Por entender, que por vezes, se mostrava difícil tanto a pesquisa quanto a escrita.

Aos meus colegas de turma Profhistória 2020: Carlos Willian Lara de Azevedo, Thaíla Guimarães de Queiroz, Andreia Almeida de Freitas, Cezar Augusto Sales Uchôa Júnior, Bruno da Silva Ogeda, Valdenício de Medeiros Alencar, Aline Andrade da Silva, Álvaro Santo Donegá Júnio, Ygor Gabriel Lioi Barreto de Omena, Marcelo Césio. Douglas Lucas, Marcio Rodrigo Araujo Muniz, Rafael Abreu de Araujo, pelo

companheirismo e carinho nos momentos de desânimo e desespero. Vocês são os melhores.

Minha gratidão eterna à Professora Doutora Rebeca Gontijo, quando coordenadora do Curso na UFRRJ, pela paciência em me ajudar, quando da chamada, em virtude de vaga por desistência. Nossos onze e-mails, são guardados com imenso carinho. A senhora tem um coração de ouro.

Aos Professores e Professoras Doutores e Doutoradas Felipe Santos Magalhães, Patrícia Bastos, Maria da Glória de Oliveira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que com carinho e acolhimento, contribuíram para meu aprendizado. As leituras propostas e os debates nas sessões, colaboraram para minhas reflexões e para meu crescimento pessoal e acadêmico.

Um agradecimento especial também à Profª Drª Maria Helena Versiani, da Universidade Federal Fluminense (UFF), suas aulas remotas foram como bálsamo, encantaram e foram essenciais para minha pesquisa sobre patrimônio.

Agradeço a Profª Drª Regina Maria de Oliveira Ribeiro, membro da Banca de Qualificação, que de forma amável e respeitosa, deu sugestões que contribuíram para que a pesquisa tomasse um novo rumo. Agradeço ao Prof Dr. Washington Dener dos Santos Cunha, membro da Banca de Qualificação e Defesa, mestre que revejo depois de mais de vinte anos, que me orientou, ainda na graduação e cujo exemplo, sempre me inspirou e que com seus ensinamentos, me fizeram refletir sobre questões importantes, que contribuíram para a pesquisa.

Ao Centro de Referência da Educação Pública da cidade do Rio de Janeiro, na figura do bibliotecário Claudio Marcio e sua equipe, meu respeito e agradecimento. Vocês foram fundamentais para o engrandecimento desta pesquisa, quando do levantamento bibliográfico e iconográfico, no período da pandemia com os arquivos públicos estavam fechados.

Gratidão à direção da Escola Municipal Rosa da Fonseca, unidade escolar onde leciono na Vila Militar (RJ), pela coragem e apoio para tornar a aula-passeio no entorno da escola, uma possibilidade.

Aos colegas professores, inspetores, auxiliares de secretaria, pela paciência em me ouvir falar, quase que incessantemente. As histórias que cada um contou sobre a origem da escola, acrescentaram muito à pesquisa. Acredito que vocês também aprenderam muito.

Aos meus médicos Dr. Orlando Maia, Dr. Getúlio e psicólogos Wiverson Oliveira, Michele , Ana Paula de Oliveira Suzano, que me ouviram e conduziram a minha saúde mental, quando esta esteve à beira do colapso. Suas colocações, me sacudiram e me colocaram no centro de qualquer trabalho acadêmico.

Muito obrigada aos meus queridos alunos da “Rosa” que apoiaram a ideia da aula-passeio pela escola e seu entorno. Graças à inquietude, curiosidade e a participação efetiva nas aulas. Vamos colocar em prática a tão desejada “saída” da escola, nossa aula será um sucesso. Vocês são demais!

Ao meu pai Mário, pelas suas histórias, as quais ouvi a minha vida inteira. Histórias que envolviam amigos de infância, filhos de operários, militares e ferroviários, dos quais dividia partidas de futebol, blocos carnavalescos, excursões e bailes no clubes militares. E que diante do quadro e da característica, da enfermidade que enfrenta, vêm constantemente em rodas de conversas e espasmos da memória remota.

Agradeço a Deus, meus santos e guias, por me fortalecer espiritualmente, quando as forças me faltavam e o desânimo, tomava conta do meu ser. E também por colocarem pessoas que pudessem contribuir para a pesquisa e para o meu trabalho de pesquisadora-professora.

Enfim a todos, que contribuíram de alguma forma e que possam utilizar-se da pesquisa e da proposta pedagógica em suas aulas.

RESUMO

O trabalho em questão tem por objetivo construir uma proposta de material didático a partir da estratégia da aula-passeio de Célestin Freinet, utilizando a história da Escola Municipal Rosa da Fonseca e seu entorno. A pesquisa propõe discutir com os educandos, os conceitos de memória/esquecimento histórico, História Local, Educação Patrimonial, sabendo que estes resultam de processos sociais, que envolvem disputas e silenciamentos, buscando junto aos mesmos, conhecer a origem da Escola Municipal Rosa da Fonseca e a sua inserção dentro do bairro Vila Militar. A metodologia utilizada, além do levantamento bibliográfico, é a construção de uma experiência didática(aula-passeio), utilizando o espaço físico da escola e seu entorno. Sabendo que, os saberes históricos podem ocorrer em diferentes espaços de memória. uma aula-passeio em ambientes como a Praça Hermes da Fonseca, a Antiga Estação Ferroviária Vila Militar, o Espaço Cultural Regimento Sampaio, Centro de Reabilitação Física General Lyra Tavares (segunda sede da escola focalizada), Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), dentre outros, são experiências riquíssimas tanto para os discentes quanto para os docentes que se lançam ao desafio.

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; História Local; Memória; Aula-passeio

ABSTRACT

The aim of the work in question is to build a teaching material proposal based on Célestin Freinet's class-trip strategy, using the history of the Rosa da Fonseca Municipal School and its surroundings. The research proposes to discuss with students the concepts of historical memory/forgetfulness, Local History, Heritage Education, knowing that these are the result of social processes, which involve disputes and silencing, seeking together to know the origin of the Rosa da Fonseca Municipal School and its insertion within the Vila Militar neighborhood. The methodology used, in addition to the bibliographical survey, is the construction of a didactic experience (class-tour), using the physical space of the school and its surroundings. Knowing that historical knowledge can occur in different memory spaces. a class tour in environments such as Praça Hermes da Fonseca, the Old Vila Militar Railway Station, the Espaço Cultural Regimento Sampaio, General Lyra Tavares Physical Rehabilitation Center (second headquarters of the focused school), Officers' Improvement School (ESAO), among others, these are very rich experiences for both students and teachers who take on the challenge.

Keywords: History Teaching; Heritage Education; Local History; Memory;Tour class

FIGURAS

Figura 1: Visão ampliada da Vila Militar, com a Avenida Duque de Caxias.

Figura 2: Pórtico entre os bairros Vila Militar e Magalhães Bastos.

Figura 3: Estação Ferroviária Vila Militar, em 2016.

Figura 4: Notícia sobre a Escola Rosa da Fonseca, localizada em Copacabana

Figura 5: Resposta à carta de um leitor

Figura 6: Relação de alunos chamados para exames finais da Escola da Villa Militar

Figura 7: Frente da E.M. Rosa da Fonseca na primeira sede.

Figura 8: Centro de Reabilitação do Exército

Figura 9: Mudança do nome da Escola Villa Militar para Rosa da Fonseca

Figura 10: Imagem da reportagem sobre a inauguração do Campo de Jogos Alina Brito

Figura 11: Reportagem sobre a inauguração do Campo de Jogos Alina Brito

Figura 12 : Reportagem sobre o “Play-Ground” da Escola Rosa da Fonseca

Figura 13: Reportagem do jornal “A Noite” sobre a Escola Rosa da Fonseca

Figura 14: Visita do Presidente Vargas e sua esposa à Escola Rosa da Fonseca

Figura 15: Visita do Presidente Getúlio Vargas à Escola Rosa da Fonseca

Figura 16 : Construção da Praça Marechal Hermes em 1955

Figura 17 : Placa de criação da Praça Marechal Hermes em 2022

Figura 18: Frente atual da E.M.Rosa da Fonseca

Figura 19 : Praça Marechal Hermes, em frente a E.M. Rosa da Fonseca. Onde se vê mastros para o hasteamento das bandeiras cívicas.

Figura 20 : Pátio interno

Figura 21: Jardim, pomar

Figura 22: Escola Antônio Fernandes dos Santos

Figura 23: Rosa da Fonseca, “Vó Tadona”, como era chamada pelos seus familiares

Figura 24 : Célestin Freinet

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEPAI	Centro de Pesquisa e Análise da Informação
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
CREP-AT	Centro de Referência de Educação Pública Anísio Teixeira
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica
DEC	Distrito de Educação e Cultura
EB	Exército Brasileiro
ESAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Minc	Ministério da Cultura
Multirio	Empresa Municipal de Múltiplos Meios da Prefeitura do Rio de Janeiro
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
Secovi-Rio	Sindicato das empresas de compra, venda, locação e administração de imóveis e condomínios residenciais e comerciais do Estado do Rio de Janeiro
SENAI	Serviço de Aprendizagem Industrial
PNE	Plano Nacional de Educação
Rio 2016	Jogos Olímpicos de Verão de 2016 na cidade do Rio de Janeiro
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. MEMÓRIA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
1.1- Considerações iniciais.....	24
1.2- Conceito de memória.....	24
1.3- Educação patrimonial e o ensino de História.....	29
2.A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E A HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO DE HISTÓRIA.	
2.1- Considerações iniciais.	42
2.2- A História das instituições escolares.....	43
2.3-A História local e o ensino de História.....	49
2.4- O surgimento da Vila Militar na cidade do Rio de Janeiro.....	54
2.5- A origem da E.M.Rosa da Fonseca e sua importância - uma escola para “poucos.....	61
2.5.1. Dados da E.M.Rosa da Fonseca, a partir do Censo Escola de 2020	79
2.6-Escola Municipal Antônio Fernandes dos Santos - uma escola para a ma.....	81
2.7 Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca - patronesse da unidade escolar e da família do Exército.....	84
3.CELESTIN FREINET E AULA-PASSEIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO -APRENDIZAGEM.	
3.1- Considerações iniciais.....	91
3.2- Freinet e suas contribuições.....	92
3.3- A Pedagogia de Freinet.....	93
3.4- Aula-passeio de Freinet.....	98
3.5- E.M.Rosa da Fonseca, uma proposta de educação patrimonial.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	
A-Fotografia de ex-aluno da década de 1920	119
B-Fotografias da visita do Presidente Vargas à Escola Rosa da Fonseca	120
C- Reportagem da Revista A Educação (1924) sobre a inauguração do Campo de Jogos Alina Brito	121

D: Fotografias sobre a construção da Praça Marechal Hermes inauguração em 1957.....	123
E: Fotografias de visita de autoridades à Escola Rosa da Fonseca.....	125
F: Cadastro das Escolas Municipais: Escola Municipal Rosa da Fonseca.....	127
APÊNDICE (Produto)	130

INTRODUÇÃO

Como é prazeroso e desafiador voltar à Universidade, depois de vinte anos e perceber, que está tão mudada, não sua estrutura física – ainda debilitada e deficitária—mas mudanças de “recheio”, de pesquisas e de estudos. A velha e boa Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) com seus professores da nova safra, tocam com profundidade e coerência em temas e feridas, que por vezes, no meu tempo de banco escolar, poucos mestres se davam ao trabalho de perceber.

A Universidade se modificou, refletindo o seu tempo histórico, do ponto de vista político, econômico ou social. Seus alunos gritavam por discussões e precisavam ser ouvidos. Talvez a escolha pelos temas propostos pelas disciplinas do Programa Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PROFHISTÓRIA) da turma 2020, pudesse ter sido outra, mas de certo, a Pandemia de Covid-19, obrigou a todos a refazerem suas possibilidades pedagógicas e didáticas, que na fase de ensino remoto, se fizeram mais pertinentes.

Citamos então, uma das autoras lidas, nas aulas de Teoria da História, ministradas, pela professora Maria da Glória Oliveira, Nilma Lino Gomes, que em sua obra “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”(2012), contribui para endossar essa visão de mudança e nos diz:

Pode-se dizer que, na teoria educacional e na prática do currículo, esses dois conjuntos de epistemologias são produzidos por um movimento dinâmico: as reflexões internas à ciência e as questões colocadas pelos sujeitos sociais organizados em movimentos sociais e ações coletivas no campo educacional. Quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipadoras. Quais são as respostas epistemológicas do campo da educação a esse movimento? Será que elas são tão fortes como a dura realidade na relação entre conhecimento e os índices internacionais de desempenho escolar? (GOMES, 2012, p. 99)

Sendo assim, nessa jornada do curso do Mestrado, percebemos a necessidade urgente, de novos aprendizados, principalmente tecnológicos, que já se faziam necessários, mas que, no entanto, eram deixados de lado por comodidade ou por medo. Plataformas de comunicação, redes sociais, que por muitas vezes eram vistas com certo

receio, passam a fazer parte da realidade educacional. Todavia, não há como esquecer que nem todos conseguiram se lançar ao desafio proposto e sucumbiram. Sucumbiram por falta de equipamentos, que dessem conta de tantos aplicativos e inovações, sucumbiram por falta de organização do tempo diário, que deveriam conciliar com seus afazeres pessoais e profissionais. Ou ainda, pelo desânimo e desalento, que tomou conta de muitos de nós.

Assuntos como história do tempo presente, branquitude/negritude, invisibilidade das ditas minorias, direitos humanos, combate ao racismo, enfrentamento ao machismo, patriarcado, elitismo, ética, gênero ou ainda, regime escolar, memória/esquecimento, interseccionalidade não eram debatidos frequentemente até algum tempo, nas salas de aula da Universidade. Talvez por conta da pouca representatividade que se dava, mesmo dentro de um espaço, que o próprio nome deriva universal, passaram a ser repetidos em diversas disciplinas dentro da Academia. Por estes motivos, as aulas no sistema remoto do ProfHistória, acrescentaram, consideravelmente, ao processo de me perceber multiplicadora de conceitos arraigados de sentidos, que precisavam ser desconstruídos e decolonizados. Visões de mundo, que não dão mais conta, do mundo atual em que vivemos. De certo, um mundo, que passa por oscilações de direitos e pertencimentos de grupos, principalmente das ditas, “minorias” do qual percebo meus alunos e a mim mesma, precisava estar presente nas aulas do ProfHistória. Assim, Gomes (2012) continua seu debate sobre o tema:

Por isso, uma análise que nos permita avançar ou compreender de maneira mais profunda esse movimento da educação brasileira não pode prescindir de uma leitura atenta que articule as duras condições materiais de existência vivida pelos sujeitos sociais às dinâmicas culturais, identitárias e políticas em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade (GOMES, 2012, p.100)

Como professora de História, dos anos finais do Ensino Fundamental e com alguma prática efetiva de sala de aula, pude perceber que o ensino-aprendizagem é muito mais amplo, que a exposição oral de conteúdos em uma sala de aula. Em que alunos, geralmente sentados enfileirados, recebem aquilo que o professor quer passar, em uma situação, que mistura complacência, passividade e por vezes, indiferença. Alunos e professores descontentes com seus papéis neste processo, em que se finge que ensina e finge-se que aprende. E na realidade a aprendizagem efetiva não se dá.

Assim, o grande educador brasileiro Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia do Oprimido”(2010), faz algumas duras críticas, ao que ele chama de “educação bancária”: “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositados e o educador o depositante.”(FREIRE, 2010, p. 66). Uma educação que aprisiona, que cala e tole o educando. Que o torna dependente das informações e conhecimentos que serão providos pelo professor, que não consegue ter autonomia do seu próprio saber (FREIRE, 1997). Neste modelo de educação, o professor passa a ser o agente da opressão e o aluno aquele que é oprimido. Por vezes, o opressor só reproduz a opressão, já vivida em outros momentos, inclusive no ambiente educativo. (FREIRE,2010). Romper com o círculo vicioso da opressão é que torna a educação libertadora.

A prática do professor em sua atividade diária não é um movimento neutro, pelo contrário, é repleta da sua visão de mundo, da teoria que baliza sua prática, ou melhor, a sua práxis. Educar é um ato político e negar isso, beira à inocência ou à maldade, de quem pensa assim.

Desse modo, podemos afirmar que não há prática sem teoria, sem práxis, como diria Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt em seu texto "Formação do professor de história no Brasil: embates e dilacerações em tempos de desassossego" (2015):

Em síntese, requeria-se à formação do historiador professor, um sólido conteúdo científico, um consistente preparo de pesquisador, teórico e prático, envolvendo o compromisso político de transformá-lo significativamente na relação com a práxis, não com a prática em si mesma, mas com o mundo real, concreto e histórico em si mesmo e dos seus alunos. (SCHMIDT, 2015, p. 518)

E mais uma vez, trazemos Freire, para o endosso da crítica que se faz, a falta de uma interlocução entre teoria e prática: “ Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses afazeres se encontram um no corpo do outro. (FREIRE,1997 p.32).

Pensando neste processo engessado e pouquíssimo construtivo, ousei repensar minha prática e produzir esta dissertação, que por sua vez, insere-se na linha de pesquisa: saberes históricos em diferentes espaços de memória. A referida linha tem como foco as variadas formas de representação e usos do passado no espaço público, com características distintas daquelas observadas especificamente no espaço disciplinar escolar do Ensino Básico.

A busca por experiências que possam contribuir para a melhoria da aprendizagem é algo a ser perseguido por todos, que desejam, de fato, tal melhoria. Entretanto, sabemos que o trabalho pedagógico efetivo é árduo, por vezes, solitário e um ato político, em sua essência. Paulo Freire assim nos diz: “ O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”(FREIRE,1997,p. 154)

Sabe-se também que, pode-se aprender e ensinar em vários espaços, nem sempre dentro de uma sala de aula. E que vivências e experiências em outros espaços de memória são muito importantes para crianças e adolescentes, em idade escolar e que podem e devem ser estendidas a todos os segmentos da Educação Básica e até do ensino superior.

Uma volta pelo pátio, pelos espaços internos da escola, como a sala de leitura, a quadra de esportes ou pela horta escolar ou jardim florido pode de fato, ser bastante enriquecedor. Pode aproximar colegas de turma e professores.(SAMPAIO,1996,p.17). Falas descontraídas, perguntas e saberes que por vezes, são pontapés iniciais em aulas de diversas disciplinas como História, Geografia, Ciências e outras tantas, que ganhariam e muito pelo encantamento e descobertas.

É com essa intenção, que a presente dissertação propõe a construção de uma proposta de um material didático sobre patrimônio, a partir da ideia de aula passeio de Célestin Freinet, utilizando o espaço físico da escola e o seu entorno. Para tanto, faz-se necessário a discussão com os educandos das várias possibilidades de se conceituar memória, a ideia de que os patrimônios histórico-culturais resultam de processos sociais, que envolvem disputas e silenciamentos, e conseqüentemente, buscando junto aos discentes a ressignificação desses espaços e monumentos visitados por eles.

Por isso, a participação dos alunos é primordial para eficácia da proposta desse material didático, pois partindo deles, com eles e para eles, os objetivos propostos tendem a serem de fato atingidos, mesmo que parcialmente. Como bem diz Freire: “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” (FREIRE,2010,p.67).

A princípio, a proposição dos capítulos foi feita com a intenção de facilitar o desenvolvimento da estruturação do projeto, sua sistematização e aplicabilidade. Partindo da construção teórica dos conceitos e apresentação dos autores e teóricos tanto do Ensino de História quanto da Pedagogia, para a apresentação da proposta pedagógica da

aula-passeio, um longo caminho, que é traçado e alicerçado, construído a partir do balizamento das referências teóricas, sem no entanto, o distanciamento da práxis pedagógica.

No primeiro capítulo intitulado, “Memória, História e Educação Patrimonial” trato dos conceitos de memória, História e educação patrimonial. Para entendermos a noção de memória, que orienta os debates atuais no campo da História. É necessário, em primeiro lugar, perceber que esse conceito, assim como outros, é uma construção cultural e varia de acordo com cada época e sociedade, se relacionando com seu passado e seu presente.

É muito importante e há de se fazer e trabalhar junto aos alunos, as semelhanças entre História e Memória, bem como suas singularidades e especificidades de objeto e estudo. Ao utilizar autores como Ulpiano Bezerra de Meneses (1998), Mário Chagas (2006), José Ricardo Oriá (1998), Marc Bloch (2008), Jacques Le Goff (2003), Pierre Nora (1993), Michael Pollak (1989), Pedro Paulo Funari e Marco César Pellegrini (2006), Márcia Chuva (2009), Paulo Knauss (2011), dentre outros, pretendemos a análise de como a Memória e o Patrimônio, de fato, tem várias possibilidades de olhares, desde a individual e particular até a coletiva, mais ampla e plural, ambas construídas socialmente.

A percepção de que certas histórias e monumentos são invisibilizados contribui para o debate acerca do que se ensina nos livros didáticos e nas aulas de História tradicionais e o porquê da invisibilidade e como romper com o ciclo dos grandes vultos e heróis. A resignificação é um caminho para romper com tal ciclo vicioso.

Já no segundo capítulo nomeado “ A História local no ensino de História e a história das instituições escolares” trago a História Local e a história das instituições, evocando um breve relato da história do bairro Vila Militar, enumerando espaços históricos relevantes e que possam ser utilizados, em uma aula-passeio e a história da própria unidade escolar Rosa da Fonseca, em seus vários tempos. Sendo assim, busco traçar um paralelo entre essas duas histórias e a possibilidade de resignificação do patrimônio histórico local, por parte dos alunos.

Busquei por imagens antigas e documentos de época, que visem contribuir para a construção de uma história local tanto do bairro quanto da escola nele localizado e consequentemente das identidades dos próprios alunos. Neste sentido o trabalho de José Roberto Frazão (2015) comemorativo ao centenário de criação da Vila Militar poderá contribuir como fonte de pesquisa, sem falarmos, dos arquivos do própria escola, de ex-alunos, professores e funcionários, do Exército Brasileiro, do Arquivo Nacional, Arquivo da cidade do Rio de Janeiro e do Centro de Referência da Educação Pública da

Cidade do Rio de Janeiro Anísio Teixeira (CREP-AT)¹, com seu rico acervo voltado à construção e preservação da memória da Educação da cidade do Rio de Janeiro. Outra fonte de pesquisa, inclusive pontuada pelos professores da Banca de Qualificação do Projeto foi a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com seus inúmeros e importantes periódicos, que se tornaram fundamentais para o recorte histórico documental do período analisado.

Partindo da análise histórica da educação pública da cidade do Rio de Janeiro, do período de inauguração da escola até os dias atuais, propiciou-se um recorte histórico das práticas educativas produzidas nesta instituição em consonância com as existentes neste período. Lembramos da importância do Rio de Janeiro, como capital da incipiente República, sua estrutura administrativa, que servia de modelo para os demais estados brasileiros.

Sendo assim trabalhar com autores como Paulo Freire (2010), Demerval Saviani (2018;2021), Jose Luis Sanfelice (2006), Ester Buffa e Paolo Nosella (2005), Maria João Mogarro (2016), Maria Auxiliadora Schmidt (2009;2012;2015), dentre outros foi de profundo enriquecimento a pesquisa e a escrita deste trabalho.

No terceiro capítulo, intitulado “Célestin Freinet e aula-passeio: uma proposta de ensino-aprendizagem’ fiz um breve relato das principais ideias e propostas pedagógicas implantadas por Célestin Freinet, principalmente na utilização discussão e utilização da aula-passeio, muito utilizada por ele. Lembraremos a importante figura do educador francês, do século XX, que apresenta uma mudança significativa e robusta na maneira de se ver a educação, principalmente na Europa, visto como modelo, para outros países pelo mundo, incluindo o Brasil. Sua importância é tamanha, que influenciou o surgimento de vários movimentos voltados à educação, dentre eles, o Manifesto dos Pioneiros da Nova, tendo como expoentes, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Cecília Meireles, entre outros educadores. Obras do próprio Célestin Freinet (1966; 1973;1978), sua filha Élise (1979), Rosa Maria Whitaker Sampaio (1996), Marisa Del Cioppo Elias(2002) e outros.

Desejamos propor a utilização da Escola Municipal Rosa da Fonseca como proposta de educação patrimonial, através da organização de um roteiro a ser organizado

¹ O Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro-Anísio Teixeira (CREP-AT) integra as Gerências da Escola Paulo Freire e é responsável por gerir e disponibilizar, ao público interno e externo, o acervo formado ao longo dos vários tipos de administração e momentos históricos, desde o Reinado de D. Pedro II até a atualidade. Esse acervo, digital e físico, constituído por narrativas em vídeos, textos, fotografias, documentos, mobiliário, publicações, entre outros, retrata parte da memória da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro e brasileira e espelha o patrimônio dessa Rede de Ensino.

em todas as suas etapas, pelos alunos das turmas de sexto ano e algumas do sétimo ano, da unidade escolar. De fato, este último capítulo será muito importante para a finalização desta pesquisa.

Detalharei a proposta do material pedagógico, ou seja, o roteiro de uma aula-passeio baseada na metodologia de Freinet, desde a sua organização até o seu encerramento com atividades, dentro de sala de aula, com as turmas envolvidas, passando pela proposição de uma aula-passeio e seu registro escrito e fotográfico.

O detalhamento da proposta visa expor melhor, aos leitores e possíveis interessados, nesta atividade específica, como pode ser o passo a passo das atividades planejadas para as turmas exemplificadas. Ou ainda, que essa possa contribuir para uma outra aula-passeio com questões semelhantes e também específicas em outras turmas e unidades escolares.

Ansiamos, inclusive, que tal proposta pedagógica, esteja presente no Projeto Político Pedagógico (PPP)² da unidade escolar e que outras turmas, anos de escolaridade e professores, inclusive de outras disciplinas, possam usufruir de tal experiência.

Após a proposta do projeto à Banca do Exame de Qualificação, como requisito para a conclusão do Mestrado, este sofreu alterações relevantes até a chegada da Banca de Defesa. Por questões administrativas e pessoais, o processo de redação e organização da dissertação, inclusive da proposição de aula-passeio propriamente dita, não pode ocorrer. Que fique aqui registrado, o desejo que esta no futuro possa ser colocado em prática e sair exitosa.

² PPP é a sigla para Projeto Político Pedagógico, um instrumento balizador para a atuação da instituição de ensino e, por consequência, expressa a prática pedagógica de uma escola ou universidade e de seus cursos, dando direção à gestão e às atividades educacionais.

1.MEMÓRIA,HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

1.1 Considerações iniciais

Como é complexo e amplo a definição de memória. E talvez tenha sido, a escrita desta parte do capítulo, a mais difícil de ser produzida, não pela pesquisa, mas pela amplitude do que se encontra nesta.

Talvez pela visão pessoal em que me encontro, tendo um familiar, que até pouco tempo dispunha de uma memória invejável e que hoje é tomado aos poucos, justamente pela doença que lhe consome a memória – o Alzheimer³. Talvez pela complexidade acadêmica, que este tema requer. Este capítulo, é o que tem uma visão particular, íntima, é ao mesmo tempo amplo, coletivo, plural. Memória tão cara e necessária, que ainda pode mesmo que parcamente , contribuir para a construção desta pesquisa.

E ao escolhermos o tema da pesquisa e seu objeto de estudo, a E.M.Rosa da Fonseca, tais memórias, mesmo que precariamente, poderiam servir como pontapé inicial e incentivo. Pois estariam intimamente ligadas à laços familiares, às desejaríamos também aprofundar.

Memórias tendem a ser vistas de diversas formas. Então faz-se necessário identificar de qual memória estaremos falando, como esta se relaciona com a História e com os outros conceitos a serem trabalhados também, como por exemplo, com o de patrimônio.

1.2 Conceito de memória

Ao se trabalhar com História, há a necessidade da construção dos conceitos a que esta estará vinculada. E cabe ao professor de História, essa construção com seus alunos, para que estes possam entender como se processa os fatos históricos.E sobre a História, Koselleck (2009,p.11) nos diz: “O termo história é convertido em instrumento normativo da luta política”. Sendo assim, não há como dissociá-lo da prática política em si. Ainda faz-se necessário, segundo Koselleck (2009) esclarecer e apresentar a História como ciência e o seu método de trabalho.

³ A Doença de Alzheimer (DA) é um transtorno neurodegenerativo progressivo e fatal que se manifesta pela deterioração cognitiva e da memória, comprometimento progressivo das atividades de vida diária e uma variedade de sintomas neuropsiquiátricos e de alterações comportamentais.(Ministério da Saúde).

“A história como ciência não tem um objeto de estudo que seja exclusivamente seu; ela tem que dividi-lo com todas as ciências sociais e humanas. A história como ciência distingue-se apenas pelos seus métodos e pelas normas, com cujo auxílio ela conduz a resultados comprováveis.”(KOSELLECK,2009,p.120)

A memória, segundo Le Goff (2003, p. 419), “[...] que tem como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A memória faz parte de um processo social em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas como seres que interagem uns com os outros ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas (SANTOS, 2003).⁴

Dentro de um contexto político, social e econômico, a informação configura-se como insumo de valor para o desenvolvimento da sociedade. Ressalte-se que esse desenvolvimento perfaz o alvorecer da ciência, tomando a informação elemento fundamental nessa construção.(p.82)

As considerações de Marc Bloch (2001), historiador francês, criador junto com Lucien Febvre, da renomada Revista dos Annales, são emblemáticas para aprofundarmos a discussão. De acordo com o autor, o homem e o tempo são os objetos de estudo da ciência histórica. Esse homem, enquanto sujeito e objeto do conhecimento histórico, passeia por diferentes temporalidades: o tempo sobre o qual ele escreve a história (passado) e o tempo em que a história é escrita (presente). Se tudo que vem do homem e serve ao homem é passível que se transforme em material para o conhecimento, esse homem – historiador – através de conceitos e métodos apropria-se do legado humano para a produção/ensino do conhecimento histórico. (BLOCH, 2001).

Tendemos a concordar com François Hartog, outro grande historiador francês, quando ao discutir a redefinição da “memória” e do “patrimônio” dentro do novo “regime de historicidade” que o Ocidente vive após a Queda do Muro de Berlim, símbolo de um período de separação entre pessoas, famílias, costumes dentro de uma mesmo país, que ocorreu em 1989, chama à atenção para o processo de presentismo – indícios, sintomas de nossa relação com o tempo – ao qual o regime de historicidade vem passando.

Nesse sentido, para o autor, “os lugares de Memória de Pierre Nora chegaram ao diagnóstico de uma patrimonialização (...) a mudança de um regime de memória a outro nos fazia sair da ‘história-memória’ para entrar em uma ‘história-patrimônio’”. (HARTOG, 2006,p.286)

⁴ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória coletiva e teoria social. São Paulo: Annablume, 2003.

Para Pierre Nora, historiador francês da terceira geração da Escola dos Annales, associado ao campo da chamada Nova História. (1993), “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.” (NORA,1993,p.15). Os lugares de memória apresentam um sentido mais amplo e múltiplo que o nome sugere. Ainda Nora (1993) define lugar de memória como:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um local de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual (...). Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993, pp. 21-22)

O que Nora enfatiza é que mesmo um objeto de uso pessoal pode ser um local de memória se nele for investido imaginação e lembranças. Cabe então à escola ajudar os alunos a construir uma noção de patrimônio cultural muito mais amplo. Nesse sentido, eles precisam pensá-los muito além dos espaços públicos e com significado para a sua coletividade. O Patrimônio também assume um caráter importante na formação da memória afetiva com o local e da identidade cultural do indivíduo.

Outro importante pensador e um dos grandes filósofos franceses, do período que se seguiu à Segunda Guerra é Paul Ricoeur, que em seu livro “A memória, a história e o esquecimento” (2007) nos traz a dualidade entre os conceitos de memória e esquecimento. A separação entre a memória tratada e estudada pelos neurologistas e psicanalistas é bem marcada neste trabalho, por Ricoeur, visando distingui-la da memória “pragmática”, que foge a simples lembrança, mas está relacionada ao fazer humano.(RICOEUR,2007)

Onde a própria construção da memória pode se dar de forma artificial e construída. Sendo assim a falta dessa memória histórica, pode ser vista “como apagamento dos rastros e como a falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada na cera” (RICOEUR,2007, p.27).

Os mesmos acontecimentos podem significar glória para uns e humilhações para outros. Desse modo, “se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem cura” (RICOEUR, 2007, p.95). Na experiência histórica, “excesso de memória aqui, insuficiência de memória ali, se deixam reinterpretar dentro de

categorias tais como as de resistência, de compulsão de repetição e, finalmente, encontra-se submetido à prova do difícil trabalho de rememoração” (RICOEUR, 2007, p.92).

Ademais, sendo impossível lembrar-se de tudo, é interessante perceber que também é impossível narrar tudo. Então, é o meio seletivo da narrativa que configura a memória de um povo. Sendo que tal seleção narrativa pode se dar por meio da ideologia. Nesse cenário, Ricoeur alerta para o perigo da história oficial, pois quase sempre esta é detentora das narrativas ideológicas.

A equação para compreendermos as relações e distinções entre memória, patrimônio e história é complexa. Ao fazer história, basicamente se historiciza patrimônio, haja vista serem as memórias que constituem o patrimônio material e imaterial – e que compõem os lugares da memória, os monumentos, os documentos/fontes para produção histórica. Portanto, ao se produzir/ensinar história, necessariamente estuda-se patrimônio. Olhando por este lado, patrimônio não é história, mas documento.

Ainda citando Michael Pollak (1989), este destaca a memória dos excluídos e marginalizados, cujas “lembranças confinadas ao silêncio permanecem vivas”. O pensador entende que a história oral é justamente o discurso que, ao emergir dos subterrâneos sociais, onde ficou durante longos períodos esquecida e sufocada pela cultura oficial, que ele chama de “memória nacional”, chega para “subverter o silêncio”, criando um campo de disputas pela memória, ao destacar os relatos pessoais. (POLLAK,1989, p. 3).

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (2000, p.63) ao afirmar que “Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.)...” nos faz refletir sobre o caráter perpetuação que a memória humana cumpre enquanto papel social.

Acompanhando o pensamento de Le Goff, para Von Simson existe uma memória individual e uma memória coletiva. O que diferencia ou aproxima uma da outra? Existe uma “memória individual” que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.

Há também aquilo que denominamos “memória coletiva”, que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. (Ibid) Ao tratar da memória coletiva, a autora entende que essa

memória “geralmente se expressa naquilo que chamamos de ‘lugares de memória’” – expressão usada por Pierre Nora (1993), um dos autores citado por Beatriz Boclin no seu texto. O que seriam esses “lugares de memória”? Von Simson (ibid) responde “que são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade”

Ou ainda Ulpiano Bezerra de Meneses, importante pesquisador, historiador e museólogo, que se dedica a estudar a contribuição da museologia para a construção do discurso histórico. Suas obras são utilizadas em inúmeros documentos e pesquisas acadêmicas que pretendem analisar o papel da História, da Memória na construção do patrimônio cultural, construído pelas sociedades humanas. E sobre a relação entre o historiador e o documento, Ulpiano de Meneses (1998) fala:

O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. Não há por que o documento material deva escapar destas trilhas, que caracterizam qualquer pesquisa histórica. (MENESES, 1998, p.9)

E sobre como trabalhar com os objetos pessoais, que com certeza, permeiam o trabalho do historiador e como este deve enquanto professor da disciplina História se atentar. Menezes, nos chama a perceber a necessidade da contextualização destes, pois “Mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõe, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático” (MENESES, 1998,p.11)

1.3 - Educação patrimonial e o ensino de História.

O conceito de patrimônio também é socialmente construído e reflete a sociedade à qual se refere. A origem da palavra remete à antiguidade romana numa acepção de propriedade e bens familiares do *pater* (pai de família). Versão muito próxima da pré-noção que se encontra corriqueiramente como sendo “*o que se tem*”, “*o que se possui.*”

A ideia de patrimônio como pertencente ao todo coletivo tem sua gênese após a Revolução Francesa do século XVIII, quando se criou comissões para preservar os monumentos tidos como de importância para a nação francesa e sua cultura. A opção de preservar monumentos e bem comuns se fortalece com o fortalecimento dos estados nacionais, que buscaram elementos para legitimar a identidade das nações. Porém é no

século XX que o termo e busca pela preservação do patrimônio ganha uma admirável investida de acordo com Pedro Paulo Funari e Marco César Pelegrini

A ênfase no patrimônio nacional atinge seu ápice no período que vai de 1914 a 1945, quando duas guerras mundiais eclodem sob o impulso dos nacionalismos. Alguns exemplos extremos mostram como mesmo os vestígios mais distantes, no tempo e no espaço, podiam ser lidos como parte da construção da nacionalidade. Assim, os italianos usavam os vestígios dos romanos para construir uma identidade calcada nesse patrimônio, restaurado, glorificado, exaltado como exemplo do domínio do mundo pelos romanos e seus herdeiros, os italianos.(FUNARI e PELEGRINI, 2006,pp. 20-21)

Os Estados passaram a buscar monumentos, objetos e escritos produzidos no passado para legitimar a forma mostrada no presente. De forma que esse patrimônio pudesse mostrar ao povo o caráter único que a nação veio erigindo ao longo dos anos.

Com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, após o final da segunda Guerra Mundial e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi legitimada a noção de patrimônio após a Conferência Geral da UNESCO reunida em Paris de 17 de Outubro a 21 de Novembro de 1972. Nesta conferência ficou ratificada a seguinte concepção de patrimônio cultural:

O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas (...) A Convenção definiu também que o Patrimônio Cultural é formado por monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas, formações geológicas e fisiológicas, além de sítios naturais. Nele a proteção ao ambiente, do patrimônio arqueológico, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais são objeto de atenção especial. Nesse sentido, a Lista de Patrimônio Mundial reside na conformação de um patrimônio comum, partilhado entre todos os países, (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016)

Utilizando o Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial escrito por Evelina Grumberg (2007) e distribuído pelo IPHAN considera-se que patrimônio cultural:

São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança. (GRUMBERG, 2007, 04)

Segundo o grande pesquisador brasileiro Ricardo Oriá (1998), o patrimônio cultural pode ser dividido em três grandes categorias. Primeiramente os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente – rios, peixes, vales, montanhas – que circundam os rios, recursos naturais, habitat natural. Em segundo lugar, os bens culturais – conhecimento, técnicas, saber e o saber fazer – compreendendo toda capacidade de sobrevivência do homem em seu meio ambiente. E, por fim, os bens culturais propriamente ditos que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos, obras e construções obtidas a partir do próprio meio ambiente e do saber-fazer humano. O tripé forma a dimensão natural ou ecológica, a dimensão histórica, artística e a documental.

Ainda segundo Caimi e Cassol (2012), essas categorias, comportam o patrimônio material, composto por um conjunto de bens classificados de acordo com sua natureza – arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; artes aplicadas; e o patrimônio imaterial: manifestações musicais, artísticas e religiosas populares.

Como consequência observa-se:

A patrimonialização galopante dos anos de 1990 em que ‘no decorrer desses anos, a vaga patrimonial, em sintonia com a da memória, portanto, tomou cada vez mais amplitude até tender para esse limite que seria o ‘tudo patrimônio’. Assim como se anuncia ou se reclama memórias de tudo, assim tudo seria patrimônio ou suscetível de tornar-se. A mesma parece reinar. A patrimonialização ou musealização se aproximando sempre mais do presente, foi preciso estipular, por exemplo, ‘que nenhuma obra de arquiteto vivo seria legalmente considerada como monumento histórico’. Isto é um indício muito claro deste presente que se historiciza, já evocado (HARTOG, 2006, p. 268)

Conceituando-se educação patrimonial, "entende-se a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas -- e os lugares e suportes de memória – no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educadores e futuros cidadãos da importância da preservação desses bens culturais." (ORÍÁ, 1998, p. 133). Educar para conhecer. Conhecer para preservar. Preservar os bens culturais para que se possa conhecer/produzir conhecimento sobre uma sociedade em determinado tempo e espaço, isto é história. Essa deve ser a finalidade da educação patrimonial. Partindo desse ponto, “as memórias de tudo”, têm muito a contribuir para a história.

Para Jacques Le Goff, o documento, por sua vez, é monumento. Sua produção está condicionada a vários fatores, informa sobre o modo de vida de quem os produziu, sua inserção social e, voluntária ou involuntariamente, ao impor ao futuro a sociedade imagem de si próprio, pereniza, monumentaliza situações, ideias e ações.

No Brasil, a chamada “*patrimonialização galopante*”, manifesta-se mais intensamente a partir da década de 1980, numa conjuntura marcada pelo processo de redemocratização, movimentos sociais e revisões historiográficas. Até esse momento, segundo Oriá (1998, p. 131) “*patrimônio era associado às palavras monumentos e edifícios antigos*”. Isso se deve à política de preservação desenvolvida pelo Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1937. Por essa política, preservaram-se “*as igrejas barrocas, os fortes militares, as casas-grandes e os sobrados coloniais. Esqueceram-se as senzalas, os quilombolas, as vilas operárias e os cortiços*.” (p. 131). Pretendia-se excluir “*as diferenças e a pluralidade étnico-cultural de nossa formação histórica. A memória que se queria preservar: memória unívoca e de um passado homogêneo e de uma História sem conflitos e contradições sociais*.” (p.132)

Segundo Márcia Chuva (2009)

O nacionalismo, configurado no Brasil como uma política de Estado nas décadas de 1930 e de 1940, foi marcado pela unidade nacional. Dentro dos limites de atuação do SPHAN, esse projeto significou o entrelaçamento de redes e de alianças e trocas que, nacionalmente, levariam à imposição de valores civilizatórios, estéticos e morais, ao construírem um ‘patrimônio nacional’.
(CHUVA, 2009, p. 22)

De acordo com a citação, podemos inferir que:

- a) Os valores que nortearam a criação do SPHAN⁵ eram os mesmos que fundamentavam a visão de mundo da República Velha.
- b) Modernismo e nacionalismo forneceram os subsídios para a formação do Estado nacional moderno e elegeram o patrimônio como veículo de legitimação.

⁵ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

c) Os modernistas foram os responsáveis por valorizar a arte moderna nos primeiros anos do SPHAN

. d) O romantismo foi uma das principais características do Brasil durante o Estado Novo, que permitiu a valorização do patrimônio do interior do país

e) O Estado Novo apregoava a defesa de valores oligárquicos, o que justificava a entronização da arte barroca mineira. A redimensão do conceito de patrimônio teve uma guinada com o Decreto nº 3.551 de agosto de 2000, que é um novo instrumento de preservação aos bens culturais de ordem imaterial ou intangível. O decreto “instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.” (BRASIL, 2000, p. 1)

Entendeu-se que havia urgência em se criar um mecanismo de tombamento e preservação “viável que tutelasse os bens imateriais, muito suscetíveis ao desaparecimento, frente à onda avassaladora da homogeneização cultural decorrente do processo de globalização” (FERNANDES, 201, p. 6).

Daí, as manifestações musicais, artísticas e religiosas populares, finalmente, poderiam receber o reconhecimento como patrimônio cultural da nação, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁶, órgão que atua na gestão, proteção e preservação do patrimônio histórico e artístico no Brasil.

Arelada às políticas de preservação patrimonial, não se pode esquecer:

A emergência dos movimentos sociais, populares, protagonizados pela mobilização dos trabalhadores, mulheres, negros, índios, homossexuais, etc. Reivindicam para si o alcance e o exercício dos direitos de cidadania e a participação política no processo decisório nacional. (ORÍ, 1998, p. 129)

Esses movimentos colocam na visibilidade o interesse pelo “resgate” de sua memória, como instrumento de luta e afirmação de sua identidade étnica e cultural (ORÍ, 1998)

⁶ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é a designação atual da instituição brasileira de preservação do patrimônio cultural criada em 1937 como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Essa denominação foi utilizada pela instituição em dois momentos: de 1970 a 1979; e a partir de 1994. Verbete Maria Beatriz Rezende, Bettina Grieco, Luciano Teixeira, Analucia Thompson

No Brasil, as décadas de 80 e 90 propiciaram uma conjuntura favorável às transformações, segundo Paulo Knauss (2011):

Não se pode deixar de salientar o fato de que a construção da democracia no Brasil a partir dos anos de 1980 impôs a necessidade de uma revisão historiográfica capaz de valorizar a diversidade da sociedade nacional. (...) A democracia impõe a compreensão do passado para a definição de laços sociais que dinamizam o presente. (KNAUSS,2011, p.9)

Atualmente, vemos a destruição de inúmeros monumentos de figuras históricas, como conquistadores europeus, escravocratas, representantes das coroas europeias dominantes à época das grandes navegações, em países como os Estados Unidos e no próprio Brasil. Que durante séculos estiveram representadas nestes monumentos, sejam por serem preservadas pelo Estado ou por grupos que veem nestas figuras representadas pelas estátuas, suas memórias e traços coloniais que não deveriam ser apagadas ou silenciadas. Pelo contrário, deveriam permanecer como se dissessem e se mantivessem, de fato, presentes na vida daquele espaço.

Como bem nos diz Aldira Guimarães DUARTE e Carlos F. Domínguez AVILA, no artigo Erguendo, removendo e ressignificando as estátuas: Olhares desde a experiência brasileira. Estudos Ibero-Americanos a partir dos conflitos raciais nos Estados Unidos e Europa há por parte dos grupos subalternizados uma verdadeira “guerra das estátuas” e seus desdobramentos também ocorrem no Brasil, principalmente sob a perspectiva das correlações entre patrimônio, memória coletiva e política cultural. O principal argumento traçado pelos autores do artigo sugere que, diante de estátuas polêmicas ou incongruentes com os valores das atuais gerações de cidadãos, as melhores alternativas seriam a ressignificação ou a remoção das mesmas.

Para além das implicações que a destruição de estátuas possa chegar a significar em termos de conservação e divulgação do patrimônio histórico, artístico, cultural e social, parece evidente que a destruição, a remoção e/ou a ressignificação de tais expressões de arte pública estão associadas a uma luta pela recomposição da memória coletiva (2022,p.5)

Falas de grupos subalternizados e vistos como minoria (negros, mulheres, estrangeiros, pobres, homossexuais e outros) passam a ter voz e conclamam, a população local para tais retiradas. Ainda DUARTE; AVILA nos esclarece:

Chegados a este ponto, a atual guerra das estátuas pode ser definida como a destruição, a deposição e/ou a ressignificação de

algumas obras de arte pública, principalmente no caso de personalidades ou instituições históricas associadas ao racismo, à discriminação, à exploração, à injustiça social, ao colonialismo interno, ao autoritarismo – incluindo o militarismo e o personalismo –, e ao patriarcado. (2002,p.6)

Monumentos de exploradores, escravocratas, líderes, ditadores, passaram a ser “destronados”, retirados de seus pedestais pela população incomodada e que convivia até adquirirem conhecimento histórico do que tais monumentos representavam. A partir da informação e compreensão do que representavam, já não cabiam serem vistos com destaque, chegando ao ponto da exaltação.

No caso brasileiro, os principais alvos de inconformidade e insatisfação foram estátuas e monumentos erguidos para celebrar e comemorar figuras e instituições correlacionadas à conquista e colonização portuguesa – e sua continuidade no período monárquico-imperial do século XIX –, particularmente aqueles que mais claramente são identificados por práticas escravistas, racistas, supremacistas ou patriarcais (2002,p.12)

Outra pesquisadora importante nesta área, a professora de História Heloísa Starling, observa o movimento como legítimo e “correto”, mas admite que é necessário evitar o risco de uma possível consequência: a de “reescrever ou apagar a história”. Para a professora, “quanto mais nós sabemos sobre o passado, mais forte será o tipo de ação que nós vamos construir para que não se repita. É mais importante construirmos uma ação política que detenha o conhecimento do que simplesmente destruir”

As discussões sobre a educação patrimonial no Brasil começam a ser sistematizadas a partir dos anos 1980, momento no qual os conceitos sobre o assunto começam a ser debatidos. Foi neste contexto que, de um lado, os movimentos sociais se organizaram reivindicando sua participação na recondução democrática do país e, de outro, as lideranças políticas, de forma coordenada, empreenderam esforços para a consolidação do processo democrático nacional

A Constituição Federal de 1988⁷ foi um marco desta conquista. Este documento ampliou o conceito de patrimônio cultural, bem como apontou a necessidade de sua preservação através de instrumentos como os inventários e os tombamentos, deixando aberta a possibilidade de se criarem mais instrumentos de preservação. Se, no primeiro

⁷ BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, 1988.

caso, a Carta Magna reforçou a ideia de que o patrimônio cultural – tangível e intangível – representa a diversidade nacional, no segundo caso, nos permitiu pensar que as ações educativas em relação a ele também poderiam ser consideradas formas de preservação.(BRASIL,1998)

Foi com base nesta ideia que tanto a sociedade quanto os órgãos de preservação do patrimônio passaram a considerar a educação patrimonial como mais uma possibilidade de preservação, afinal, de que forma podemos preservar aquilo que não conhecemos ou que julgamos não fazer sentido para nós? Com o objetivo de tornar o patrimônio cultural acessível à população é que foram pensadas, a partir de então, estratégias para criar, desenvolver e implementar programas de cunho didático para aproximar as pessoas do patrimônio cultural.

As primeiras iniciativas aconteceram nos museus, utilizando seu acervo para tal fim. Na atualidade, em vista das demandas que a sociedade impõe, estas estratégias se flexibilizaram justamente para se adequar às variadas manifestações culturais existentes no país.

É a partir destas discussões, iniciadas nos anos 1980, que proliferam inúmeras experiências na área. Vamos fazer referência a duas destas experiências, por acreditarmos que são marcos importantes de seus contextos: uma delas é a criação do Guia Básico de Educação Museus e educação para o patrimônio Patrimonial, lançado em 1999, e a outra é a criação das Casas do Patrimônio, nos anos 2000.

O Guia Básico de Educação Patrimonial, elaborado em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), com o Museu Imperial, foi o resultado de uma atividade coordenada por Maria de Lourdes Horta, museóloga e diretora do Museu Imperial, e publicado pelo próprio Museu e pelo Departamento de Promoção do IPHAN/Minc⁸. Segundo o Guia, podemos entender a educação patrimonial como:

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

⁸ Minc: Ministério da Cultura.

Este documento ressalta, ainda, que o reconhecimento do patrimônio pelas comunidades é a chave para preservação desses bens culturais e que esse é o desafio da educação patrimonial. Entre outros aspectos, o Guia se constitui em um importante documento que serve como referência de como, na prática, empreender ações educativas nos mais variados espaços. O Guia Básico de Educação Patrimonial tornou-se uma ferramenta importante.

Esse movimento culminou com a publicação da Portaria número 137, de 28 de abril de 2016, que estabeleceu as diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do IPHAN e das Casas do Patrimônio (IPHAN, 2016). São elas os espaços destinados à prática de ações educativas e instrumentos estratégicos de implementação da política de Educação Patrimonial pelo Iphan [...] quando resultantes de um arranjo institucional entre o Iphan, a comunidade local, sociedade civil e demais instituições públicas e privadas, para promoção de ações educativas, visando fomentar e favorecer a construção do conhecimento e a participação social para o aperfeiçoamento da gestão, proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural brasileiro (IPHAN, 2016, p.6)

Enfim, são inúmeras as propostas de educação patrimonial que existem no Brasil. Muitas ligadas a espaços não formais de aprendizagem, como os museus e arquivos, além de outras tantas realizadas em espaços formais de aprendizagem, como as escolas. Em ambos os espaços, é importante ressaltar o papel do historiador nesse processo, pois

No caso da história, o momento apresenta-se especificamente fecundo, pois todo esse movimento de tentativa de instauração de uma universidade diversa é convergente com outros movimentos internos à disciplina: de um lado, a renovação de temáticas, objetos, suportes documentais, fontes alternativas, que vêm, desde os anos 1980, fomentando a renovação do debate teórico; de outro, a pressão dos movimentos sociais que reivindicam espaços no território da História, instaurando a necessidade de alteração da formação dos historiadores de ofício. Nesse sentido, o lugar do historiador, da operação do seu ofício, está em espaço público ampliado. A quem serve o historiador? Essa questão obriga os historiadores a tomarem o seu ofício, assim como as operações de problematização da memória e da história, em diversos espaços: no espaço escolar, disputado pelos movimentos sociais como lugar da construção de suas identidades e da difusão de suas memórias; nos espaços culturais, que as políticas de preservação cultural

vêm construindo; na imprensa de divulgação do conhecimento, cada vez maior, entre outros. (TOLEDO; COSTA, 2014, p. 17)

Nesse sentido, problematizar a forma como se trata o patrimônio e a memória, a partir de todos os desafios apontados pelos autores acima citados, apresenta-se como um instrumento indispensável a partir do qual se pode refletir sobre a importância do ofício do historiador na contemporaneidade, tanto naquilo que diz respeito ao saber escolar, quanto naquele mais abrangente do processo de ensino aprendizagem no espaço público, que cabe também ao historiador.

Nesse sentido, é muito importante a adoção de uma metodologia que pense a educação patrimonial como uma forma de problematizar o bem cultural e, a partir daí, construir sentidos para que sua apropriação seja feita pela sociedade. São muitos os exemplos que podem nos inspirar a construir uma prática que envolve a educação patrimonial e que nos fornecem subsídios para que possamos nos apropriar dos bens culturais e preservá-los.

A professora Simone Scifone, no texto *Para repensar a educação patrimonial*, alerta para a necessidade de se repensar o lugar e o papel da educação patrimonial na sociedade contemporânea:

Repensar a Educação Patrimonial dentro da ideia de uma nova pedagogia requer, assim, romper com a tradição da transmissão da cultura baseada na celebração daquilo que se configurou como barbárie. Um exemplo disso tem sido o tratamento dado em Educação Patrimonial aos bens testemunhos da colonização portuguesa, postura que celebra a técnica, seja ela a arquitetura de pedra e cal ou a da taipa de pilão, tratando o patrimônio como objeto reificado e fetichizado, que se explica em si mesmo, como produto meramente de sua técnica ou sua arquitetura. Um olhar a contrapelo pede a inserção destes bens em sua totalidade explicativa, um contexto histórico de relações conflituosas de defesa de uma terra invadida e apropriada por estrangeiros, de expropriação, de extermínio e escravização de sua população. (SCIFONI, 2015, p. 202)

Iniciamos então aqui, falando da Constituição Federal de 1988, a chamada “Constituição Cidadã”, que em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada

com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL,1988). Sendo assim, durante mais de trinta anos, projetos e regulamentações, visaram de fato, colocar em prática tal preceito.

Em decorrência dessa mudança de visão política, proposta pela Carta Magna de 1988, são elaborados pelo Ministério de Educação os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ,em 1998. Para Schmidt (2012, 86), o marco definidor da volta da História, como disciplina autônoma, foi a criação destes.

Aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2001), foram adicionados os chamados temas transversais, permitindo que os professores trabalhassem diversos assuntos, como cultura e meio ambiente, através de novas formas de transmissão do conhecimento (atividades extraclases, por exemplo). Nesse sentido, a Educação Patrimonial também foi incluída.

No entanto, Régis Lopes Ramos afirma que ao tratar a memória (ou patrimônio) o grande desafio para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de História é a diferença entre esta e o conceito de memória:

É nítida a ideia de criticar os monumentos dos “grupos sociais dominantes” e isso se trata, evidentemente, de um procedimento da própria pesquisa histórica. Por outro lado, o verbo criticar parece se reduzir ao verbo ampliar. Assim como ocorre em outros documentos oficiais, sobretudo quando há referências ao “direito à memória”, essa linha de raciocínio permite a seguinte conclusão, geralmente abraçada pelas “ONGs”: diante do patrimônio da elite excludente, a solução seria resgatar o patrimônio do povo excluído. Há certa insegurança de se colocar a memória como objeto da história (RAMOS, 2010, p. 406)

A fim proporcionar a melhoria da prática pedagógica e aquisição do capital cultural tanto por parte dos alunos atendidos, quanto pela comunidade escolar em geral, reforçando, citamos Maria de Lourdes Parreira Horta:

A metodologia da Educação Patrimonial vem ao encontro da necessidade de desenvolver no meio escolar a promoção de conhecimento, pois compreendemos a educação patrimonial como o caminho de ressignificação da escola, transformando-a em espaço de questionamentos e ampliação da consciência social, pois a Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural, que leva o indivíduo a ler o mundo que o cerca, compreender o universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.” (HORTA et. al. 1999, p. 6).

Mário Chagas, historiador, museólogo, diretor atual do Museu da República

afirma:

O território fértil e propício para a imaginação criadora e generosa tem estrias produzidas pela memória; a possibilidade de criação humana habita e mora na aceitação da tensão entre recordar e esquecer, entre o mesmo e a negação da mesmice, entre a permanência e a mudança, entre a estagnação e o movimento. (CHAGAS,2008, p.195):

Também é de suma importância evocar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96⁹ (LDBEN 9394/96), que prevê em seu artigo 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996). Ampliando, assim, o que se entendia até então, como modelo de educação formativa e seu quase exclusivo espaço de desenvolvimento, que era a escola. Os saberes familiares, de movimentos e organizações sociais e incluindo os culturais, passam legalmente a serem reconhecidos pela legislação educacional, entretanto, a busca por este estabelecimento de fato, passava a ser o desafio proposto.

Já no seu artigo 26, a LDBEN enfatiza “a parte diversificada dos currículos dos ensinos fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino voltada para a divulgação do acervo cultural dos estados e municípios” (ORIÁ, 1998, p. 142)

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁰, outra política pública, também elaborada pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2017) visando a organização e normatização das aprendizagens essenciais dos alunos nas diversas etapas e modalidades de ensino da Educação Básica e no que tange à disciplina História, esta nos diz:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documentos (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas

⁹ Responsável por regulamentar a estrutura e o funcionamento do sistema de educação do país, a lei definiu os objetivos a serem atingidos e reforçou o caráter federativo da educação brasileira.

¹⁰ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história. (BRASIL,2017, p.398)

Sabemos que a BNCC, traçou dezenove habilidades desejadas para o componente História. Aqui exemplificaremos duas habilidades¹¹ que serão observadas em nossos alunos, especificamente, na realização da proposta pedagógica da aula-passeio. A primeira habilidade proposta pela BNCC para o componente curricular História, para o sexto ano de escolaridade é EF06HI01, que propõe que o educando deva identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas). Onde poderemos observar, se durante as aulas, que antecedem a realização da aula-passeio propriamente dita, o aluno consegue compreender a noção de tempo histórico e a periodização dos processos históricos. Por isso, a BNCC nos diz:

Por todas as razões apresentadas, espera-se que o conhecimento histórico seja tratado como uma forma de pensar, entre várias; uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. Enfim, trata-se de transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive. (BRASIL,2017,p.401)

Outra habilidade elencada pela BNCC para História e que trazemos para o arcabouço da proposta pedagógica é a EF06HI02, que diz que o estudante deve ter a habilidade de identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas. Essa habilidade é muito interessante de ser observada nos alunos desse ano de escolaridade.

A curiosidade, característica acentuada da faixa etária dos alunos do sexto e sétimo anos, faz com que alguns, assistam muitos vídeos sobre descobertas arqueológicas, principalmente da Era Jurássica da Terra ou das Mitologias grega, romana ou nórdica e queiram demonstrar tais conhecimentos. Por vezes, confundem períodos,

¹¹ Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza”.

provocam anacronismos históricos ou até multiplicam erros crassos de periodização e veracidade de fontes.

Todas as habilidades propostas pela BNCC, que por obrigatoriedade devem configurar os currículos escolares nacionais, já aparecem na organização curricular da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, conseqüentemente nos livros didáticos e cadernos pedagógicos utilizados nesta rede de ensino. Também no material audiovisual produzido pela MultiRio .

2- A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E A HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

2.1- Considerações iniciais

No segundo capítulo, tratamos sobre alguns pesquisadores que buscam tratar da relevância do estudo da História das instituições e da História Local para as pesquisas que se dedicam a traçar uma relação entre ambas e a utilização destas por educadores e historiadores. Evocamos um breve relato da história do bairro Vila Militar, enumerando espaços históricos relevantes e que possam ser utilizados, em nossa aula-passeio e a história da própria unidade escolar Rosa da Fonseca, em seus vários tempos. Sendo assim, buscaremos traçar um paralelo entre essas duas histórias e a possibilidade de ressignificação do patrimônio histórico local, por parte dos alunos.

Buscamos incessantemente, por imagens e documentos, de diversas épocas e períodos, como o surgimento do bairro e da unidade escolar, que visassem contribuir para a construção de uma história local tanto do bairro quanto da escola nele localizado e conseqüentemente das identidades dos próprios alunos. Neste sentido o trabalho de José Roberto Frazão (2015) comemorativo ao centenário de criação da Vila Militar contribuiu como fonte de pesquisa, sem falarmos, dos arquivos do própria escola, de ex-alunos, professores e funcionários, do Exército Brasileiro, do Arquivo Nacional, Arquivo da cidade do Rio de Janeiro e do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro Anísio Teixeira (CREP-AT)¹², com seu rico acervo voltado à construção e preservação da memória da Educação da cidade do Rio de Janeiro.

¹² O Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro-Anísio Teixeira (CREP-AT) integra as Gerências da Escola Paulo Freire e é responsável por gerir e disponibilizar, ao público interno e externo, o acervo formado ao longo dos vários tipos de administração e momentos históricos, desde o Reinado de D. Pedro II até a atualidade. Esse acervo, digital e físico, constituído por narrativas em vídeos, textos, fotografias, documentos, mobiliário, publicações, entre outros, retrata parte da memória da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro e brasileira e espelha o patrimônio dessa Rede de Ensino.

Partindo da análise histórica da educação pública da cidade do Rio de Janeiro, do período de inauguração da escola até os dias atuais, que propiciam um recorte histórico das práticas educativas produzidas nesta instituição em consonância com as existentes neste período. Lembramos da importância do Rio de Janeiro, como capital da incipiente República, sua estrutura administrativa, que servia de modelo para os demais estados brasileiros.

Na seção dois ponto cinco, descrevemos o que se conhece da biografia da patrona da unidade escolar, Dona Rosa da Fonseca, pois são escassas as fontes de pesquisa, visto que, só recentemente dona Rosa se tornou verdadeiro objeto de pesquisa, especialmente com o evento da sua entronização como Patrona da Família Militar. Buscamos vê-la como mulher, mestiça, nordestina e retirante, que se iguala à milhares de mulheres, inclusive mães, tias, madrinhas, irmãs de nossos alunos, principalmente no sofrimento pela perda de seus filhos assassinados.

2.2- A História das instituições escolares

O capítulo II tem início com algumas reflexões sobre a importância que a História das instituições escolares vem ganhando nos últimos anos. No Brasil, a preocupação em relação aos arquivos para pesquisa educacional é recente e pouco disseminada; no entanto, a pesquisa em história da educação é realizada mediante a análise de documentos conhecidos ou reconhecidos como fontes para a investigação histórica. Assim nos fala José Luiz Sanfelice em seus textos, que se debruçam sobre esse novo campo de pesquisa e sim relata: “Produzir o estudo da história das instituições escolares tornou-se uma prática bastante comum entre os historiadores da educação mais recente.”(SANFELICE,2008,p.12)

Os arquivos são elementos importantes no processo de pesquisa, pois eles disponibilizam as fontes que servem de base para a realização da investigação histórica. E no caso, dos arquivos escolares, eles “falam” muito sobre a instituição a que se referem. Mesmo no apagamento e no silenciamento de informações escolares, podem contribuir para se contar como a instituição escolar se organizou durante seu tempo de existência. Por isso, ao pesquisá-los todo o manejo e cuidado por parte do pesquisador é de suma importância para a preservação desses documentos e suas

informações. Imagina-se um arquivo inativo que reúne informações com mais de uma centena de anos, em que condições físicas, se apresentam tais documentos.

A história da educação tem passado por uma discussão e renovação do conceito de fontes, escritas, iconográficas, pictóricas, audiovisuais ou arquitetônicas, importantes para investigar o passado. A ampliação do conceito do que se pode utilizar como fonte passou a contemplar a possibilidade do estudo de instituições escolares como elementos importantes na escrita da história da educação regional e brasileira

Para discutir a temática proposta, inicialmente serão analisadas a trajetória da pesquisa em história da educação no Brasil e a pesquisa sobre instituições escolares. Em seguida, será discutida a questão das fontes para pesquisas sobre instituições escolares: levantamento, organização, catalogação e análise dos documentos. Por fim, será analisada a pesquisa em arquivos, com ênfase na importância dos arquivos escolares.

A história da educação, enquanto disciplina, tem sua trajetória diretamente associada ao curso de Pedagogia, que começou a se desenvolver em alguns países da Europa e nos Estados Unidos. A disciplina apareceu nas universidades europeias no final do século XIX para atender à necessidade de um ensino sistemático da pedagogia. No Brasil, desenvolveu-se, sobretudo, nas escolas do chamado Normal e nos cursos de formação de professores (LOPES; GALVÃO, 2001). A história da educação é uma disciplina bastante recente. Segundo Clarice Nunes e Marta Maria Chagas de Carvalho, “a história da educação, como disciplina escolar, é apresentada pelo seu conteúdo e pela organização institucional que lhe deu suporte no seu momento fundador: o século XIX” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 19).

Embora o objeto da história da educação sejam as sociedades e suas produções materiais, ela, enquanto disciplina, não se desenvolveu como uma área da história. Lopes e Galvão destacam ter sido praticamente ignorada pelos historiadores de ofício (LOPES; GALVÃO, 2001). Saviani afirma que se desenvolveu “como um domínio de caráter pedagógico paralelamente, e, mesmo, à margem das investigações propriamente historiográficas” Devido à influência da Escola Nova, que pôs a psicologia, a biologia e a sociologia como disciplinas centrais para educação e para

compreensão do fenômeno educativo, a história da educação foi considerada secundária no próprio campo da educação (LOPES; constituição como uma área de pesquisa propriamente dita. António Nóvoa tem uma visão semelhante e diz que a história da educação tem sido considerada uma disciplina menor, tanto por uns como por outros: uns a consideram como um prolongamento da História; outros não lhe concedem o espaço de intervenção pedagógica que lhe pertence (NÓVOA, 2004). Todavia, na percepção de Saviani, o estágio atual da história da educação ocupa lugar próprio no espaço acadêmico da pedagogia, no qual se firmou como disciplina obrigatória (SAVIANI, 2013a). GALVÃO, 2001). O fato de a trajetória da disciplina estar ligada à pedagogia dificultou sua (SAVIANI, 2013b, p. 167).

As pesquisas, nesse período, na percepção de Paolo Nosella e Ester Buffa, possuíam duas características principais, a saber: a escolarização da produção da pesquisa e a reação à política dos governos militares (NOSELLA; BUFFA, 2005). Os temas mais comuns eram aqueles que discutiam a relação entre educação e sociedade.

Houve, nesse período, um fortalecimento do pensamento crítico e um retorno aos autores clássicos. Os estudos sobre a sociedade eram os mais frequentes. Num outro momento da historiografia da educação brasileira, a instituição escolar passou a receber mais atenção. Esta terceira fase teve início nos anos 1990 e pode ser caracterizada pela consolidação da pós-graduação no Brasil (NOSELLA; BUFFA, 2009).

Intensamente influenciada pela nova história e pela história cultural, a produção historiográfica desse período privilegiou questões mais pontuais da historiografia Revista Linhas, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 175-199, jan./jun. 2014. p.180 Linhas educacionais, com objetos singulares, descolados de seu quadro maior. Sob a alegação de que o estudo da sociedade em sua totalidade era insuficiente para explicar as particularidades histórico-educacionais, ganhou impulso significativo a investigação de fenômenos educativos isolados como possibilidade de respostas às indagações que se faziam. Esse período deixou como legado positivo a diversificação teórico-metodológica e a ampliação das linhas de investigação, o que abriu caminho para pesquisas de objetos aparentemente pontuais, os quais, quando analisados em seu quadro maior, podem fornecer subsídios relevantes para a construção da história da

educação sob outros prismas, que privilegiam as peculiaridades da história regional, sempre articulada com a história geral (NOSELLA; BUFFA, 2006).

A pesquisa sobre instituições escolares conquistou amplo espaço nos programas de pós-graduação em educação. Desde a década de 1990, a temática que discute a história e a historiografia das instituições educativas atraiu um considerável número de pesquisadores, vinculados, em sua maioria, à história da educação (ARNAUT DE TOLEDO; ANDRADE, 2013)

Novos olhares foram dirigidos pelos investigadores da história da educação sobre o património e a história da escola, privilegiando também as memórias dos actores educativos e desenvolvendo projectos de investigação e intervenção sobre essas temáticas. Por seu lado, um conjunto significativo de iniciativas, de natureza e objectivos muito diversos, evidenciaram a dimensão mais vasta desse interesse, enraizando-o numa procura social de identidade e de recuperação da memória em torno da escola. A identificação desse movimento profundo conduziu-nos à necessidade de valorizar e recuperar os documentos que a escola foi produzindo sobre ela própria, quotidianamente, na actividade regular com que foi tecendo a sua própria história.(MOGARRO,2016,p.111)

A possibilidade de se escrever a história da educação brasileira e regional sob um prisma diferente daquele que dá espaço apenas às narrativas emanadas de documentos oficiais tem sido um importante elemento motivador para as pesquisas sobre instituições escolares. É uma proposta que visa à valorização das peculiaridades regionais, sem desconsiderar as dimensões nacionais. Ao analisar as características de uma determinada instituição, espacial e geograficamente determinada, nasce a possibilidade de conhecer o contexto histórico-político e social que a criou (ANDRADE,2011)

Dermeval Saviani importante pensador e educador brasileiro resgata em sua pesquisa o histórico das tendências pedagógicas, tornando mais nítidos os entraves da educação brasileira. No livro “Escola e Democracia”, o autor dá seus primeiros avanços sobre esse aspecto e também busca enfocar os ideais traçados por essas tendências dentro da escola para serem difundidas direta e indiretamente na sociedade.

Duras críticas aos inúmeros movimentos educacionais como o Escolanovista, por exemplo, que pretendiam a mudança de foco no processo de aprendizagem, mas que na visão do autor pouco contribuíram para tal processo.

É nessa direção que surgem tentativas de constituição de uma espécie Escola Nova Popular. Exemplos dessas tentativas são “Pedagogia Freinet”; na França e o “Movimento Paulo Freire de Educação”; no Brasil. Com efeito, de modo especial no caso de Paulo Freire, é nítida a inspiração da “concepção ‘humanista’ moderna de filosofia da educação”, através da corrente personalista (existencialismo cristão). Na fase de constituição e

implantação de sua pedagogia no Brasil (1959-1964), suas fontes de referência são principalmente Mounier, G.Marcel, Jaspers. (SAVIANI,1999, p.77)

Entretanto, Saviani faz também a constatação que talvez menos desejaria:

As críticas à pedagogia tradicional formuladas a partir do final do século passado foram, aos poucos, dando origem a uma outra teoria da educação. Esta teoria mantinha a crença no poder da escola e em sua função de equalização social. Portanto, as esperanças de que se pudesse corrigir a distorção expressa no fenômeno da marginalidade, através da escola, ficaram de pé. Se a escola não vinha cumprindo essa função, tal fato se devia a que o tipo de escola implantado - a escola tradicional - se revelara inadequado. (SAVIANI, 2018, p.19)

Contraponto Saviani temos Paulo Freire, um dos mais respeitados educadores do mundo do século XX, reconhecido mundialmente pelo seu método de alfabetização, voltado para jovens/adultos, que não sabiam ler e que partiriam de suas vivências para a construção desse processo de aprendizagem. Nesse sentido, a importância de Freire se estende à construção do aluno enquanto cidadão e este consciente do seu papel na sociedade que ajuda a construir. Um sujeito agente da sua própria história, no seu caráter humano e político.

O número de novos objetos analisados a partir de sua historicidade tem crescido consideravelmente. Novos temas, como: instituições escolares, práticas educativas, políticas educacionais, educação rural, educação indígena, educação especial, educação a distância, entre outros, entraram na pauta da historiografia da educação. Sobre a importância dos estudos das instituições escolares para a história da educação brasileira, Dermeval Saviani salienta que “propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras implica a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável, têm uma história que nós não apenas queremos, mas também necessitamos conhecer” (SAVIANI, 2013a, p.29).

A instituição é produto da ação humana. Ela é voltada a atender as necessidades presentes. No caso das instituições escolares, especificamente, é correto dizer que elas surgem para atender a necessidades humanas, pois não é toda e qualquer necessidade que requer uma instituição. Segundo Saviani, a palavra instituição guarda a ideia comum de algo que não estava dado e que é criado, posto, organizado, constituído pelo homem. A instituição se apresenta como uma estrutura material e é constituída para atender às necessidades humanas. Pode-se dizer que uma instituição é criada para permanecer. As necessidades passageiras, de caráter conjuntural, são

normalmente atendidas sem necessidade de se recorrer a atividades institucionalizadas (SAVIANI, 2013b)

Cabe destacar que as instituições não são entidades isoladas da realidade social, mas produto de determinações exteriores. As instituições escolares se constituem a partir da história dos homens em meio ao processo de produção da vida social. José Luís Sanfelice afirma que “as instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional” (SANFELICE, 2007, p. 78-79). O mesmo, em termos semelhantes, afirma Araujo (2007)

Assim, nos fala Mogarro (2016)

A instituição escolar constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo também a produtora dos traços / documentos dessa cultura. Esses documentos configuram, na sua diversidade e variedade, o patrimônio educativo de cada instituição - o espaço físico (edifício e zona envolvente) corporiza esse universo; os espólios arquivístico, museológico e bibliográfico integram os documentos, portadores de informações valiosas e que nos trazem, do passado até ao presente, aspectos da vida da escola e que tomam possível escrever o itinerário da instituição. (MOGARRO,2016,p.10)

E continua afirmando:

São fontes / produções múltiplas, que reflectem a própria multidimensionalidade e complexidade das realidades educativas, assim como a diversidade e pluralidade dos meios de intervenção dos actores educativos. Esses documentos apresentam perspectivas diversas, que permitem apreender a realidade educativa e contribuem para uma riqueza significativa de dados e das análises que sobre eles se podem realizar. (MOGARRO,2016,p.11)

Entretanto BUFFA e NOSELLA (2006,p.5), alertam sobre os perigos metodológicos que este tipo de pesquisa pode trazer “porque o envolvimento do estudioso é fácil, o difícil é produzir um resultado final e proveitoso.”

Ou outro risco iminente: “ [...] por mais sedutoras que sejam essas pesquisas, não se pode admitir que a descrição pormenorizada de uma desta instituição escolar deixe de levar o leitor à compreensão da totalidade histórica.” (NOSELLA , BUFFA,2006,p.5)

De fato, a investigação e a pesquisa junto aos documentos produzidos pela instituição escolar analisada contribui e muito para a análise desta. A sua ausência, deve fato, é muito sentida pelo pesquisador e o acesso pode contribuir muito para a pesquisa. Lembrando não ser esta de fácil acessibilidade e sua ausência também diz muito sobre o que se pesquisa e que caminhos, o pesquisador pode seguir.

2.3- A História local e o ensino de História

Durante muitos anos, a História local e regional, não tinham espaço nos estudos acadêmicos, quanto na bibliografia produzida nas Universidades. De fato, um olhar diferenciado, no que tange, o ensino de História local, para a prática pedagógica e como essa pode efetivamente contribuir para a aprendizagem, vem ganhando muita força nos últimos anos.

As primeiras reflexões sobre a importância do ensino da história local surgem ainda na Pedagogia com Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII, em sua obra “Emílio” ou “Da Educação”. A obra vista como filosófica, orientava a aprendizagem a partir da observação da natureza e do entorno.

John Dewey (1913), no século XX, apontava para a relação entre a História local e o aprendizado infantil, dando ênfase que a criança tinha um interesse relevante por aquilo com que se relaciona diariamente (apud SCHMIDT, 2007, p.187).

Roger Cousinet (1950) indicava a História Local como uma forma de evidenciar os pontos escuros da história geral, afirmando que reconhecia “mais na história local um valor pedagógico porque ela coloca a criança em presença de realidades (COUSINET, 1950 apud SCHMIDT, 2007:187) Entretanto, apontava algumas ressalvas em relação ao tema. Primeiramente porque a referência ao meio natural da criança seria uma proposição dúbia, visto que, nem sempre o ambiente natural condiz com o ambiente real. Havia uma incredulidade, pois não se tinha certeza se o estudo da história local levaria ao amor pelo entorno ou um reconhecimento de pertencimento das crianças com os lugares onde viviam.

Schmidt e Cainelli, na obra Ensinar História (2009), manual didático voltado para professores de educação básica, discutem no capítulo “ O Conceito de História Local e o Ensino de História” as possibilidades do uso da História Local como estratégia de aprendizagem. Delimitando o conceito e apontando para a presença deste nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as autoras argumentam sobre a importância da História Local ser entendida em sua relação com as outras localidades. “Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço” (PCN História e Geografia p.40).

Pela limitação do tempo, pela característica da idade e até mesmo pela falta de observância deste professor, o aluno recém chegado busca meios para conhecer os espaços da escola, seja por curiosidade ou necessidade. Assim, citam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

O estudo do meio é, então, um recurso pedagógico privilegiado, já que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte. É fundamental para o estudante que está começando a ler o mundo humano conhecer a diversidade de ambientes, habitações, modos de vida, estilos de arte ou as formas de organização de trabalho, para compreender de modo mais crítico a sua própria época e o espaço em seu entorno. (PCN História, p.27)

Sensatamente, Freire (1997), ao falar de vivências e realidades, nos questiona:

“Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?” (FREIRE, 1997 p.34)

Ainda, dado o contexto de mundialização do período contemporâneo, esta abordagem contribuiria para o contato com histórias individuais, muitas vezes, silenciadas ou apagadas, além de ser uma estratégia pedagógica que se aproxima da realidade do aluno.

Em meio às turbulências do final da década de 1960, surge a ideia do “direito à cidade”, expressão clássica tomada de empréstimo do filósofo francês Henri Lefebvre e definida por HARVEY (2012) desta forma:

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos que desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos (Idem, p.74)

A liberdade de construir e reconstruir a cidade é hoje um anseio em diversos locais do mundo. Em nosso país, de grandes metrópoles com crescimento desordenado e desigualdades sociais lancinantes não é diferente. Foi assunto, inclusive, de diversas manifestações populares vistas recentemente em diversas capitais. A escola pública, especialmente, precisa entrar cada vez mais neste debate, pois ela também é vítima.

Afinal, quanto mais distantes das áreas centrais, mais dificuldades elas enfrentam. A História local pode ser o catalisador destas discussões.

Ao falarmos de cidade, como espaço educador, nos reportamos ao trabalho da professora e mestre pelo Profhistória, Regina Celia Santos Ribeiro Crispim “Paraty como Cidade Educadora: História decolonial e contra-hegemônica da cidade.” que afirma “A maioria dos estudiosos sobre Cidades Educadoras considera seus projetos urbanos facilitadores de uma formação permanente de educação inclusiva, que transforma os espaços da cidade em lugar com sentido de pertencimento.” (CRISPIM, 2022,p. 32)

E ainda Crispim (2002,p.32) acrescenta:

As propostas das Cidades Educadoras permitiriam, segundo tais estudiosos, formar sujeitos coletivos para exercerem uma cidadania plena. E a parceria escola-comunidade estimularia o vínculo dos educandos com a urbe, enriquecendo o processo educativo, valorizando a diversidade.

Ao longo do século XX, principalmente após as pesquisas desenvolvidas pela escola dos Annales¹³ a partir dos anos de 1930, a História ganhou uma abordagem multifacetada. Há a abertura para uma multiplicidade de campos, fontes, abordagens e domínios. Dos Annales veio a proposta de uma história, cujo enfoque seria mais social e econômico, que o político de então. Inaugura-se uma “História-problema” e passa-se a questionar a possibilidade de uma “História Política” centrada apenas no Estado Nacional e baseada exclusivamente em documentos oficiais.

A História Local está inserida como uma das diversas abordagens possíveis dentro dos estudos históricos (BARROS,2004). Se refere a uma metodologia, no sentido de modos de fazer a pesquisa. A História Local e a Micro-História são jogos de escala possíveis para se delimitar um objeto, tratar um determinado aspecto na pesquisa historiográfica.

A História Local não é um enfoque novo da História. Pode-se dizer que há uma História Local/Regional “tradicional” e outra “nova”. Usualmente os termos “regional”

¹³ A escola dos Annales é um movimento historiográfico do século XX que se constituiu em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, propunha-se a ir além da visão positivista a história como crônica de acontecimentos (*histoire événementielle*), substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as mentalidades.

e “local” são entendidos como sinônimos. A História Local/Regional, em sua forma tradicional, se caracterizava da seguinte maneira:

A História Regional, segundo Peter Burke, era deixada, no passado, aos antiquários amadores. Ele explica quem eram os antiquários e, inclusive, seu papel político no século XVII – que ao contestarem a história da Realeza e defendendo as histórias regionais defendiam maior poder ao parlamento (Burke, 1992, p.07). Segundo Henrique Espada Lima (2006, p.29), na Itália, antes de 1950, os estudos de “história local” eram conhecidos como “erudição de províncias”, muito semelhante a Crônicas - uma “história menor”. (CORRÊA, 2012, pp. 14-15

Esta abordagem tradicional tinha caráter de promoção de um determinado lugar, muito próxima de crônicas. Uma ênfase memorialista, destacavam algumas efemérides e a biografia de pessoas de destaque na comunidade. Podemos dizer que ela vem com um teor político, afinal essas províncias queriam se fazer notar naquele contexto francês do século XVII e ampliar seu poder de decisão.

No Brasil, especificamente, no Rio de Janeiro, temos diversos exemplos de crônicas famosas sobre a cidade no estilo da história local mais memorialista com traços de certo ufanismo, destacando ruas, bairros ou o heroísmo da cidade. O século XX, em suas primeiras décadas, deu ao Rio famosos memorialistas: Vivaldo Coaracy (1882-1967), Luiz Edmundo(1878-1961), Magalhães Corrêa (1889-1944) dentre outros.

Já a História Local Nova pode ser localizada entre os anos de 1950 e 1970. Países como Inglaterra, Itália e França promovem novas reflexões acerca desta abordagem. Desde os anos de 1930, os Annales já tinham promovido estudos locais, mas é no pós-guerra que vai surgir mesmo uma “nova” História Local:

Na década de 50, o ressurgimento da história regional na França tem um paralelo no ressurgimento da história local na Inglaterra, vinculada à escola de W.G. Hoskins, um discípulo de Tawney, cujos livros incluem um estudo da construção da paisagem inglesa e uma história socioeconômica, na longa duração (...) (BURKE, 2010, apud CORRÊA, 2012, p.17).

O historiador francês GOUBERT (1988) define o local como espaço físico limitado e não muito grande. Ligado diretamente aos objetivos de uma organização administrativa. Uma caminhada de dez ou quinze quilômetros. Chama a atenção que durante muitos séculos as pessoas estavam confinadas em suas localidades. Esta definição de Pierre Goubert está ligada diretamente à retomada da história local. Com o

avanço da tecnologia, dos transportes, o sentido meramente administrativo do local já não basta. A globalização veio ampliar ainda mais esta visão do local o que, também, acaba por uma necessidade de maior reflexão sobre esse conceito.

Para BOURDIN (2001), sociólogo francês, o objeto local é um elemento complexo para pensar o social. A localidade limitada por critérios puramente técnicos é empobrecedora. O autor chama a atenção de que a localidade construída tem um enfoque antropológico, com vistas a uma comunidade específica ou cultural. O espaço onde os sujeitos constroem suas relações. Pode-se estudar este espaço e as relações sociais constituídas nele, mesmo que seja para compará-lo a outros espaços iguais ou comparar este espaço regional com um espaço maior, como o nacional, por exemplo.

Na sala de aula, a ideia é permitir ao aluno enxergar-se como agente histórico através de sua localidade. No Ensino Fundamental II, onde atuo desde o ano de 1999, percebo que alunos chegam com a ideia de que a disciplina de História é cheia de datas, que exige “decoreba” e é de difícil compreensão. Assim, trazer o lugar para a escola seria um trunfo. Seria um passo para uma “alfabetização histórica”:

As primeiras experiências com o conhecimento histórico durante a infância têm duas possibilidades de terem sido abordadas: de forma prazerosa, lúdica e contextualizada ou de modo acrítico e sem nenhum significado. O ensino de história se alicerça sob essas duas perspectivas, no qual a criança estabelece uma relação de afeição ou aversão com o conhecimento histórico desde a mais tenra idade. (SILVA, 2012, p.2)

Convidar o aluno a pesquisar as origens de sua própria escola e bairro pode ser uma iniciativa interessante para uma pesquisa de campo. Seria tirar a ciência histórica de uma torre de marfim e colocá-la junto da escola.

No arquivo morto dos colégios, por exemplo, podemos resgatar as origens da escola, convidar antigos alunos que construíram a trajetória daquela unidade de ensino, enfim, colocar os discentes em contato com as diversas fontes disponíveis. Com estas iniciativas o historiador-educador pode catalisar questionamentos sobre o peso daquela instituição ao longo do tempo dentro daquele bairro, as conquistas, os momentos críticos e levar a um maior apreço e cuidado por parte dos que ali residem.

2.4 O surgimento da Vila Militar na cidade do Rio de Janeiro

Ao falarmos sobre a História local, cabe-nos aqui um breve relato da origem do bairro onde está presente a E.M.Rosa da Fonseca, situá-lo dentro do contexto geográfico e histórico, contribui para entendermos como se deu o processo de organização e a sua relação com a própria instituição escolar.

A Vila Militar é um bairro planejado da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, no Brasil. Um bairro militar, projetado ao fim que se destina, o agrupamento de quartéis e destacamento do Exército Brasileiro. Pode-se afirmar que a construção da Vila Militar teve origem em 1904. precisamos nos reportar à sua origem mais remota ainda como uma grande fazenda, a Sapopemba.

A estação de Deodoro é a mais antiga do ramal, inaugurada em 1859, com o nome de Sapopemba, homenagem ao engenho de mesmo nome, base da economia da região. Após a proclamação da República, em 1889, o nome foi alterado para o atual, referência ao Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da República. (MANSUR, 2011, p. 79)

Desde 1805, as terras realengas, doadas como sesmarias a Ildefonso de Oliveira Caldeira, o Visconde de Gericinó, e mais tarde retomada, eram consideradas ponto estratégico. Nessa região de povoamento escasso, foi desde a segunda metade do século XIX utilizada para realização de testes com foguetes fabricados no Laboratório Pirotécnico do Campinho.

Em 1857, parte das terras foram cedidas pela Câmara Municipal ao Ministério da Guerra com a finalidade de ser construída nessas paragens uma escola militar e um quartel para a Escola Geral de Tiro do Campo Grande.

A abertura da estrada de ferro de D. Pedro II, inaugurada, em março de 1858, mais tarde Central do Brasil facilitou o acesso às terras realengas, com a criação da estação ferroviária de Sapopemba, em 8 de março de 1859 (em 1907 o presidente da Estrada de Ferro Central do Brasil, Aarão Reis, propôs a mudança de nome da estação: de Sapopemba para Deodoro), nas terras da Fazenda Sapopemba, passou a ser o ponto central de interligação com as terras de Santa Cruz, e a outros ramais contribuindo para o deslocamento dos contingentes.

Em 2 de dezembro de 1878 foi inaugurada a estação de Realengo, dando acesso à região e as futuras construções. No espaço entre a estação e a escola militar, existia um hangar onde foram construídos os primeiros dirigíveis. Iniciou-se a instalação da Escola

Geral de Tiro do Campo Grande iniciando o processo para transformar as “terras realengas” e suas imediações em áreas militares.

Na figura abaixo, produzida pela Construtora contratada pelo governo federal, vê-se a incipiente Vila Militar, ainda com várias árvores e espaço que eram destinados ao plantio da antiga Fazenda Sapopemba

Figura 1: Visão ampliada da Vila Militar, com a Avenida Duque de Caxias.



Fonte: AHEx (In: Comissão Constructora da Villa Militar, 1909)

O governo investiu em vários tipos de obras, como “quartéis, paióis, fortificações e linhas de tiro”, além da “implantação de uma infraestrutura urbana que atendesse a população deslocada para a localidade” (VIANA, 2010, p. 30, 32-33).

Ou ainda Viana nos esclarece:

A linha de tiro ficou pronta em 1865, mas só seria reaberta em 1872, devido aos esforços de guerra deslocados para a Guerra do Paraguai. Nessa época as instalações já estavam inadequadas, a extensão da linha de tiro, não mais satisfazia o alcance atingido pelos novos armamentos, assim sendo sua extensão foi ampliada e novas instalações foram organizadas para as experiências e exercícios de tiro (VIANA, 2010, p. 36)

O Governo Federal, na figura do presidente Campos Salles¹⁴, viu a necessidade de reformar os estabelecimentos da Escola Militar. A comissão encarregada procedeu também ao estudo sobre a reorganização geral do Exército Brasileiro, focando na

¹⁴ Manuel Ferraz de Campos Sales (1841-1913) foi o quarto presidente do Brasil República. Por meio de eleição direta, passou a exercer a presidência da República em 15 de novembro de 1898 com término em 15 de novembro de 1902.

necessidade de espaço para as instruções práticas e de instalações adequadas aos militares e ao exercício da profissão. A ideia prosseguiu durante o governo do presidente Rodrigues Alves, e foi conduzida pelo então ministro da guerra, marechal Hermes da Fonseca

Sendo assim cita Oliveira (2009): “Em 1907, quando Marechal Hermes ainda era o Ministro da Guerra do governo de Afonso Pena, ele incentivou a construção da Vila Militar do Rio de Janeiro, como parte das ações de modernização da força militar nas primeiras décadas do século XX. (OLIVEIRA, 2009, p.18)

Pois sendo o Rio de Janeiro, a capital à época, era necessário tal organização. E assim, em 19 de agosto de 1907, foi nomeada a comissão de construção da Vila Militar. Um dos membros da comissão de construção foi Antônio Leite de Magalhães Bastos, tenente-coronel que nasceu em Pernambuco, cujo nome deu origem ao bairro de Magalhães Bastos, vizinho à Vila Militar. Grande destaque também foi Manoel Guina, mestre de obras, português, que veio de São Paulo em busca de trabalho e foi um dos pioneiros na fundação do bairro.

Em 1907 foi organizada a Comissão Constructura, responsável em planejar e executar a implantação da Vila Militar e composta por militares de diversas armas, inclusive, do corpo de engenheiros – além de artilharia e de infantaria⁴. Destacou-se nessa comissão o Segundo-Tenente Magalhães Bastos, responsável por dirigir todos os trabalhos do escritório técnico, desde o início da Comissão, organizando os diversos projetos e calculando toda a estrutura metálica das casas e quartéis”, com todas as condições de higiene, comodidade e conforto. (EXÉRCITO, [s.d])

Em 1908, a aquisição da fazenda Sapopemba se fez necessária. A mesma pertencia ao conde Sebastião do Pinho, que a ganhara com a divisão das sesmarias. O início da construção dos quartéis foi efetivado em 1908.

. Toda a região abriga inúmeros quartéis, vilas e escolas militares, e isso se deve ao fato das terras do Engenho Sapopemba e da Fazenda Gericinó terem sido repassadas ao Ministério da Guerra pelo Banco do Brasil, que as arrematou em um leilão ocorrido na primeira década do século XX. Na época, tanto o engenho como a fazenda pertenciam ao Conde Sebastião do Pinho, que, endividado, teve que se desfazer das propriedades. (site Multirio)

Outra parte da antiga fazenda Sapopemba também teve outra estação ferroviária, a Sapopemba, atualmente Deodoro. Assim, é narrado a sua criação:

Em 1907, ano seguinte à inauguração da Companhia de Tecidos, o então presidente da Estrada de Ferro Central do Brasil, Aarão Reis, propôs a mudança de nome da estação: de Sapopemba para Deodoro, como forma de homenagear o marechal do exército que proclamou a

República. De acordo com o jornal O Estado de S. Paulo, de 26/09/1907, o motivo da proposta deveu-se à “inauguração dos trabalhos na Vila Militar”, que, três anos depois, ganhou sua própria estação.(site Multirio)

Em 1911, começou a funcionar a primeira organização aeronáutica do Brasil, o Aeroclub do Brasil. Fundado por um grupo de idealistas e entusiastas da aviação, o aeroclube tinha, como presidente honorário, Alberto Santos Dumont, e um dos sócios era o tenente Ricardo Kirk, o primeiro oficial do Exército e o segundo militar brasileiro a obter um brevê de piloto de aviões. Esse aeroclube daria início ao projeto de expansão do bairro, que, mais tarde, daria origem à primeira base aérea brasileira, a de Campo dos Afonsos.

A construção dos quartéis e residências teve início em meados de 1915, após a reorganização do Exército. O responsável pela construção dos quartéis foi o tenente-coronel Antônio Leite Magalhães Bastos.

Dos 38 bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro, a Vila Militar possui o duodécimo metro quadrado mais valorizado, devido à urbanização, ordem pública e segurança de alta qualidade, segundo um levantamento realizado pelo Centro de Pesquisa e Análise da Informação (Cepai), do Sindicato da Habitação do Rio (Secovi-Rio); estando mais valorizado que todos os seus seis bairros vizinhos.

A Vila Militar é o bairro com maior concentração militar da América Latina, com mais de sessenta mil pessoas entre homens e mulheres. É uma região excelente para se praticar esportes ao ar livre, como por exemplo: andar de skate, bicicleta, caminhada, corrida, exercícios físicos. Área totalmente segura, por se tratar de uma zona militar, possui patrulhamento durante as 24 horas do dia. É totalmente arborizada. A área destinada ao esporte tem a extensão de 2,5 quilômetros quadrados. A sua organização é tanta, que, em 2016, durante as Olimpíadas de verão do Rio de Janeiro (Rio 2016) sediou alguns esportes como Hipismo, Esportes Radicais e Esgrima.

Palco de várias competições dos Jogos Olímpicos de 2016 e do futuro autódromo do Rio, Deodoro integra a extensa área de treinamento que o Exército mantém na Zona Oeste, conhecida como Campos de Gericinó. (site Multirio).

O bairro da Vila Militar faz parte da região administrativa de Realengo, fazendo limite com Deodoro, Campo dos Afonsos, Jardim Sulacap, Realengo e Magalhães

Bastos. Também faz limite com Ricardo de Albuquerque, já na Zona Norte do município. Abriga duas escolas municipais (Escola Municipal Rosa da Fonseca e Espaço de Desenvolvimento Infantil Frei Orlando).

Abaixo, a imagem de um dos pórticos, que demarcam os limites do bairro Vila Militar. Este é localizado na Estrada Pedro de Alcântara, limite com o bairro de Magalhães Bastos. Há de se dizer, que tal monumento figura como ornamental, sem a presença ostensiva da Polícia do Exército (PE), setor responsável pela segurança daquele território.

Figura 2: Pórtico entre os bairros Vila Militar e Magalhães Bastos



Fonte: internet

A antiga estação ferroviária¹⁵ do bairro, que aparece na figura 3, tem a peculiaridade de apresentar **um prédio em forma de castelo**, localizado aos fundos da E.M.Rosa da Fonseca, um dos locais diante da proximidade e importância, possíveis de visita à pé. Entretanto, há que se salientar, o alto grau de abandono e degradação em que este se encontra, não sendo possível a utilização nem para o fim que se destina ou para uma possível ocupação histórico-cultural.

¹⁵ Tombamento da estação vila militar • Vila Militar - Estrada São Pedro de Alcântara, s/nº, XVII RA. Decreto nº 14.741 de 22/04/96 - DO RIO de 23/04/96 (Site Multirio)

Figura 3: Estação Ferroviária Vila Militar, em 2016



Fonte: internet

Outros espaços temos a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), Regimento Sampaio, Praça Marechal Hermes, Avenida Duque de Caxias, Hospital Geral do Rio de Janeiro, Paróquia São José, Depósito Central de Armamento, 2º Batalhão de Infantaria, Colégio de Aplicação Cívico Militar, Centro Olímpico de Tiro, Escola de Equitação do Exército, Transolímpica, Capelania Militar São Sebastião, Comando da 1ª Divisão de Exército, Regimento General Pitaluga, dentre outros locais, que serão detalhados na proposta pedagógica.

Não podemos esquecer a presença também nas terras da antiga Fazenda Sapopemba, da Fábrica Têxtil América Fabril, criada em 1927 para abastecer de tecido a capital federal e todo o Brasil, compondo um complexo grupo fabril com ramificações em vários bairros do Rio de Janeiro e do estado.

Ao lado da ferrovia, ergueu-se, em 1906, a Companhia Tecidos de Linho de Sapopemba, que fabricava brins, atoalhados e colchas, entre outros tecidos e manufaturas. A fábrica tinha cerca de 1.200 trabalhadores, uma vila operária, uma cooperativa para fornecimento de alimentos aos seus empregados e era conhecida por seus produtos de alta qualidade. (site Multirio)

Contribuindo para a formação de vilas operárias e cortiços, sendo uma delas localizada à Estrada São Pedro de Alcântara. Local onde meu pai nasceu e passou

infância, adolescência e boa parte da fase adulta, com sua família, pois meu avô era uma dos operários daquela fábrica. Ali, várias famílias, muitas vindas do interior do Rio de Janeiro, Minas Gerais e até do Nordeste, chegavam com o sonho do emprego, da casa, de melhores condições de vida. A realidade era muito trabalho e salários baixos, enfim a realidade das vilas operárias na então capital federal. Assim, Philip Gunn e Telma de Barros Correia no artigo *A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* (2005), cita a Fábrica de Tecidos América Fabril em Deodoro e sua vila operária: “Nos arredores da cidade em expansão, a “Fábrica de Tecidos América Fabril” foi construída em Deodoro, em 1927, erguendo uma vila operária com mais de trezentas casas.”(p.12)

Segundo José Maurício de Abreu (2013) o período de 1906- 1930 foi relevante no que tange à expansão do tecido urbano do Rio de Janeiro, que ocorreu de formas distintas em relação aos dois grandes vetores de crescimento da cidade.

De um lado, a ocupação das zonas sul e norte pelas classes média e alta intensificou-se, e foi comandada, em grande parte, pelo Estado e pelas companhias concessionárias de serviços públicos. De outro, os subúrbios cariocas e fluminenses cada vez mais se solidificaram como local de residência do proletariado, que para aí se dirigiu em números crescentes. Ao contrário da área nobre, entretanto, a ocupação suburbana se realizou praticamente sem qualquer apoio do Estado ou das concessionárias de serviços públicos, resultando daí uma paisagem caracterizada principalmente pela ausência de benefícios urbanísticos. (ABREU, 2013, p.82)

A torre da chaminé permanece imponente na decadente e abandonada Fábrica Têxtil, que em outrora movimentou parte do bairro com seus operários, familiares e clientes dos tecidos vendidos em uma loja da fábrica até o início dos anos 2000.

Propiciando em sua fase áurea a necessidade de escolas que atendessem aos filhos desses operários, mesmo que deficitariamente. Escola como Engenheiro Lafayette de Andrade.

2.5 A origem da E.M.Rosa da Fonseca e sua importância - no início, uma escola para “poucos”.

Como citado anteriormente, a busca por fontes históricas, que ajudasse a contar um pouco da história da instituição escolar Rosa da Fonseca foi incessante e difícil. Ao buscarmos dentro do banco de trabalhos acadêmicos da Plataforma CAPES, o termo

E.M.Rosa da Fonseca, não encontramos nenhum trabalho de qualquer espécie vinculado, demonstrando o grau de dificuldade que teríamos pela frente. Então partimos para buscas simples por plataformas, pelos sites do Exército e da própria Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Através de buscas pela internet em sites da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, só encontramos uma referência ao elencar unidades escolares que teriam sido criadas durante a Primeira República (1889-1891). Como as escolas que foram criadas no mesmo período histórico citadas temos: a Escola Municipal Antonio Fernandes dos Santos (08.33.003) criada em 1917, que falaremos dela mais adiante e A Evangelina Duarte Batista (05.15.028) criada em 1913.

Durante a sessão de qualificação da projeto que contribuiu para a escrita desta dissertação, o professor Washington Dener da Cunha (UERJ) durante a sua fala e análise, nos alertou sobre a busca por informações no banco de periódicos da Hemeroteca Digital, citando palavras-chaves, que de fato, trouxe luz à questões que careciam dados. E de fato, foram fundamentais para a elucidação das lacunas pesquisadas até então. Sendo assim, cito DE AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier et al. A hemeroteca enquanto espaço documental, informacional e memorial. Em *Questão*, v. 20, n. 2, p. 72-85, 2014.

As hemerotecas constituem-se em lugar de preservação da informação. Estes espaços auxiliam o pesquisador na busca de informações específicas e o cidadão comum na busca de informações que contribuam para o resgate da história. Nesse sentido, a hemeroteca comporta-se como espaço cultural e informacional, na intenção de auxiliar seus usuários a buscar informações relevantes para a sua formação sócio- histórica, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sociedade.(2014 ,p.12)

E ainda acrescenta, DE AZEVEDO NETTO:

A informação resgatada por meio do acervo documental nas hemerotecas é considerada fonte geradora de conhecimento, possibilitando a absorção da memória realizada pelos usuários. O conhecimento adquirido por estes o modifica, refletindo nas suas ações perante a sociedade, nos setores em que atua, possibilitando mudança social, ideológica, política e cultural.
(p.12)

Ao pesquisarmos, o nome “Escola Rosa da Fonseca”, na hemeroteca digital, da Biblioteca Nacional, em sua versão digital, no período de 1910-1919 aparece cerca de quarenta e uma ocorrências, cerca de 22, se referem a uma unidade escolar no bairro de Copacabana, fundada com recursos da comunidade de Copacabana-Leblon e Ipanema, de caráter comunitário.

Adiante do recorte do objeto a ser pesquisado não iremos aqui no deter a pesquisá-la, por não termos certeza de se tratar da mesma “Escola Rosa da Fonseca”, em Vila Militar, nosso objeto de pesquisa. Até 1914, aparece como sendo em Copacabana. Mas deixamos aqui o registro, para que posteriormente e em tempo oportuno possamos nos esmerar e aprofundar a possível relação entre estas.

No Jornal Gazeta de Notícias, 15 de novembro de 1910, aparece a inauguração de oficinas na escola Rosa da Fonseca (Copacabana).

Figura 4: Notícia da Escola Rosa da Fonseca, localizada em Copacabana

Escola Rosa da Fonseca, 8.^a escola mixta do 1.^o Districto, r. N. S. de Copacabana, 785.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Abaixo, uma matéria no jornal O Paiz, de 03 de agosto de 1914, com o direito de resposta feita pelo Sr. Antonio Carlos Velho da Silva, inspetor de instrução do 13^o distrito a respeito de uma possível falta de visita pela inspeção escolar.

Figura 5: Resposta à carta de um leitor

Pela instrução.

O nosso collaborador- F. communicanos a seguinte carta que recebeu:

“29 de julho de 1914—Exmo. Sr. F., digno redactor da secção *Pela instrução*, em o *Paiz*—Em resposta á sua carta, em que me pergunta se a **escola da villa militar** está sob a minha inspecção, devo lhe declarar que não pertence ella ao quadro das escolas do 13^o districto, de que sou inspector.

Nem se deprehe de a publicação exarada nesse diario, em 27 do corrente, assignada pela Exma. Sra. Amasiles Rocha Xavier de Barros, nenhuma accusação a mim feita. A phrase nella contida “*apesar das minhas reiteradas solicitações, a escola nunca foi visitada por inspector*”, é vaga. Não se declara a quem foram feitas “*as reiteradas solicitações*”, nem o numero do districto a cujo inspector cumpria visitá-la.

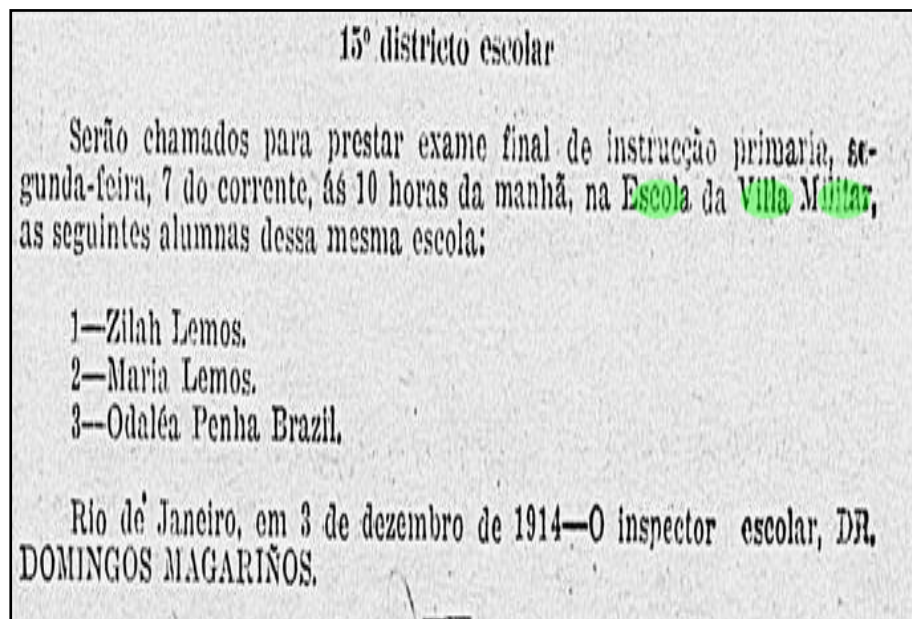
Pode V. Ex. fazer desta o uso que lhe convier.

Seu apreciador e talvez collega—*Antonio Carlos Velho da Silva.*”

Fonte: Hemeroteca Biblioteca Nacional

Como era de costume à época, os alunos de todas as unidades escolares eram submetidos a exames finais, que eram provas externas aplicadas pelos inspetores escolares, que eram responsáveis pela instrução federal para a promoção ao final do ano letivo. No caso, da então Escola da Vila Militar não fora diferente como vemos no jornal O Paiz de 05 de dezembro de 1914.

Figura 6: Relação de alunos chamados para exames finais da Escola da Villa Militar



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Através de conversas com a diretora atual da escola, professora Cristiane Vidal sobre a história de criação da unidade, homenagens recebidas, o apoio do Exército e dos quartéis vizinhos, foi indicado o livro do Comandante Frazão, “Vila Militar: glórias e conquistas – 1908-2015.”, que auxiliou e excitou as pesquisas.

Quando perguntados informalmente, sobre a História Centenária da unidade escolar, a maioria dos professores afirmou conhecê-la e a utilizarem em suas aulas em algum momento, reforçando assim, a importância da escola e sua preservação patrimonial e cultural.

Então, diante do que foi pesquisado, temos a informação que a Escola Municipal Rosa da Fonseca foi fundada em 12 de maio de 1913, pela professora Amasiles Rocha Xavier, esposa do General Xavier de Barros, possivelmente em espaço mesmo que domiciliar, mas alugado à Prefeitura do Distrito Federal, como era de praxe à época.

Ficando assim, situado à avenida Duque de Caxias, nº 07, próxima a sua residência, durante a gestão do prefeito Bento Ribeiro.¹⁶ Assim, nos diz Frazão (2015).

Entre outras edificações temos também a Escola Municipal Rosa da Fonseca, fundada em 12 de maio de 1913. Ocupava a casa da rua Duque de Caxias, nº 7 no limite entre Deodoro e Vila Militar. A fundadora da escola foi a professora adjunta de 2ª classe dona Amasiles Rocha Xavier de Barros, casada com o então tenente Xavier de Barros (futuro general), residentes à Praça Duque de Caxias, nº 2, na Estação de Deodoro (FRAZÃO, 2015, p.263)

Citação da revista ESAO¹⁷(s.d) sobre os chamados “exames finais”, aplicados pelos responsáveis pela Instrução Pública e por alguns militares responsáveis pelo setor educacional do Exército.

Nesse período, o diretor de Instrução Pública era o Dr. Ramiz Galvão e a escola foi fundada com setenta e oito alunos que frequentavam um único turno. Em dezembro de 1913 foram feitos os primeiros exames de promoção, presidido pela única professora dona Amasiles Xavier de Barros, tendo assistido às provas os Srs. general Inácio Alencastro Guimarães, capitães José Azevedo da Silveira Sobrinho e Antônio Leite de Magalhães Bastos Júnior e o 1º tenente Manoel Maria de Castro Neves.(p. 19)

Na citação acima, fica notório que a escola atende em seu início, um grupo muito reduzido de alunos, não ficando clara, a origem da sua clientela. Supõe-se pela proximidade de casas e moradias de famílias de militares, que tais crianças sejam destas famílias.

Durante o período da sua criação e implementação, a educação pública não se encontrava plenamente consolidada na Capital, como nos diz o próprio verbete sobre Bento Ribeiro, produzido pelo CPDOC¹⁸, utilizando como fonte BERGER, P. Dicionário; REIS, J. Rio de Janeiro; TEIXEIRA, A. Estrutura

A instrução pública no Distrito Federal era na época bastante deficiente. De acordo com levantamento realizado em 1906, durante o mandato do prefeito Pereira Passos, 52,46% das crianças da capital federal eram analfabetas. Com 37.899 alunos matriculados em 1906, o Rio de Janeiro deveria contar com cerca de 1.263 escolas, porém

¹⁶ RIBEIRO, Bento * militar; pref. DF 1910-1914. Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro nasceu em Jaguarão (RS) em 1856. Seguiu a carreira militar, chegando a general. Quando da posse do marechal Hermes da Fonseca na presidência da República, em 15 de novembro de 1910, foi nomeado prefeito do Distrito Federal, sucedendo a Serzedelo Correia.

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Bento.pdf>

¹⁷ ESAO: Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais. Localizada na Vila Militar à avenida Duque de Caxias, em frente à Praça Marechal Hermes.

¹⁸ O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é uma instituição de pesquisa e ensino superior brasileira que conta com um banco de dados de documentação sobre história contemporânea do Brasil. O CPDOC é vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV) e atua com pesquisa multidisciplinar nas áreas de Ciências Sociais, Ciência Política, Relações Internacionais e História. <https://cpdoc.fgv.br/sobre>

havia somente 282. De 1906 até 1910 a população em idade escolar cresceu, e com ela o problema da instrução pública primária da cidade.

Em 1914, período histórico do início da Primeira Guerra Mundial, a Escola passa a ocupar o prédio construído pelo Exército, retirando as atividades da casa da então diretora, onde funcionava interinamente. O prédio permanece sede da unidade escolar até 1955, quando o novo e atual prédio é inaugurado, com a intenção de ampliar as turmas e o número de alunos atendido

Figura 7 : Frente da E.M. Rosa da Fonseca na primeira sede.



Fonte: Secretaria Municipal de Educação (SME)

Outra parte da antiga fazenda Sapopemba também teve outra estação ferroviária, a Sapopemba, atualmente Deodoro. Assim, é narrado a sua criação:

Em 1907, ano seguinte à inauguração da Companhia de Tecidos, o então presidente da Estrada de Ferro Central do Brasil, Aarão Reis, propôs a mudança de nome da estação: de Sapopemba para Deodoro, como forma de homenagear o marechal do exército que proclamou a República. De acordo com o jornal O Estado de S. Paulo, de 26/09/1907, o motivo da proposta deveu-se à “inauguração dos trabalhos na Vila Militar”, que, três anos depois, ganhou sua própria estação.(site Multirio)

Atualmente, a segunda sede da instituição abriga o Centro de Reabilitação General Lyra Tavares, do Hospital Geral do Rio de Janeiro à Avenida Duque de Caxias, 2229. Sendo um prédio bastante conservado e guardando as características externas da época que foi inaugurado.

Figura 8: Centro de Reabilitação do Exército



Fonte: Portal do Exército

Em 1918, a então Escola da Vila Militar, recebe o nome de Escola Rosa da Fonseca, não sendo possível averiguar se a homônima existente em Copacabana, foi extinta ou mudou de nome. Mudança de nome, noticiada pelo semanário A Rua, de 18 de junho de 1918, narra tal alteração.

Figura 9: Mudança do nome da Escola Villa Militar para Rosa da Fonseca



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Durante as décadas de vinte, trinta, quarenta e cinquenta, a Rosa da Fonseca tenha vivido seus momentos áureos, com destaques na mídia escrita, visitas de ilustres autoridades como Presidentes da República, Ministros, Prefeitos, incluindo uma campanha pela construção de um prédio maior que pudesse acomodar mais alunos e novas turmas, fato que culmina com a inauguração desse espaço em 1955.

Temos o artigo de José Carlos Xavier Bonfim intitulado Novas práticas educativas da Escola Rosa Da Fonseca (1938)¹⁹ que nos fala sobre a tentativa de implantar novas práticas que serviriam de modelo para outras escolas.

As novas práticas educativas na escola Rosa da Fonseca tiveram desenvolvimento a partir das solenidades cívicas, que podem ser definidas como um conjunto de atividades desenvolvidas no transcorrer do ano letivo de 1938, as quais ficaram a cargo da organização do “Centro de Brasilidade General José Osório”(p.2)

O recorte desta pesquisa partiu da época de criação da unidade escolar, 1913, sua organização à princípio, as leis e sistemas educacionais que a regeram, tanto no âmbito federal, quanto da sua municipalização.

Com toda certeza o modelo escolanovista²⁰, se fez presente nas práticas pedagógicas implementadas na unidade de ensino. Movimento de renovação da educação que surgiu na Europa na virada do século XIX para o XX e que ganha destaque na década de 1930, sendo o próprio Célestin Freinet um expoente, sem contarmos Dewey, Decroly, Pestalozzi e os Pioneiros da Educação Nova, encabeçados por Anísio Teixeira.

Um exemplo desse esforço, de implantação de novas práticas, inspiradas pelo modelo escolanovista é a criação e inauguração do campo de jogos Alina de Brito²¹, que muitos chamavam de “Playground”

Após a inauguração do campo de jogos Alina de Brito, foram traçados objetivos para o campo. Que não seria apenas de proporcionar o recreio das crianças. Mas segundo seu idealizador, o capitão Bonorino, o campo de jogos Alina de Brito deveria: *“estabelecer uma perfeita solidariedade entre a vida intelectual e a vida física da criança. Ou seja, educar brincando, seguindo assim uma das orientações da Escola Nova”*.(p. 9)

¹⁹ BONFIM, José Carlos X. Novas praticas educativas da Escola Rosa Da Fonseca (1938). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. *Anais [...]*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. Disponível em: <https://silo.tips/download/novas-praticas-educativas-da-escola-rosa-da-fonseca-1938>;

²⁰ Escola Nova ou Escola Ativa ou Escola Progressiva, A Escola Nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Nascida na Europa, tendo como um dos fundadores o suíço Adolphe Ferrière. e América do Norte, chegou ao Brasil em 1882, pelas mãos de Rui Barbosa, e exerceu grande influência nas mudanças promovidas no ensino na década de 1920, quando o país passava por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas. O movimento ganhou impulso na década de 1930, após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Nesse documento, defendia-se a universalização da escola pública, laica e gratuita.

²¹ Alina de Brito (Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1863 — 31 de julho de 1934) foi uma educadora brasileira e difusora do sistema Braille no Brasil.

Na revista *A Educação, revista mensal dedicada à defesa da instrução no Brasil* (RJ), no período de 1922 a 1925²² aparece o nome da Escola Rosa da Fonseca, como uma das escolas primárias mais importantes na edição de julho de 1924.

Notícia sobre a Escola Rosa da Fonseca, *A Notícia* (SC), de 23 de maio de 1938, quando da inauguração do Campos de Jogos Alina de Brito, uma espaço como de desenvolvimento infantil, como cita BONFIM (2013)

A iniciativa tomada pelo Exército na construção do campo de jogos Alina de Brito se tratou de criar um território apropriado para infância dentro do espaço escolar. E assim a criança educava brincando, e trabalhava-se a parte sócia educativa das crianças. O campo de jogos Alina de Brito funcionou por oito meses.(p.11)

E ainda a importância da criação do Campos de Jogos, para a comunidade escolar foi tão destacada, que saíram inúmeras reportagens, com imagens dos alunos e professores, enaltecendo a vanguarda de tal inauguração para a educação da capital federal.

Os “*play-grounds*”²³ como ficaram conhecidos os espaços voltados para a prática da educação física, foram anunciados em jornais e revistas²⁴ à época, como um programa orquestrado pelos militares carioca e que serviriam de exemplo para outras unidades escolares pelo país. De fato, foi noticiado a inauguração de mais dezoito desses “*play-grounds*”, mas nada foi encontrado em documentos ou jornais, em pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²² Ver o anexo A

²³ Ver mais figuras nos anexos.

²⁴ *A Notícia*,(SC) de 12 de agosto de 1938.

Figura 10:: Imagem da reportagem sobre a inauguração do Campo de Jogos Alina Brito



Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 11: Reportagem sobre a inauguração do Campo de Jogos Alna Brito

EXEMPLO DE CIVISMO
O commando da Villa Militar auxilia o ensino — Exemplo que merece ser imitado

Localizada na Vila Militar, a **Escola Rosa da Fonseca**, até três meses era apenas um edifício que aparecia entre a ramagem agreste em abandono inexplicável, quando as autoridades da Vila Militar decidiram, em favor de uma multidão de crianças que careciam de toda assistência pedagógica, reabrir o antigo estabelecimento. Em três meses, a vontade dos idealistas e de uma antiga catedrática tão confiante como a Comissão de Melhoramentos Militares da Vila, fez ressurgir então a velha escola, modificando-a integralmente e, o que é muito mais importante, dando vida àquelle centro de educação preliminar. Tudo foi substituído febrilmente para que a Escola Rosa da Fonseca apparecesse, como atração da meninada de tão extensa região. Todos os corpos de tropa da Vila Militar se associaram ao objectivo do commando superior e, num repente, a Escola surgiu como modelo de aparelhagem didáctica, de alimentação padronizada, de diversões complementares e indispensáveis aos métodos modernos. Em pouco tempo também, 543 alunos, de ambos os sexos, estavam matriculados e frequentavam assiduamente o estabelecimento revivido, crianças pauperesmas dos morros vizinhos, pequeninos remedidos e filhos de oficiais de todas as patentes.

Vieram, por fim, as mestras, fornecidas pela Municipalidade, porque, apesar de encravada num âmbito militar, a **Escola Rosa da Fonseca** pertence a uma jurisdição escolar da Prefeitura do Distrito Federal.

Esta foi a unica contribuição da Diretoria de Instrução. O resto, o mais importante, a aparelhagem geral para as salas de aula, os bancos, as carteiras, os móveis das professoras, material escolar, merenda padronizada e geral e original Campo de Jogos Infantis, moldado nos mais modernos modelos das escolas "yankees", foi facilitado pelas autoridades da Vila Militar.

O general Valentim Evêncio da Silva, comandante da Vila Militar, é o grande animador e benemerito desse movimento. Por seu intermédio, o capitão Honorino Lopes, outro idealista fervoroso da educação física como base escolar, imaginou e construiu pacientemente o grande Campo de Jogos que é o orgulho da escola, uma aparelhagem inédita para a criança carioca e um motivo de atração para a petizada. Ha pouco os generais Valentim Evêncio e Manoel Rabelo visitaram a Escola demoradamente, examinando as obras que, estão sendo concluidas para a inauguração official que se dará em breves dias, com a presença do chefe do governo nacional.

Esporte Social
Francisco Gonçalves

Transcorrer hoje o aniversário natalício do veterano e conhecido esportista joinvilense...

PRECISA DE OPERARIOS DE CRIADAS, ANNUNCIE EM "A NOTICIA", QUE O EXITO E'

Arrem
em França
m causado optima
Peracio cobizados
MISTINQUETTE FOI APRESENTAR OS SEUS VOTOS DE BOA SORTE AOS BRASILEIRO — MARTIN GALAN

Fonte: Hemeroteca Digital

Figura12 : Reportagem sobre o “Play-Ground” da Escola Rosa da Fonseca

O “Play-Ground” da Escola Rosa da Fonseca, construído pelas autoridades da Villa Militar, e que serviu de modelo para os demais a serem inaugurados

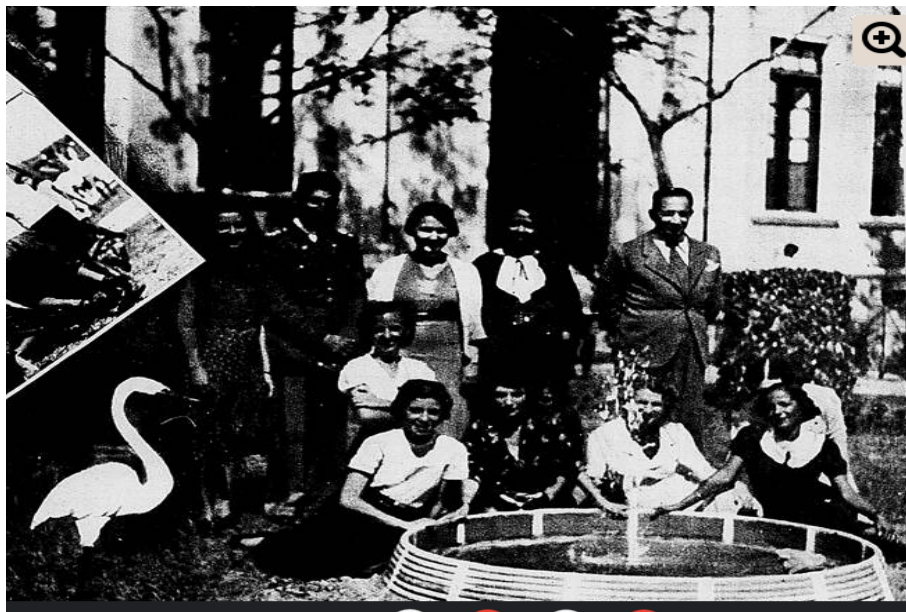
RIO, Agosto (Correspondência Especial) — As autoridades federaes, grandemente auxiliadas pelo Exército, estão realizando um vasto e lindo programma concernente á educação physica da infancia. A construção de “play-grounds” ou campos de esporte e de recreio, para as creanças cariocas, é um dos pontos mais importantes desse programma.

Ha pouco tempo, conforme noticiamos, inauguraram-se, na Villa Militar, em Rezende, as novas installações d’aquelle estabelecimento. E juntamente com ellas foi inaugurado o “play-ground” da Escola Rosa da Fonseca. As cerimoniaes inauguraes tiveram a assistencia do presidente da Republica e outras altas autoridades, tendo-se realizado uma interessante festa em homenagem ao Chefe da Nação.

Annuncia-se agora que mais dezoito “play-grounds” serão inaugurados nesta Capital, tendo sua construção obedecido ao modelo do construído na Villa Militar. Essa inauguração se dará brevemente.

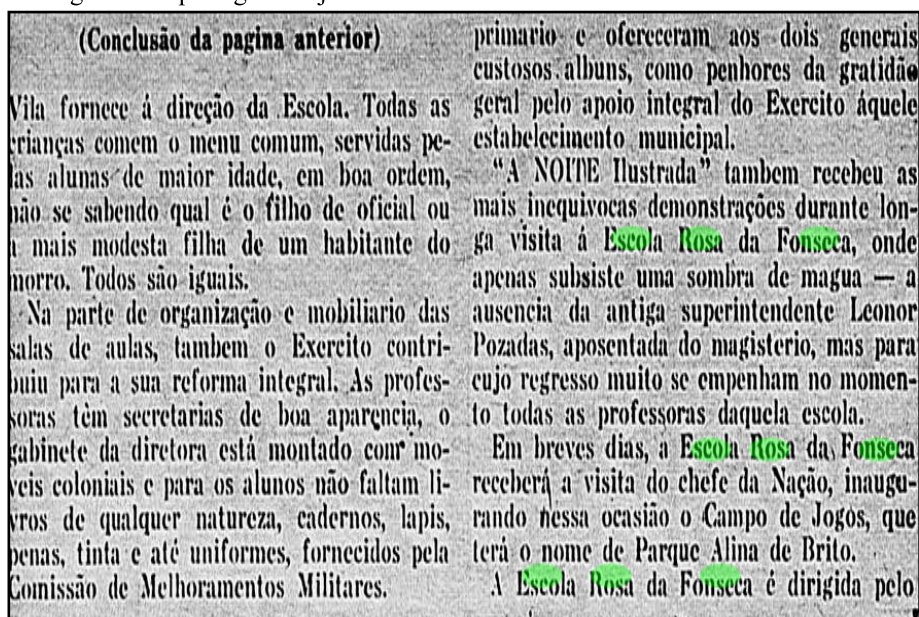
Fonte: Hemeroteca digital

Figura 13 : Professores da Escola Rosa da Fonseca



Fonte: Hemeroteca digital

Figura 13: reportagem do jornal “A Noite” sobre a Escola Rosa da Fonseca



Fonte: Hemeroteca digital

Edição acima do suplemento do Jornal A Noite, de 03 de maio de 1938, com a reforma e inauguração do campo de Jogos Alina de Brito.

Em 19 de maio de 1938, sendo bastante noticiada²⁵, a unidade de ensino recebeu a importante visita do então Presidente da República Getúlio Vargas e sua esposa Darcy Vargas.

Figura 14: Visita do Presidente Vargas e sua esposa à Escola Rosa da Fonseca



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

²⁵ Ver mais figuras nos anexos.

Figura 15: Visita do Presidente Getúlio Vargas à Escola Rosa da Fonseca



Fonte: Secretaria Municipal de Educação (SME)

Diante da necessidade de ampliação do número de vagas e de espaço, que pudesse acomodar os alunos, foi feita uma campanha pelo próprio Exército²⁶, que viabilizasse a construção de um novo prédio para a instituição.

Sendo assim, diante dos esforços do Exército, foi adquirida a área às margens da Avenida Duque de Caxias e em 1953, inicia-se a construção da atual sede, com a inauguração em 1955.

Somente 17 anos após do então Presidente Getúlio Vargas, seria a Escola transferida para as instalações que hoje ocupa, ao lado do atual quartel da Companhia de Comando da 1ª Divisão de Exército.

Abaixo, as placas de inauguração e reforma do prédio, localizadas no hall de entrada do prédio principal, onde se lê as datas e as autoridades à época, como era de costume.

²⁶ Ver mais nos anexos

Figura 16 : Placas de bronze de inauguração e reinauguração



Fonte: arquivo pessoal

Em 1957, em frente à escola é construída a Praça Marechal Hermes²⁷, sendo arborizada e cuidada pelo Exército até os dias atuais. Outra informação sobre a Praça Marechal Hermes, é que a mesma é utilizada como espaço recreativo pelos alunos e nas aulas de Educação Física.

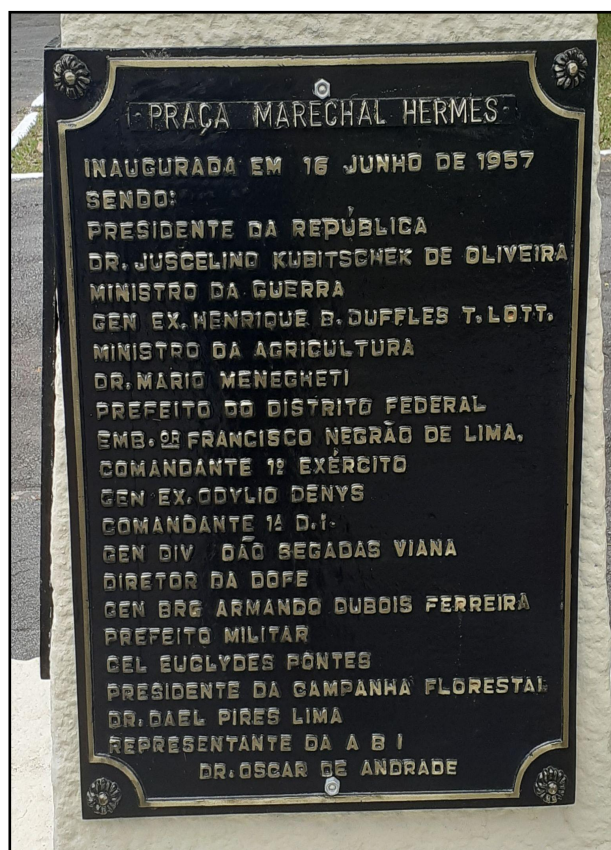
²⁷ Ver mais figuras nos anexos.

Figura 16 : Construção da Praça Marechal Hermes em 1953



Fonte: Hemeroteca digital

Figura 17 : Placa de criação da Praça Marechal Hermes em 2022



Fonte: arquivo pessoal

A partir da década de sessenta ocorreram as mudanças de capital com a inauguração de Brasília como a nova capital do Brasil e sua transferência administrativa em 1960, o Rio de Janeiro foi transformado numa cidade-estado com o nome de Guanabara. Viu-se também diminuir o número de notícias nos semanários e jornais da época a respeito da escola, seus fatos e acontecimentos, demonstrando um certo grau de ostracismo e decadência.

Em 15 de março de 1975 ocorreu a fusão do então estado da Guanabara com o antigo estado do Rio de Janeiro, nascendo assim, o estado do Rio de Janeiro e sua capital, a cidade do Rio de Janeiro. A capital herda uma rede de escolas, considerada a maior da América Latina.

Entre os anos noventa e dois mil, participações em jogos esportivos escolares como o Rugby traz destaque em citações na internet.

Outro fato curioso é ser a “Rosa da Fonseca”, um local de votação eleitoral entre os anos 2017 e 2022, inclusive tendo recebido a visita do então candidato Presidente e Presidente no período de 2018 a 2022, Jair Messias Bolsonaro. Fato pouco explorado dentro da unidade e que causou transtornos por conta da vigilância necessária à autoridade.

Analisando os documentos enviados pelo bibliotecário do CREP-AT, recebemos um Cadastro da unidade escolar²⁸, constando mapa²⁹, dados gerais e topográficos, alguns ilegíveis. Onde alguns dos dados constam localização, inauguração, reinauguração, decretos de funcionamento e parceria com entre a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e o Exército.

Toda a organização administrativa a partir dos anos noventa do século XX, principalmente sob a administração do então prefeito César Maia³⁰, contribui para que a prefeitura tivesse êxito, principalmente no campo educacional. Nesse sentido, a Secretaria Municipal de Educação e sua rede, considerada a maior da América Latina também seguiu tal organização.

²⁸ Ver cadastro nos anexos

²⁹ Ver mapa nos anexos

³⁰ César Maia- César Epitácio Maia - oitavo prefeito da cidade do Rio de Janeiro (1993 a 1997) e décimo prefeito (2001 a 2009, dois mandatos consecutivos). Em sua primeira gestão, a prefeitura se reestruturou financeiramente e administrativamente, criando empresas e fundações públicas como a Multirio e a Comlurb.

Fundações e autarquias como a Multirio³¹ e CREP-AT somaram e muito na busca por traçar políticas públicas, voltadas tanto para a memória da Educação Pública Municipal, quanto para novas ferramentas que contribuíssem para a qualidade do ensino na cidade do Rio de Janeiro.

Sendo assim, a unidade escolar Rosa da Fonseca seguiu as deliberações traçadas pela Secretaria Municipal de Educação tanto na sua organização administrativa, como na pedagógica, seguindo as linhas pedagógicas implementadas por esta secretaria. Por vezes, resoluções, deliberações e outros documentos norteavam o “caminhar pedagógico”, sendo muitas vezes, criticados por professores, alunos e responsáveis.

A partir do ano de 2007, a escola deixou de ter os dois segmentos do ensino fundamental e o PEJA³² noturno, funcionando somente com o segundo segmento (6º ao 9º). Alguns professores foram remanejados para outras unidades e a chegada de outros tantos também se deu.

Podemos ver duas figuras, que mostram como se apresenta a frente quase centenária do prédio e visão que temos da Praça Marechal Hermes com o espaço para os mastros para hasteamento das bandeiras oficiais, em datas festivas, como o aniversário da instituição.

³¹ MULTIRIO - Empresa Municipal de Mídias - é uma empresa pública vinculada à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Sua missão é pesquisar linguagens e formatos, experimentar possibilidades tecnológicas em conteúdos curriculares, produzir recursos de aprendizagem, ampliar as formas de distribuição de produtos educativo-culturais e capacitar os profissionais da educação para a utilização das mídias em sala de aula.
<https://carioca.rio/servicos/informacoes-sobre-a-multirio/>

³² A EJA é uma modalidade da Educação Básica, que, no município do Rio de Janeiro, funciona no Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja) como uma política pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, na etapa do Ensino Fundamental – anos iniciais e finais. (site Multirio <https://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/13298-conhe%C3%A7a-o-programa-de-educac%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos-peja>)

Figura 18: Frente atual da E.M.Rosa da Fonseca



Fonte: arquivo pessoal

Figura 19 : Praça Marechal Hermes, em frente a E.M. Rosa da Fonseca. Onde se vê mastros para o hasteamento das bandeiras cívicas.



Fonte: arquivo pessoal

A seguir temos os últimos dados da instituição escolar a partir dos dados do Censo Escolar, importante radiografia física e estrutural da unidade escolar.

2.5.1. Dados da E.M.Rosa da Fonseca, a partir do Censo Escolar³³ de 2020

A E.M.Rosa da Fonseca fica localizada no endereço Praça Marechal Hermes, 30- Vila Militar- Rio de Janeiro – RJ CEP: 21615-140 Fone: (21) 3017-7016. Email para contato: emrfonseca@rioeduca.net, tendo como mantenedora a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em sua Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (SME), através da oitava Coordenadoria Regional de Ensino (8a. CRE). Sua designação junto a esta é 0833007.Seu código de vinculação ao INEP é 33081123.

Como já informado anteriormente, a infraestrutura da unidade encontra-se dentro do possível conservada, mas há de se lembrar que é um prédio com mais de setenta anos, demandando constantes reparos e reformas, sendo que nem todas são feitas. Visto que, há uma parceria entre o Exército (dono do prédio) e Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, que a utiliza. Sendo que esta última utiliza-se das verbas federais e municipais para tal parceria.

Segundo dados do Censo/2020 do Ministério da Educação, as principais informações são as seguintes: há alimentação escolar para os alunos, é abastecido por água filtrada e rede de esgoto da rede pública, é servida por energia da rede pública, há coleta periódica de lixo, não sendo este recolhido de forma seletiva, há banda larga de telefonia e internet. Dispõe de 19 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências. Tendo também: sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, quadra de esportes descoberta, cozinha. Dispõe ainda de uma bela sala de leitura, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida,

³³ O Educacenso é uma radiografia detalhada do sistema educacional brasileiro. A ferramenta permite obter dados individualizados de cada estudante, professor, turma e escola do país, tanto das redes públicas (federal, estaduais e municipais) quanto da rede privada. Todo o levantamento é feito pela internet. A partir dos dados do Educacenso, é calculado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e planejada a distribuição de recursos para alimentação, transporte escolar e livros didáticos, entre outros. (Ministério da Educação)

sala de secretaria, banheiro com chuveiro. Sem contar com um amplo refeitório, despensa, pátio coberto, pátio descoberto com uma área verde agradável.

Algumas das imagens dos espaços citados acima foram produzidas durante a pesquisa.

Figura 20 : Pátio interno



Fonte: arquivo pessoal

Figura 21: Jardim, pomar



Fonte: arquivo pessoal

Ao conversarmos com a coordenadora, professora Patrícia Nogueira, para buscar informações para o nosso Centenário Décimo aniversário, pouquíssimas referências encontramos, além dos números de Diários Oficiais referentes à nossa escola e fotos esparsas e com datas incertas. Além de informações sobre nossa patrona, Dona Rosa da Fonseca, vinculadas ao Exército Brasileiro

Nos últimos dez anos, através das pesquisas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, vimos com certa tristeza, a diminuição do grau de publicidade e os “tempos áureos” de visitas de autoridades se escassearem no mesmo grau, que verbas e melhorias para alunos e professores, também se tornarem somente para o básico.

O encantamento, a pompa e a relevância de espaço educativo que recebia visitas noticiadas pelos semanários mais importantes, da então capital federal ficaram na memória dos funcionários e professores mais antigos e que sobrevivem em conversas informais quando se aproxima o natalício de criação da escola.

Sabemos que o retorno aos tempos áureos, talvez não ocorra, mas através também da preservação da memória coletiva e sua ressignificação para as novas gerações possam contribuir para que fatos e eventos sejam pelo menos conhecidos.

2.6- Escola Municipal Antônio Fernandes dos Santos - uma escola para a massa.

Nos anos 1920, em várias partes do Brasil, grupos menos privilegiados passaram a frequentar escolas com o movimento da Escola Nova, que apoiava a universalização da escola pública, laica e gratuita, e a uniformização desses novos alunos passou a ser de muita relevância. Esse movimento foi muito importante na história da pedagogia, pois representou a tomada de consciência da defasagem entre a educação e as exigências do desenvolvimento (ARANHA, 2006)³⁴

Depois de falarmos sobre a Escola Municipal Rosa da Fonseca e percebermos que durante anos e anos, esta contou com o apoio e o prestígio tanto do governo federal quanto do Exército Brasileiro, demonstrando o grau elevado de importância tanto para a comunidade escolar que atendia quanto para a instrução pública do período.

³⁴ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

Ouvindo meu pai, a respeito de onde os meninos e meninas dos bairros Vila Militar e Deodoro estudavam na época escolar dele, soube que havia uma diferença gritante acerca das instituições. A “Rosa da Fonseca” era para os “filhos dos militares”, muitos moradores da própria Vila, considerados a elite daquele espaço. Já para os filhos dos operários e alguns ferroviários que moravam próximo aos quartéis, o destino era a “Antônio Fernandes dos Santos”.

A Escola Antônio Fernandes dos Santos, que posteriormente, recebeu o complemento de Municipal, foi criada em 1917, à Estrada São Pedro de Alcântara, número 412, em Deodoro, entre o prédio da Fábrica de Tecidos América Fabril e a vila operária, com seus prédios de madeira e loteado entre famílias numerosas. A inauguração ocorreu na gestão do prefeito Amaro Cavalcanti e do secretário de instrução pública, o Sr. Manoel Cícero Peregrino da Silva.

O terreno fora cedido pelo próprio Sr. Antônio Fernandes e o prédio tinha o estilo arquitetônico próprio daquela da sua fundação, assim como o da “Rosa da Fonseca” e outros espaços, o estilo Eclético³⁵. Como cita, o site da Multirio sobre a escola:

Antônio Fernandes dos Santos foi um dos donos da antiga fábrica de tecidos América Fabril. Ele cedeu o prédio ao governo do Rio de Janeiro para funcionamento de uma escola com a finalidade de atender principalmente os filhos dos empregados da fábrica. (Site Multirio)

Mais uma vez, nas conversas despreziosas com meu pai, ele dizia que todos os meninos do seu cortiço, como filhos dos operários, estudavam naquela escola, indo até a antiga quarta série do ensino primário. Os poucos que conseguiam dar prosseguimento após os exames admissionais ao ginásio, iam para outras escolas. Fato raro naquela época para aqueles meninos. Muitos aprendiam profissões em cursos no Serviço de

³⁵ A arquitetura eclética refere-se a um movimento arquitetônico predominante desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, foi uma tendência dentro do academicismo, trazido pela Academia de Belas Artes – fundada no período neoclássico, é assim chamada para comportar as mais diversas interpretações do vocabulário formal dos estilos anteriores. Em arquitetura, o ecleticismo é a mistura de estilos arquitetônicos passados para a criação de uma nova linguagem arquitetônica. O termo arquitetura eclética é usado em referência aos estilos que exibiam combinações de elementos que podiam vir da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica, entre outras. Com isso, buscava-se negar a ligação com o passado português fazendo referências a novas fontes de culturas, como a França e a Itália. <https://arqbrasil10.wordpress.com/arquitetura-eclética/>

Aprendizagem Industrial (SENAI) e entravam ainda adolescentes, como aprendizes na própria fábrica. Assim, ocorreu com o meu pai e meus tios.

Na escola, além de ler, escrever e contar, havia também o Catecismo da Igreja Católica, onde os alunos e suas famílias recebiam o preparo para o sacramento católico da Primeira Eucaristia. Vendo-se aí, a influência da instituição religiosa na vida das pessoas.

Outro símbolo icônico era o sinal da fábrica, às sete, doze, treze e dezessete horas, que ditava o ritmo tanto dos operários quanto dos seus filhos rumo à escola. Tal prática, era comum nas vilas operárias fabris pelo Brasil.

Diante da desativação da fábrica e da desocupação dos prédios da Vila operária no final dos anos oitenta e noventa, a escola conhecida pela designação 08.33.003, foi extinta pelo Decreto 19365 de 28 de dezembro de 2000 para a construção de um viaduto. Alunos, professores e funcionários foram remanejados para a Escola Ivan Rocco Marchi, do outro lado da Avenida Brasil.

Na imagem vê-se as crianças saindo de um dia de aula, há a presença de meninos e meninas, trajando uniforme padrão: calça/saia de tergal, provavelmente azul, blusa branca, aos pés cada aluno usaria o calçado que tiver. Era comum às crianças menos abastadas, o uso do tamanco de madeira.

Figura 22: Escola Antônio Fernandes dos Santos



Fonte: Multirio

2.7- Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca - a patrona³⁶ da unidade escolar e da família do Exército

Diante da curiosidade sobre a Patronesse da Unidade escolar, em saber um pouco mais sobre a vida, faz-se necessário um breve relato sobre a sua biografia. Lembramos que as fontes são o Exército, alguns jornais alagoanos da época, através da pesquisa de seu nome na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional em sua versão online e um museu em sua terra natal, a cidade de Marechal Deodoro (Alagoas).

Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu em 18 de setembro de 1802, na então localidade do Sítio Oiteiro, no povoado Riacho Velho, cidade de Alagoas, capital da província de mesmo nome, atual município de Marechal Deodoro. Filha de Antônia Maria de Barros e José Carvalho Monteiro. Em solteira, chamava-se Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante.

Em 1824, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, casou-se com o Major do Exército Imperial Manoel Mendes da Fonseca, militar e grande monarquista. O casamento, realizado na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição em Alagoas, parece não ter sido muito bem-visto pela família do noivo, conforme o registro:

É que sua família da parte dos Galvão, de grande projeção social, que não concordou com o casamento, pois dizia que a noiva descendia de escravos, tinha sangue indígena em suas origens e vivia na cidade de Alagoas, sem comportamento conveniente para uma moça, como montar cavalo em pelo, disparar pelas ruas da cidade e nadar nas lagoas. Ademais, os pais de Rosa eram desconhecidos. (ROCHA, 2015)³⁷

A partir do casamento, o major passou a assinar seu nome sem o sobrenome Galvão, assim como Rosa Maria, que também suprimiu o “de Barros Cavalcante” e incluiu o “da Fonseca”, passando a assinar o nome como Rosa Maria Paulina da Fonseca.

³⁶ PATRONO é substantivo masculino. Por terminar em “o”, seu feminino se forma em “a” - PATRONA, palavra que designa tanto a figura tutelar, padroeira ou protetora quanto a advogada. Normalmente só se encontram exemplos no masculino - o patrono da Aeronáutica, o patrono do Exército etc. - por isso fica estranho escrever “patrona” da sociedade tal, mas é só falta de hábito. A palavra feminina PATRONESSE é usada apenas com referência a uma senhora que organiza ou patrocina uma festa, em geral beneficente.

³⁷ <https://www.historiadealagoas.com.br/manoel-mendes-da-fonseca.html>

Mulher de caráter varonil, sempre o apoiou em suas resoluções e o acompanhou, intemorata, nos transe da vida, até seu falecimento, já reformado no posto de Tenente-Coronel, em 24 de agosto de 1859.

Nessa união nasceram dez filhos, sendo duas mulheres, Emília e Amélia, e oito homens. Todos os oito abraçaram a carreira do pai, ocupando posições de destaque na vida militar, na política e na administração pública brasileira.

Segundo Pedro Paulino da Fonseca em seu “Testamento Político”, de maio de 1895, publicado na *Revista do IHGAL* de 1980, a família mudou-se para o Rio de Janeiro a partir de 1840, quando seu pai foi transferido para o Rio de Janeiro.

Na verdade, Manoel Mendes da Fonseca foi enviado preso para a fortaleza de Santa Cruz, após ter participado do levante que tentou impedir a transferência da capital da cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, para Maceió.

Havia fugido para Sergipe onde apresentou-se em 3 de dezembro de 1839 ao comandante das Armas daquela província. Foi preso e enviado para a Corte e somente em maio do ano seguinte foi julgado pelo Conselho de Guerra, sendo absolvido e reconduzido ao Exército. Foi formado como tenente-coronel.

D. Rosa da Fonseca, sete filhos, sua mãe e três escravos foram para a capital do Império em março de 1842, para ficar perto do marido e pai. Quando a embarcação que os transportavam da cidade de Alagoas (Marechal Deodoro) para Maceió chegou à Bica da Pedra, “minha cara mãe fez encostar a canoa para encher daquela água os frascos de uma frasqueira, que propositalmente trazia, para como lembrança levar a meu pai, já ali desde 1840, água que por muito tempo guardou...”, testemunhou Pedro Paulino.

Quando eclodiu a Guerra da Tríplice Aliança, sete de seus filhos seguiram para os campos de batalha. Permaneceu junto a ela seu filho Pedro Paulino, tenente reformado do Exército, literato e estatístico, futuro governador de Alagoas e senador federal por esse Estado.

Na sangrenta Batalha de Curuzu, entre os três primeiros dias de setembro de 1866, faleceu em combate seu filho mais novo, Afonso Aurélio, aos 21 anos de idade,

Alferes do 34º Batalhão de Voluntários da Pátria, atingido quando tentava ultrapassar as muralhas daquela fortificação.

Poucos dias depois, em 22 de setembro de 1866, durante a sangrenta Batalha de Curupaiti, outro de seus filhos, o Capitão de Infantaria Hyppólito, perde a vida. Em 6 de dezembro de 1868, na célebre Batalha de Itororó, as "Termópilas paraguaias", a primeira das batalhas da "Dezembrada", outro de seus filhos cai ante o fogo inimigo, o Major de Infantaria Eduardo Emiliano. Nessa mesma Batalha, dois outros filhos, Hermes e Deodoro, foram gravemente feridos, sendo que esse último recebera três ferimentos por tiros de fuzil.

Durante as comemorações pela vitória em Itororó, ao ser informada da morte de Eduardo e da situação de Hermes e Deodoro, teria dito: "Sei o que houve. Talvez até Deodoro esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles".

Conta-se também que, ao receber o Oficial que lhe apresentaria os pêsames em nome do Imperador, respondeu que a vitória que a Pátria alcançava, e que todos tinham ido defender, valia muito mais que a vida de seus filhos.

“Conta-se que enquanto se comemorava a vitória de Itororó com grandes manifestações públicas no Rio de Janeiro, Rosa recebia o boletim com a notícia da morte dos filhos. Nem por isso deixou de homenagear as tropas, estampando a bandeira nacional em uma das janelas de sua casa. E quando pessoas amigas chegaram para lhe dar os pêsames, teria afirmado: ‘Sei o que houve, talvez até Deodoro mesmo esteja morto. Mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã chorarei a morte deles’. E de fato chorou por três dias, fechada em seu quarto“.(REB 39, p.3)

Acompanhando os fatos do seu tempo, Dona Rosa da Fonseca, considerada uma mulher inteligente, compreendia a importância da Guerra do Paraguai e não se abateu quando perdeu três filhos neste confronto.

O oficial curvou-se, e comovido, beijou a mão daquela excelsa senhora, que lhe parecia a encarnação da própria Pátria. Estampada na revista *Semana Ilustrada* apareceu, na edição de 28 de agosto de 1865, um soneto atribuído a Rosa da Fonseca³⁸; ei-lo:

³⁸ Texto e pesquisa de José Maria Tenório Rocha, publicado originalmente em Memórias Legislativas, em 15 de março de 1998.

*“Cala-te amor de mãe!
Quando o inimigo Pisa da
nossa terra o chão sagrado.*

*Amor da Pátria,
vivido, elevado Só tu
na solidão serás
comigo! O dever é
maior do que o
perigo.*

*Pede-te a Pátria, cidadão
honrado. Vai meu filho, e
nas lides do soldado
Minha lembrança viverá
contigo!*

*És o sétimo, o último.
Minh'alma, Vai toda
aí, convosco repartida*

*E eu dou-a de olhos secos, fria e
calma. Oh! Não te assuste o
horror da marea lida, Colhe no
verde campo a melhor palma*

Ou morte honrada ou gloriosa vida.”

Rosa Maria Paulina da Fonseca, a "Mãe dos Sete Macabeus"³⁹⁶, como passou a ser intitulada, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1873, aos 70 anos de idade, vítima de pneumonia. Residia à época na rua da Ajuda. Foi sepultada no Cemitério de São Francisco Xavier.

Sete filhos de D. Rosa da Fonseca são conhecidos como os Macabeus, por terem combatido na Guerra do Paraguai, e ela própria, como “A Macabeia”; são eles: Afonso Aurélio da Fonseca, Eduardo Emiliano da Fonseca e Hipólito Mendes da Fonseca, os três heróis que tomaram em combate, e os quatro que atingiram o generalato, Manoel Deodoro da Fonseca, marechal e presidente da República, João Severiano da Fonseca, general médico, patrono do Serviço de Saúde do Exército, Hermes Ernesto da Fonseca, marechal do Exército e Severiano Martins da Fonseca, marechal de campo (REB, p.39)

Em 20 de agosto de 1979, em cerimônia fúnebre, com a presença de militares e cerca de 40 descendentes do Proclamador da República, Marechal Deodoro da Fonseca, foram trasladados os restos mortais de Rosa da Fonseca para o túmulo monumental de Deodoro, no mesmo cemitério. A lápide do antigo túmulo de Rosa da

³⁹ A palavra macabeu deriva do hebraico macabi — martelo. Era a denominação dos cinco filhos do sacerdote Matatiau, dos quais o mais ilustre foi Yehuda ha Macabi, Judas Martelo, pela sua força e determinação na luta contra os gregos. (REB, p.39)

Fonseca encontra-se na Casa de Deodoro, em Marechal Deodoro, para visitação pública.

Dentre seus filhos que regressaram vivos da Guerra da Tríplice Aliança, destacou-se, especialmente, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, Proclamador da República, Chefe do Governo Provisório e Primeiro Presidente Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil.

Destacou-se, também, de forma singular, o eminente médico militar, General de Brigada João Severiano da Fonseca, escolhido, em 1962, para ser o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. Seu neto, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, foi o 8º Presidente da República, exercendo seu mandato entre 1910 e 1914.

No intuito de preservar e divulgar o patrimônio imaterial do Exército Brasileiro (EB), expresso em suas tradições e celebrações, além de fomentar o pertencimento dos integrantes da Força Terrestre à família militar, a 5ª Região Militar (5ª RM) comemorou, no âmbito da Guarnição de Curitiba, o “Dia da Família Militar”.

A data, dia 18 de setembro, foi recém-instituída pelo EB e tem na figura de Dona **Rosa Maria Paulina da Fonseca** a Patrona desse marco comemorativo, em função de sua relevância e de sua personalidade, bem como sua devoção e abnegação da família **Fonseca** à causa militar em diversos momentos da história nacional. Seguindo uma programação de cunho cultural, social e cívico-militar, foi realizada uma palestra, cuja temática foi o legado de Dona Rosa Fonseca para a família militar, proferida pelo Assessor de Assuntos Culturais da 5ª RM, Coronel André Mauro Ávila. O público era constituído por representantes de diversas organizações militares da Guarnição. Em suas palavras introdutórias, o palestrante qualificou o evento como “um momento para juntarmos os nossos pensamentos e valorizar a família militar”.(Portal do Exército Brasileiro, grifos do portal)

A última notícia que tivemos relacionada ao seu nome foi o furto de uma estátua, em sua homenagem, localizada à Praça da República, noticiada amplamente pela imprensa.

Nos últimos anos, dentro da própria unidade escolar, ganhou destaque a imagem de dona Rosa da Fonseca, como mulher, mestiça, nordestina, que escrevia quadrinhas para o jornal. Fato que, a partir, de buscas e pesquisas historiográficas, como esta, a aproximou da imagem da mulher comum, brasileira, inclusive das mães, avós, tias, professoras, enfim das mulheres próximas aos alunos da escola.

Uma mulher que casa tarde, aos vinte e cinco anos, com um homem de família de classe social, bem distinta à sua. Que sofre preconceito, inclusive desta família, os Fonseca. Que se vê abrindo mão do seu sobrenome e assumindo a responsabilidade, de uma família numerosa, com a fuga e prisão posterior de seu marido. Fato também, que ocasionou a sua saída, como retirante, de Alagoas, com seus filhos, mãe e escravos à época, para estar próxima ao marido, preso na capital, o Rio de Janeiro.

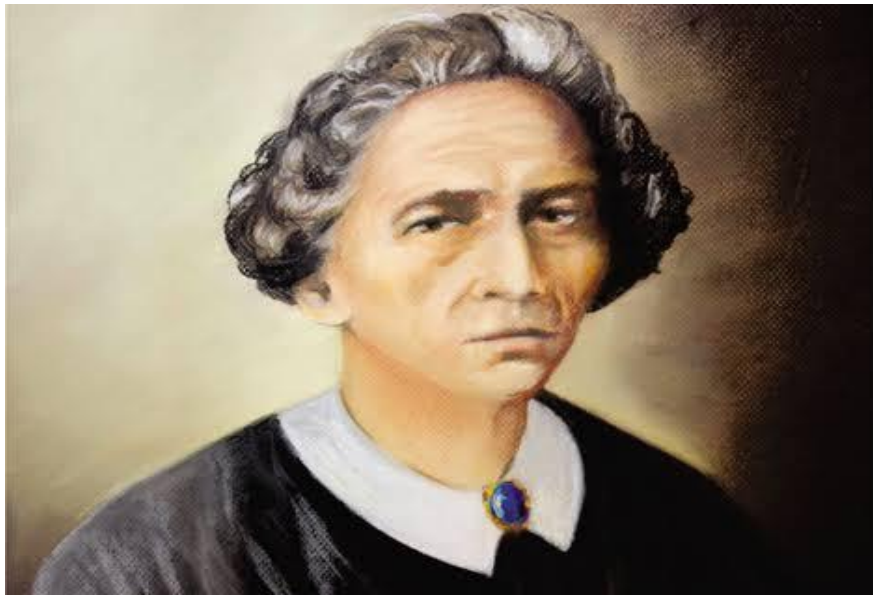
Outro ponto de destaque sobre a Dona Rosa da Fonseca era a sua face escritora. Ela publica pequenas quadrinhas sobre seus filhos e a guerra, demonstrando-se alfabetizada e ciente da importância da cultura.

Um fato interessante é que todos os seus filhos, que sobreviveram, chegaram a altos postos tanto do Exército, quanto do Serviço Público Civil e também destaques na política, como governadores, chegando ao posto de Presidente da República, como seu filho Manuel Deodoro e seu neto Hermes da Fonseca.

Interessante, o fato da homenagem feita a dona Rosa, pelo neto Hermes, tenha sido uma escola, demonstrando talvez o papel social destinado às mulheres na virada do período imperial para o republicano. Outro dado de destaque é a praça existente na Vila Militar, entre a primeira sede da Escola Municipal Rosa da Fonseca e a atual ser denominada Marechal Hermes.

Pelo trabalho de pesquisa que possa ser feito junto aos alunos sobre a importância da unidade escolar, suas origens, permanências, mudanças e conseqüentemente as ressignificações dos seus espaços, ganhe mais força a figura de dona Rosa, não só como a mãe e avó de ex-presidentes, mas da figura de mulher, nordestina e mãe, inspirando e refletindo a participação do feminino no espaço escolar.

Figura 23: Rosa da Fonseca, “Vó Tadona”, como era chamada pelos seus familiares



Fonte: Portal do Exército

3- CÉLESTIN FREINET E AULA-PASSEIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

3.1-Considerações iniciais

Neste terceiro capítulo, faremos um breve relato das principais ideias e propostas pedagógicas implantadas por Célestin Freinet, principalmente na discussão e utilização da aula-passeio, muito utilizada por ele.

Lembraremos a importante figura do educador francês, do século XX, que apresenta uma mudança significativa e robusta na maneira de se ver a educação, principalmente na Europa, visto como modelo, para outros países pelo mundo, incluindo o Brasil. Sua importância é tamanha, que influenciou o surgimento de vários movimentos voltados à educação, dentre eles, o Manifesto dos Pioneiros da Nova, tendo como expoentes, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Cecília Meireles, entre outros educadores.

Assim é possível, a utilização da Escola Municipal Rosa da Fonseca como proposta de educação patrimonial, através da organização de um roteiro de uma aula-passeio pelos alunos das turmas de sexto ano e algumas do sétimo ano, da unidade escolar. De fato, este último capítulo será muito importante para a finalização desta pesquisa,

Detalharemos a proposta do material pedagógico, ou seja, o roteiro de uma aula-passeio baseada na metodologia de Freinet, desde a sua organização até o seu encerramento com atividades, dentro de sala de aula, com as turmas envolvidas, passando pela aula propriamente dita e seu registro escrito e fotográfico.

O detalhamento da proposta, visa expor melhor, aos leitores e possíveis interessados, nesta atividade específica, como foi o passo a passo das atividades planejadas e executadas com as turmas exemplificadas. Ou ainda, que essa possa contribuir para uma outra aula-passeio com questões semelhantes e também específicas em outras turmas e unidades escolares.

3.2-Freinet e suas contribuições.

O educador Célestin Freinet⁴⁰ nasceu no dia 15 de outubro de 1896 em Gars, povoado na região da Provence nos Alpes Franceses. Antes de se dedicar ao magistério, foi pastor de rebanhos. Durante a Primeira Guerra Mundial em 1914, lutou bravamente, porém os gases tóxicos do campo de batalha afetaram seus pulmões, infelizmente teve que conviver com a enfermidade para o resto de sua vida.

Foi então que em 1920, em uma pequena aldeia de Barsur-Loup, resolveu lecionar e colocar em prática alguns experimentos, como o livro da vida e a aula-passeio. Em seus pensamentos havia um grande questionamento em relação às tarefas escolares repetitivas, achava bem mais atraente as atividades lúdicas e o momento do recreio.

Com o objetivo básico de desenvolver uma escola popular, Freinet foi reconhecido como um dos mais importantes inovadores da educação do século XX. No ano de 1927 teve a ideia de fundar uma cooperativa, a mesma favorecia o intercâmbio de novos instrumentos pedagógicos, ele a batizou como Cooperativa do Ensino Leigo. Cinco anos após o seu casamento que aconteceu no ano de 1928, Freinet foi exonerado do cargo de professor, tal atitude o incentivou a construir sua própria escola em Vence, tendo como parceira e divulgadora a sua esposa.

Nos anos seguintes muitos contratempos ocorreram na vida do educador, foi preso durante a Segunda Guerra, adoeceu num campo de concentração alemão e depois de um ano quando foi libertado, resolveu aderir a resistência francesa ao nazismo.

Com a vinda da paz, Freinet conseguiu reorganizar a cooperativa e a escola em Vence. Em 1956, a campanha 25 alunos por Classe, liderada por ele, foi vitoriosa. O número de alunos em sala de aula era crescente, o que causava uma grande preocupação entre os educadores. No ano seguinte, a Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (Fimem), foi fundada por seus seguidores e hoje reúne vários educadores em cerca de 40 países⁴¹. Freinet participava de vários seminários voltados para a educação, com o intuito de ampliar o seu conhecimento, recebeu grande

⁴⁰ ELIAS, Marisa D. C.(org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática: Campinas, SP: Papirus, 1996.

⁴¹ SAMPAIO, Rosa M.W. Freinet: Evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 2007.

influência do pensamento de outros autores como Rabelais, Rousseau, Montaigne e Pestalozzi.

Célestin Freinet faleceu no dia 08 de outubro de 1966, mas suas ideias humanistas e contemporâneas permaneceram. Com seu pensamento libertador e o conhecimento da pedagogia, ele objetivava a liberdade de pensamento de seus alunos, para que pudessem lutar contra a ignorância, alienação do pensamento e falsas consciências, só assim conseguiriam desenvolver sua própria autonomia de pensar. Com tal atitude a criança chegaria ao seu estágio pleno e seria capaz de se transformar em um adulto crítico e livre.

3.3-A Pedagogia de Freinet.

Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos corria o risco de ser insuficiente, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas. Por isso, organizou uma série de princípios que chamou de Invariantes Pedagógicas. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso (SAMPAIO,2007, p.80).

Há algum tempo atrás o professor era visto como o dono da razão e o único detentor do conhecimento, onde os alunos eram apenas ouvintes e obrigados a serem uma máquina de decorar, sem autonomia alguma, como pensava a “educação bancária”. Muita coisa mudou de lá para cá e muitos professores passaram a conhecer as propostas de Freinet, mas muitos tinham dúvidas de como trabalhar com essa pedagogia.

Segundo algumas referências,

“para esses, Freinet criou a Cooperativa do Ensino Leigo, (CEL) e 30 Invariantes Pedagógicas que dão suporte para o professor utilizar suas técnicas, que orientam e definem os princípios básicos para um melhor desenvolvimento do seu trabalho e consequentemente, tenham o respeito e uma relação de confiança entre seus alunos. E Com esse intuito de garantir que os professores interessados na Pedagogia Freinet conseguissem utilizar as técnicas de maneira eficiente, Célestin organizou esta coleção de princípios que guiam o professor em sua utilização.” (SAMPAIO,2007,p.82)

Criada, inicialmente, para auxiliar nas necessidades imediatas, decorrentes do crescimento dos interessados nas novidades da Pedagogia de Freinet, a Cooperativa do Ensino Leigo (CEL)⁴² transformou-se, mais tarde, numa organização internacional, tornando-se responsável pelo fornecimento de material pedagógico e público para milhares de associados no mundo todo.

De acordo com alguns autores, a Pedagogia Freinet não possui regras ou normas previamente estabelecidas⁴³. Ele elaborou o chamado Código de Educação, que possui princípios sobre a natureza da criança, suas reações e técnicas educativas, às quais considerava invariáveis, daí serem chamadas de invariantes pedagógicas, e é chamada dessa forma, pois são válidas em qualquer lugar do mundo onde existam seres humanos e aprendizagem.

Segundo SAMPAIO (1989) para cada invariante o próprio Freinet a apresentou como um teste, semelhante a um sinal de trânsito, que deveria ser respondido pelo professor, para que esse tivesse o parâmetro de sua ação pedagógica.

Como dissemos anteriormente, tais invariantes estão divididas em três grupos. As três primeiras, estão relacionadas à natureza da criança e são:

- *A criança e o adulto têm a mesma natureza.
- * Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.
- * O comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional.

As invariantes relacionadas às reações das crianças são:

- A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.
- A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida quando isto significa obedecer passivamente uma ordem externa.

⁴² A Cooperativa do Ensino Leigo (CEL) foi a primeira cooperativa organizada por Freinet, para promover as publicações, divulgando, por meio de boletins e circulares, os instrumentos pedagógicos criados e as experiências dos professores engajados no movimento. BUSCARILO, Ana Flávia Valente; ANJOS, Daniela Dias dos. TRABALHO DOCENTE E PEDAGOGIA FREINET. Cadernos CEDES, v. 42, p. 127-132, 2022.

⁴³ SAMPAIO, Rosa M.W. Freinet: Evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 2007.

- Ninguém gosta de fazer determinado trabalho por coerção, mesmo que, em particular, ele não o desagrade. Toda atitude imposta é paralisante.
- Todos gostam de escolher o seu trabalho mesmo que essa escolha não seja a mais vantajosa.
- Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.
- É fundamental a motivação para o trabalho.
- É preciso abolir a escolástica.
- Todos querem ser bem-sucedidos. O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.
- Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho.

As invariantes relacionadas às técnicas educativas que podem contribuir para o ensino-aprendizagem, segundo Freinet são:

- Não são a observação, a explicação e a demonstração - processos essenciais da escola - as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.
- A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, encontrando-se, assim, verdadeiramente a serviço da vida.
- As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, como às vezes se crê, mas sim pela experiência. Estudar primeiro as regras e leis e colocar o carro na frente dos bois.
- A inteligência não é uma faculdade específica, que funciona como um circuito fechado, independente dos demais elementos vitais do indivíduo, como ensina a escolástica.
- A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que atua fora da realidade que fica fixada na memória por meio de palavras e ideias.
- A criança não gosta de receber lições autoritárias.
- A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende aos rumos de sua vida.

- A criança e o adulto não gostam de ser controlados e receber sanções. Isso caracteriza uma ofensa à dignidade humana, sobretudo se exercida publicamente.
- As notas e classificações constituem sempre um erro.
- Fale o menos possível.
- A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe numa comunidade cooperativa.
- A ordem e a disciplina são necessárias na aula.
- Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de paliativo.
- A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida pelo trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.
- A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.
- A concepção atual das grandes escolas conduz professores e alunos ao anonimato, o que é sempre um erro e cria barreiras.
- A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.
- Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito aos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.
- A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com o qual temos que contar, sem que se possa evitá-la ou modificá-la.
- É preciso ter esperança otimista na vida.

Freinet (1998) compara a criança a uma semente, dizendo que a semente em solo precisa de luz, água e tudo para que germine e frutifique. Assim também são as crianças, em ambientes propícios crescerão e se desenvolverão muito bem. “Desde que as condições exteriores sejam favoráveis à germinação, há uma força que desperta, cresce, agita o pão de trigo, que começa a escalar para o esplendor do seu servir” (p. 18)

A prática educativa baseada na Pedagogia de Freinet ⁴⁴é considerada libertadora, visto que os problemas da vida e social são discutidos de forma aberta, entre educador e educando, onde o aluno tem a liberdade de ser crítico diante da realidade de sua sociedade. A sala de aula não é só o local de estudo, mas também o ambiente onde ele pode levar suas experiências e tornar o momento de aprendizagem muito mais agradável.

Porém a nossa pedagogia tem a pretensão de ser mais simples do que a pedagogia tradicional, pois é natural, quer dizer, baseia-se nos princípios e nos comportamentos do bom senso que qualquer um que possua este bom senso compreende e admite. Freinet (1975, p.120)

A luta por uma escola centrada na criança era uma forte característica do movimento pedagógico de Freinet, ela não seria mais vista como um indivíduo isolado, mas sim parte integrante da comunidade. A proposta do pedagogo seria a de uma escola que oferecesse mais prazer, onde a criança quisesse permanecer por mais tempo e também mais alegre. Porém a escola teria que se preocupar em fornecer tal ambiente ao aluno, práticas pedagógicas atentas ao ritmo e conhecimento de cada criança, respeitando as diferenças físicas, psicológicas e sociais. Recursos que auxiliam no desenvolvimento e interação do educando. Em resumo, o trabalho como base educativa prepara a harmonia social pela harmonia individual, é um estimulante para o estudo abstrato, é finalmente, um fator inestimável de moralidade e sociabilidade” (FREINET, 1998, p.94)

Freinet se dedicou a transformar a escola por dentro, pois acreditava que as contradições sociais começam a manifestar-se em seu interior. Mas para isso seria necessária a cooperação de todos os profissionais da educação, uma parceria para que se chegasse a um só objetivo, criar uma “escola do povo”. Sua maior preocupação era adaptar a escola tradicional às necessidades do mundo moderno, não só adquirindo material ou mobílias novas, mas sim ter uma escola que atendesse às exigências atuais e futuras.

Célestin Freinet: “Voltou às costas resolutamente a toda psicologia tradicional, artificial e espiritualista, apoiada nessas entidades imaginárias, as faculdades da alma, e

⁴⁴ ELIAS, Marisa D. C.(org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática: Campinas, SP: Papyrus, 1996.

orientou-se para a concepção de uma pedagogia de unidade e do dinamismo que ligasse a criança ao meio social.” (FREINET, 1978, p. 45).

Após frequentes observações Freinet chegou à conclusão que algo o incomodava, as crianças estavam sempre felizes no pátio, brincando e cheias de vida, mas ao entrar na sala de aula tudo se transformava, vinha à tona uma postura passiva, um desinteresse inexplicável. Foi quando percebeu que o contato com a realidade do meio em que vive, poderia produzir um aprendizado mais agradável e natural. O ambiente externo proporcionaria um melhor relacionamento com os colegas, professores e também os pais. Esta técnica de aula que viria ampliar a vivência recebeu o nome de aula-passeio e com certeza veio ampliar a construção de conhecimentos diversos.

3.4-Aula-passeio de Freinet

A aula-passeio idealizada por Freinet visava levar os alunos a ter um contato direto com a realidade, essa técnica priorizava a saída da criança da sala de aula e da escola. Afinal, “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET,1966, p. 296).

Com o objetivo de motivar e aprofundar os conhecimentos trabalhados em sala de aula, as visitas atuavam como ferramenta fundamental para acrescentar novas experiências. Ao voltar da aula-passeio o que se podia presenciar, eram os comentários sobre as observações feitas, a alegria e motivação de todos. A partir daí o professor estaria preparado para avaliar a aula, através de desenhos e outras atividades, relacionadas a tudo que foi vivenciado.

Freinet não estava satisfeito com o ensino tradicional, chamava de tateio experimental, a capacidade de a criança formular suas próprias hipóteses, a ideia era relacionar a observação feita fora da sala de aula, com a capacidade de refletir e transformar a mesma em conhecimento. Desde então a aula-passeio vem sendo realizada, da Educação Infantil ao Ensino Médio e tem revelado grandes resultados em trabalhos e projetos confeccionados pelos alunos. Essas saídas possibilitam à criança, dar um novo sentido aos conteúdos aprendidos, o que seria uma característica da Escola Nova, utilizar o conhecimento prévio para melhor trabalhar.

A classe-passeio foi para mim a tábua da salvação. Em vez de cochilar diante de um quadro de leitura do reinício das aulas à tarde, saímos para o campo que circundava a aldeia. Ao atravessar as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos movimentos seguros nos despertaram a vontade de imitá-los. Observávamos 16o campo nas diversas estações: no inverno, quando eram abertos grandes panos debaixo das oliveiras para receber as azeitonas que caíam; ou na primavera, quando as flores de laranjeiras desabrochadas pareciam oferecer-se à colheita. Já não examinávamos escolarmente as flores e os insetos, as pedras e os riachos à nossa volta. Nós nos sentíamos com todo o nosso ser, e não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade... (FREINET, 1998, p.27).

Durante todos esses anos, apesar da aula-passeio produzir resultados surpreendentes, muitos educadores se opõem ao método de Freinet, alguns pelo simples fato de estarmos acostumados ao método tradicional, outros por não aceitarem a ideia de que o aluno deve obter o conhecimento através do seu próprio olhar e não pelo dele. O que deve ser levado em conta é que a Aula-Passeio não é um tempo desperdiçado, todas as disciplinas podem se beneficiar deste mecanismo. Há uma importância muito grande no professor estar próximo ao aluno, durante uma Aula-Passeio, os laços tendem a ser estreitados em uma simples conversa, numa rodinha sentados ao ar livre. O próprio Freinet chamou a atenção ao retirar a cadeira e sentar-se no chão junto dos seus alunos.

Meu único mérito como pedagogo é talvez o de haver conservado uma influência tão marcante de meus primeiros anos, que sinto e compreendo, como criança, as crianças que educo. Os problemas que elas se colocam que são tão grave enigma para os adultos, eu os coloco ainda para mim mesmo, com as claras lembranças de meus oito anos e é como adulto-criança que detecto, através dos sistemas e métodos com que tanto sofri os erros de uma ciência que esqueceu e desconheceu sua origem. (FREINET. 1979, p. 28)

O que pode ser constatado é que tanto no início do século XX como nos dias de hoje, a aula-passeio tem motivado sempre a livre expressão da criança e a identificação do objeto observado, trazendo muito mais respostas para suas ações. Cabe ao professor orientá-los acerca de suas explorações, aceitando e debatendo a livre expressão do aluno, pois esta é a maneira que ele tem de manifestar suas ideias e pensamentos.

Ao pensar sua proposta pedagógica, Freinet levou em conta a ideia de que o aluno é capaz de educar-se tendo apenas o auxílio do professor, não precisando existir uma interferência direta do mesmo, quando se fala em direcionar à aprendizagem. Pois se elas são capazes de ser educadas por um adulto, o professor passa a não ser mais o centro das atenções.

O mais importante é o professor saber entender o aluno, demonstrar-lhe afeto e atendê-los quando necessário. Ame-os! “Espalhe a sua bondade a sua volta e sentirá poderosamente a sua ação” (FREINET, 1998, p.276)

De um modo geral, a criança cria condições para que o ambiente em que circula, seja repleto de motivação, curiosidades e questionamentos que os fazem felizes. Quando estamos dentro da sala de aula, a criança absorve o conteúdo através do quadro de giz, filmes e outras ferramentas pedagógicas, mas só terá a constatação da teoria a partir do momento que estiver próxima a realidade. Para toda prática ter um bom resultado, é necessário que haja um planejamento eficaz e aprofundado. Seja qual for o objetivo da saída, a técnica da Aula passeio precisa ser analisada com muita responsabilidade. É de praxe que todo trabalho de campo, deve estar diretamente relacionado com o conteúdo transmitido dentro da sala de aula.

A investigação feita durante a aula-passeio pode compreender diversas disciplinas, para isso é preciso que o educador esteja ciente dos diferentes objetivos e conceitos a serem explorados.

O professor deve fazer uma boa pesquisa do trabalho programado para a aula-passeio, locais a visitar, destinos com bom acesso, informações detalhadas, para que a atividade seja bem aproveitada pelos alunos.

Todo projeto deve ter uma avaliação prévia da coordenação pedagógica, analisar se o local escolhido para a visita se encaixa no conteúdo curricular. É fundamental levar em conta as sugestões do professor, que irão colocar a importância da interação externa com a programação dada em sala de aula. Nunca esquecer que no plano da Aula-passeio, tudo deve partir do real, experiências que o aluno já possui podem ser aproveitadas, para que se chegue ao objetivo final que é a formação do ideal, tendo o professor como mediador deste processo.[...] a experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355)

É preciso que o aluno seja preparado do ponto de vista intelectual, estimulá-lo a coleta de dados, proporcionar discussões e ampliar os conceitos científicos. A proposta para uma boa aula-passeio tem como início a motivação, todo acontecimento deve ser

resultado de um estímulo, preparar as condições favoráveis para um aprendizado eficaz é imprescindível.

O plano pedagógico precisa ser realizado por todos os envolvidos, formar um projeto para o passeio é dever da escola, professor e alunos, para que seja algo maravilhoso, não esquecendo que esta é uma oportunidade de, também, fazer com que o relacionamento entre todos os participantes sejam ampliados, proporcionando uma melhor troca de informações e conhecimentos.

Mas como o professor deve se estruturar? Primeiramente colher informações e opiniões dos alunos, saber quem já foi ao local alvo do planejamento, se o local for realmente o escolhido, deverá ser realizado um roteiro prévio de tudo que for entendido como importante para a observação. A maneira de como serão transportados também é muito importante, se irão em transportes, segurança dos alunos, relacionamento com as pessoas que terão contato e outros.

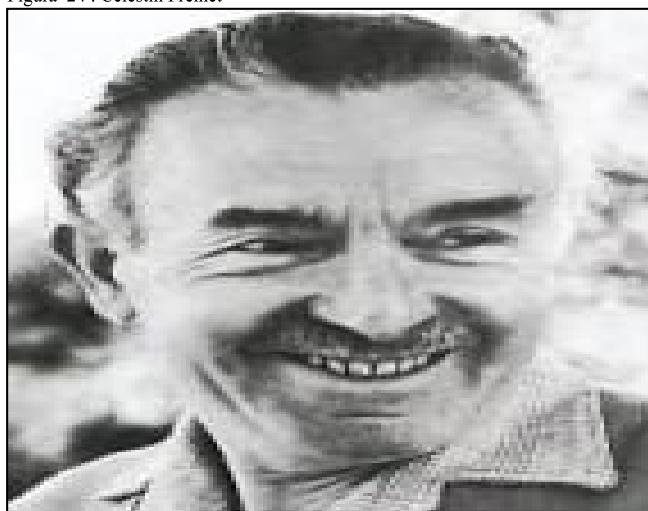
A preparação é uma das condições de sucesso. Sem ela, e depois sem o prolongamento e a comunicação, não haverá senão uma troca de lugares que arriscará ser mais próximos do turismo do que de um empreendimento educativo (SAMPAIO, 1996, p. 183).

Todas as aquisições feitas durante as saídas são resultados de um planejamento, onde os alunos foram estimulados a prepararem questões sobre o que desejavam ver e aprender em cada ponto do roteiro. A curiosidade do aluno em relação ao novo local de estudo, a reflexão e compreensão de novas informações é um caminho para transformar a sua vida em diferentes aspectos, principalmente social.

Ao retornar de uma aula-passeio tudo é motivo de comentário, o professor poderá usar a euforia e todas as lembranças do momento fora da sala de aula, para estimular o aluno a questionar e expor sua opinião sobre os conteúdos possíveis. Uma discussão dentro da classe, mais os dados coletados, proporcionará uma aula dinâmica e agradável. O momento será ideal para criar um clima de investigação, junto a todos. Poderá ser criado um vínculo entre a aula-passeio e todas as informações que ele tinha antes, levando o aluno a ter uma maior autonomia ao viver situações reais, ampliando o seu campo das investigações.

Sendo assim, após a aula-passeio poderão ser elaboradas diversas atividades que serão usadas como avaliação, tendo como fonte de conhecimento as observações feitas fora da sala de aula, conseguindo assim estabelecer uma favorável relação entre teoria e prática.

Figura 24 : Célestin Freinet



Fonte: internet

3.5- E.M.Rosa da Fonseca uma proposta de Educação Patrimonial.

Partindo de sua arquitetura dos anos de 1950 em estilo Eclético⁴⁵, centenária Escola Municipal Rosa da Fonseca, esta é uma verdadeira aula de História a céu aberto. Em seu terceiro prédio próprio, construído a partir da visita do então Presidente da República Getúlio Vargas, em 1938, a unidade escolar se fixa definitivamente, atuando naquele espaço de 1955 até a atualidade.

Cabe aqui ressaltar, que tal instituição no ano de 2023, completa 110 anos, fato importante e que será comemorado por toda a comunidade escolar, bem como, ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários. Tal efeméride, deve permear boa parte dos projetos e trabalhos pedagógicos elaborados para esse ano, inclusive com a participação do Exército, tamanho o grau de importância da escola no seio militar.

A E.M.Rosa da Fonseca foi de uma época em que o poder disciplinar era visto como algo exercido de forma vertical, de cima para baixo, onde a repressão era uma

⁴⁵ O estilo Eclético já foi explicado na nota número 30

característica definidora das práticas de poder, suprimindo a liberdade⁴⁶. Ninguém podia falar nada, os alunos só ouviam e escreviam, vistos como robôs, por isso “as rodas de conversa” que passam a serem feitas em sala de aula, no pátio interno e até mesmo na praça em frente à escola, modificam o cenário pedagógico.

Muitos acham que o poder produz realidade, conhecimento e que torna o indivíduo pronto para a sociedade. O poder acaba investindo sobre o indivíduo tornando-o “o bom” ou “o mau” aluno, “o inteligente” ou “aquele que não quer nada”, “o cidadão perfeito” ou “o delinquente”, enfim algo que acaba interferindo nos resultados escolares. Os “bons” sempre cada vez mais valorizados e os “maus” sem chances de conseguir melhorar. E isso me fez lembrar aquela frase tão conhecida e tão falada, “aquele menino não tem jeito!”.

Hoje temos outra didática, onde os professores buscam fazer seus alunos se interessarem mais pela aula. Aprendizados através de textos, trabalhos em grupos, mais trabalhos como avaliações, professores diferenciados, o ensino fora da sala de aula. Levando os alunos a lugares que não imaginava ter tantos aprendizados só com o olhar, o tocar, sem livros ou cadernos para anotações.

É notório que a maioria, não queria sair de sua zona de conforto e preferiam seus métodos tradicionais. Entretanto é necessário que os professores tenham uma visão ampla e que possam estabelecer uma estratégia de ensino para o aluno de uma maneira agradável, prazerosa e construtiva⁴⁷. Por que ter que decorar livros e mais livros?

Percebemos que o bom professor é aquele que sempre está diversificando o seu plano de aula, não fica na monotonia, só porque isto é cômodo para ele ou porque está no Currículo. Muitos exercem a função de professor, compreendendo que para ensinar temos que sair do conforto e ir de encontro com o desconhecido, com o que é possível fazer naquele ambiente ou principalmente fora dele! E a aula passeio está presente para ir a esse encontro.

⁴⁶ SAVIANI, Dermeval. (Org.). Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 75-93.

⁴⁷ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

Freinet educava a partir da observação que ele fazia dos próprios alunos em atividades ao ar livre, há quase um século de existência e ainda discutimos hoje suas vantagens.

É nesse sentido que se defende a introdução das aulas- passeios no âmbito educacional. Para isso o professor precisa ter o desejo e a motivação e a escola como instituição também consiga se renovar. E a aula passeio possui um importante papel pedagógico nisso. Dentro da sala, fazemos uma leitura da realidade, acompanhado dos livros didáticos, a saída pedagógica abre espaço para que cada um faça uma observação pessoal.

Naquele momento, podemos identificar as diferenças do que vemos nos livros e o que vivenciamos naquele momento, ao vivo, a cores, sem recortes, sem textos, sem o relógio para controlar uma atividade. Sem falar nas sensações que sentimos ao estar diante da natureza, o toque, o cheiro, o confronto com a beleza, com a feiura, espanto, curiosidade, a alegria e a tristeza. Tudo se mistura naquele momento, é uma mistura de sensações.

Vivemos numa sociedade em constante mudança, onde o conhecimento é atualizado e reelaborado a todo o momento e a escola enquanto formadora do cidadão crítico deverá repensar estratégias inovadoras utilizando as mais diversas ferramentas disponíveis para manter as crianças dentro do espaço escolar. O professor hoje compete junto a toda essa tecnologia disponível e ele como agente mediador no processo de formação de um cidadão apto para atuar nessa sociedade de constantes inovações, tem como desafios incorporar as ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem, tornar as aulas atraentes e buscar formas para facilitar a aprendizagem.⁴⁸As técnicas de Freinet tiveram evidências na década de vinte .

Nem todos os professores pensam da mesma forma, cada um tem sua própria visão do significado da aula passeio. Tomaremos por base o que muitos de nós, enquanto alunos, vivenciamos. Excursões pagas com caráter de lazer e descontração, que pouco se interligavam com as possibilidades de aprendizagens e experimentações, mas não significa que hoje esteja da mesma forma, pois a aprendizagem depende de diversos fatores, interesse, criatividade e motivação, tanto dos alunos como dos

⁴⁸ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

professores. Isso sem falar no ambiente que deve favorecer o interesse e a permanência do aluno na escola.

A escola, claro, é muito importante, mas, não é o único local que se adquire conhecimento e é pensando nisso que as atividades extraclasse ganham destaque cada vez mais.⁴⁹ Pois além de contribuir para a formação do aluno, complementa os ensinamentos dentro da sala de aula.

A maior parte das atividades que ocorrem durante o ano, é dentro da sala de aula. É evidente que é necessário inovar, reconceber métodos antigos e também criar outros caminhos no processo de formação dos estudantes. O aluno de hoje em dia não é mais o mesmo da minha época, por exemplo. É necessário ultrapassar os modelos do ensino tradicional e buscar práticas que valorizem seu cotidiano.⁵⁰

A partir da leitura de MELLO (2016) passei a articular melhor esta prática. Sendo a memória um fenômeno fluido e dinâmico, como a autora mesma sinaliza, foi possível utilizar a memória escolar para instrumentalizar meu grupo de alunos para o aprendizado da História. Valorizar a comunidade favelada do entorno e convidar seus moradores, muitos ex-alunos e com parentes na escola ainda hoje, para compartilharem suas vivências naquela unidade escolar foi importante, gerou frutos, pois:

(...) é possível analisar aspectos socioculturais de grupos específicos. Isto a partir da valorização de suas vozes, acompanhada de um esforço no sentido de aplicação da crítica teórico-metodológica da História (...) Na infrutífera disputa pela verdade entre a memória e a História optamos por concentrar nossos esforços na discursividade, na proliferação de vozes da História e da memória e na articulação dessas duas dimensões. (MELLO, 2016, p. 251)

De acordo com as professoras Vania Maria Siqueira Alves e Maria Amélia Gomes de Souza Reis, em texto de 2012, para o educador chileno Contreras, que trabalhou com Paulo Freire, é possível ver a influência do autor em cinco pontos principais:

- 1. A concepção de homem como sujeito histórico e inacabado.
- 2. A concepção de educação como ação transformadora.
- 3. O desenvolvimento da consciência crítica como possibilidade ontológica do oprimido.

⁴⁹ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2009.

⁵⁰ FREINET, C. Pedagogia do Bom Senso. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

- 4. O conhecimento crítico como ação de troca transformadora do mundo.
- 5. Por último, nada do anterior é possível sem o diálogo como possibilidade pedagógica de construção intersubjetiva.”

Como resultado, desta pesquisa, apresento o caderno pedagógico intitulado: “Minha escola tem história” - E.M.Rosa da Fonseca como estratégia para Educação Patrimonial, que poderá ser efetivamente utilizado por professores regentes da própria escola, e até mesmo, de outras unidades escolares.

O material pedagógico foi produzido a partir das pesquisas e levantamentos bibliográficos sugeridos, durante as aulas do curso de Profhistória, por todos os mestres, que tiveram acesso ao trabalho e de certa forma contribuíram.

Utilizando os conceitos de aula-passeio de Freinet e a curiosidade dos alunos da unidade escolar, didaticamente, o caderno pedagógico busca discutir com os educandos, os conceitos de memória/esquecimento histórico, História Local, Educação Patrimonial, sabendo que estes resultam de processos sociais, que envolvem disputas e silenciamentos, buscando junto aos mesmo conhecer a origem da Escola Municipal Rosa da Fonseca e a sua inserção dentro do bairro Vila Militar.

Da visita prévia do professor(a), à organização dos preparativos, passando pela elaboração coletiva de um possível roteiro, às atividades que possam ser realizadas pelas turmas envolvidas, os conteúdos envolvidos, um pouco dos locais que possam ser visitados ao pós passeio. A metodologia empregada, os objetivos desejados, os materiais necessários, sem contar, com imagens de boa qualidade e atuais dos espaços sugeridos, a preocupação do efeito multiplicador envolvendo toda a comunidade escolar, através de uma possível exposição e as referências utilizadas.

De fato, tudo o que é apresentado, no material didático, visa auxiliar o professor/professora, que deseje realizar uma aula-passeio exitosa. E desejamos que de fato, professores e alunos possam se aventurar em aulas prazerosas fora da sala de aula tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou construir uma proposta de material didático sobre patrimônio a partir da ideia de aula-passeio de Célestin Freinet, utilizando a Escola Municipal Rosa da Fonseca e seu entorno como proposta.

Para tanto, foi necessário analisar alguns autores que pesquisam e escrevem sobre o tema, bem como autores de áreas afins que buscam decodificar pedagógico a partir de perspectivas diferentes.

Ao referenciar o nosso trabalho pelo olhar de Célestin Freinet foi possível perceber que uma simples volta pelo entorno da escola, pode contribuir muito, para a aquisição de um conhecimento, a partir da experimentação, para a prática, para o sensível, para as questões que muitas vezes, o teórico não dá conta. A inquietude de nossos alunos, crianças ou adolescentes, sedentos pelo novo e, o desafiador é uma característica que muito contribui para que a aula-passeio possa ser tão ou mais enriquecedora que uma aula dentro de uma sala de aula.

Seria ingênuo afirmar que a organização de uma aula-passeio, excursão ou uma “saída” seria fácil, entretanto, é possível elencar que talvez: a) pela necessidade de se pensar previamente, b) em articular o processo aprendizagem-conhecimento-lazer, c) em buscar o meio de transporte gratuito ou de baixo custo, d) conseguir um parceria para garantir os ingressos gratuitos ou cortesias, lanches e outros itens, apresenta as dificuldades a serem enfrentadas em projetos dessa natureza. Isto, na maioria das vezes, assusta e desanima tanto professores quanto turismólogos que possam pensar em atuar neste ramo turístico e ainda mais sem lucro.

Se tanto os governos em várias esferas, quisessem investir nesta prática pedagógica, não haveria perda ou prejuízos, pois o mesmo contribui para a qualidade do processo educacional quanto para a valorização da educação patrimonial.

De fato, a pandemia da Covid-19 atrapalhou, e muito, a referida pesquisa, impossibilitando sua execução por meio do roteiro pensado à princípio de ser realizado em uma simples caminhada, resultando na necessidade de se pensar em outras alternativas para dar sequência à ideia, que ficou restrita a elaboração da proposta pedagógica e do roteiro a ser realizado.

Ficou evidente na pesquisa, que o conceito de memória, História e Educação Patrimonial estão entrelaçados, o que pode provocar confusão na construção do pensamento histórico por parte dos alunos, principalmente do sexto ano. Por conta da ainda dificuldade de abstração. Entretanto, com a ajuda de fontes históricas e exemplos do cotidiano destes, tal construção se dê mais facilmente.

Outro ponto de destaque, é a necessidade da discussão da preservação dos arquivos escolares pelas instituições e o seu cuidado com o manuseio diário e permanente destes. Tal falta de zelo, atrapalhou e muito o desenvolvimento pleno desta pesquisa, inviabilizando a busca por fontes primárias mais antigas que poderiam existir.

Infelizmente, a falta de preservação dos documentos e arquivos escolares, contribuem para o apagamento inclusive da História destas instituições escolares. E uma escola centenária, como a Rosa da Fonseca, carece de um trabalho arquivístico e museológico, que vise a preservar o que ainda se tem e possibilitar aos pesquisadores, a chance de pesquisas mais profícuas. Caso, que não ocorre como desejado neste trabalho.

E fechando tais considerações, que a proposta pedagógica pensada e organizada a partir das pesquisas efetuadas, possa de fato, ser colocada em prática e frutificar tanto na Escola Municipal Rosa da Fonseca, nas aulas de Histórias, como em outras disciplinas ou em outras unidades escolares.

REFERÊNCIAS

- A escola da Villa Militar denomina-se Rosa da Fonseca**, A Rua (RJ).Ano 1918, Edição 00165, p.2. Disponível em:<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=236403&pasta=ano%20191&pesq=%22%20escola%20da%20villa%20militar%22&pagfis=6489>. Acesso em:
- A Noite:Suplemento: Secção de Rotogravura. Ano 1938, Edição 00460. p.4-7. Disponível em:<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=120588&pesq=%22%20escola%20rosa%20da%20fonseca%22&pagfis=13083>. Acesso em:
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ANDRADE, Rodrigo Pinto de.**História e historiografia da Escola Luterana Concórdia de Marechal Cândido Rondon (1955-1969)**. 2011. 266 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- ANDRADE,R.P.ARNAUT DE TOLEDO, C. de A. **História da educação, instituições escolares, fontes e pesquisa em arquivos na região oeste do Paraná**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 175-199, 2013. DOI: 10.5965/1984723815282014175.Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723815282014175>. Acesso em: 11 janeiro de 2023.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cézár de Alencar ; ANDRADE, Rodrigo Pinto de. História e historiografia da Escola Luterana Concórdia de Marechal Cândido Rondon (1955-1969).In: SILVA, João Carlos da, ORSO, José Paulino, CASTANHA, André Paulo, MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.).**História da Educação:arquivos, instituições escolares e memória histórica**. Campinas: Alínea, 2013. p. 191 -210.
- Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. **ESCOLA ROSA DA FONSECA**, código de referência BR RJ AGCRJ.ICO.ESC.ROF.171.02, sem data e sem identificação do evento. Disponível em:<http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral>]. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

BERGER, P. **Dicionário**; REIS, J. Rio de Janeiro; TEIXEIRA, A. Estrutura.

BLAJBERG, Israel. **Achegas à genealogia dos Sete Macabeus de dona Rosa da Fonseca**. v. 153 n. 2 (2017): [Revista do Exército Brasileiro](#).

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLLE, W. **Cidade como escrita. Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. Tradução . São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. Acesso em: 23 jul. 2023.

BONATES, Mariana. **Vila Militar do Rio de Janeiro: genealogia de uma produção pública de moradias**. Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

BONFIM, José Carlos X. **Novas práticas educativas da Escola Rosa Da Fonseca (1938)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. **Anais [...]**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. Disponível em: <https://silo.tips/download/novas-praticas-educativas-da-escola-rosa-da-fonseca-1938>;

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2018. Disponível: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf .

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 1988.

_____, Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, Brasília, 1996.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSCARIOLO, Ana Flávia Valente; ANJOS, Daniela Dias dos. **TRABALHO DOCENTE E PEDAGOGIA FREINET**. **Cadernos CEDES**, v. 42, p. 127-132, 2022.

CAIMI, Flávia Eloisa; CASSOL, Francielle Moreira. **Pesquisando sítios arqueológicos; História e Patrimônio na sala de aula.** Entre Ver-Revista das Licenciaturas, v. 2, p. 278-295, 2012

CHAGAS, Mário. **Diversidade museal, educação e movimentos sociais.** In. ARAÚJO, Mairce da Silva e outras (orgs.). **Vozes da educação: memória, história e formação de professores.** Petrópolis: DP et al; Rio de Janeiro: Faperj, 2008, pp.185-196

CHUVA, Márcia. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940).** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

COOPER, Hilary. **Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos.** Educar em Revista, p. 01-15, 2006.

CRISPIM, Regina Celia Santos Ribeiro. Paraty como Cidade Educadora: História decolonial e contra-hegemônica da cidade. 2022. 77 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022

CURY, Cláudia Engler. **Educação Patrimonial e as interfaces com o ensino de História: os museus de rua em São Paulo.** *História Revista*, v. 14, n. 1, p. 51-62, 2009.

Exemplo de Civismo, A Notícia (SC).Ano 1938, Edição 02891, capa. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843709&pasta=ano%20193&pesq=%22escola%20rosa%20da%20fonseca%22&pagfis=16434>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Revista da exposição cultural do Centenário da 1ª Divisão de Exército** [s.d.]

EXÉRCITO BRASILEIRO.**Revista Militar Brasileira**, volume especial, maio de 1955.

FRAZÃO, J. R.**Vila Militar: glórias e conquistas – 1908-2015.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,2015.

FREINET, C. **Para uma Escola do Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FREINET, E. **Nascimento de uma Pedagogia Popular – Métodos Freinet**. Lisboa: Editorial Estampa 1969.

FREINET, C. **Pedagogia do Bom Senso**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. Silva Letra. 4ª ed. Lisboa: Estampa 1975.

FREINET, Élise. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet**. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

FUNARI, Pedro. P.; PELEGRINI, Sandra, C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GUNN, P.; CORREIA, T. de B. **A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 17, 2005. DOI: 10.22296/2317-1529.2005v7n1p17. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/134>. Acesso em: 18 de julh de 2023.

HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf. Acesso em 27 de dezembro de 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Portaria N°. 196, DE 18 DE MAIO DE 2016** Dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos móveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel. Diário Oficial da União. mai, 2016. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_Iphan_196_de_18_de_mai_o_2016.pdf. Acesso em 27 dez. 2022

Jardim de Infância Marechal Hermes, Gazeta de Notícias (RJ), Ano 1910, Edição 00315, p.02. Disponível em :

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%201911&esq=%22escola%20rosa%20da%20fonseca%22&pagfis=25026. Acesso em 28 de fevereiro de 2023.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico. Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº 9.394/1996. 4.ed. Brasília:2020. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/572694>. Acesso em: 05 de março de 2021.

LESSA, Fabio lins. **Artigo:A família mais patriótica do Brasil é Alagoana** .

Disponível

em<culturaeviagem.wordpress.com/2014/10/25/a-familia-mais-patriotica-do-brasil-e-alagoana>. Acesso em 10/10/201 cito e Vila Militar. [s.d]

LOPES, Eliane Marta Teixeira, **GALVÃO**, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**.Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

MAGALHÃES, Justino Pereira de.**Contributo para a história das instituições educativas -entre a memória e o arquivo**. Braga: Universidade do Minho, 1996.

MANSUR, A. L. **O Velho Oeste Carioca: Mais histórias da Ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba) – Do século XVI ao XXI**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. **O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, pp. 236 - 253. set./dez. 2016.

MOGARRO, M. J. **Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservara informação, construiu memória**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 103–116, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643757>. Acesso em 17 de dezembro de 2022.

NOSELLA, Paolo;BUFFA, Ester. **As Pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação.** EccoS– Revista Científica , São Paulo, v. 7, n.2, p. 351-368, jul./dez.2005.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico.** COLÓQUIO SOBRE PESQUISA DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES, 2006. Campinas.Anais.Campinas:UNICAMP; São Paulo: UNINOVE, 2006.

NUNES, Clarice, CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da educação e fontes.**In: GONDRA, José Gonçalves. (Org.).Pesquisa em história da educação no Brasil.Rio de Janeiro, DP & A, 2005.

O centenário do Marechal de Ferro. Gazeta de Notícias. . Ano 1938. Edição 00102. p.12.Disponível em:https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=%22%20escola%20rosa%20da%20fonseca%22&pagfis=21524. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA-Formosinho, Júlia. **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro/** Júlia Oliveira – Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto, Mônica Appezzato, organizadoras – Porto Alegre: Artmed, 2007

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura e Patrimônio: um guia.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

NÓVOA, António.**Por que a história da educação?** Petrópolis: Vozes, 2004.

Pela Instrução. O Paiz (RJ),Edição 10892, . p.4. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=%22%20escola%20rosa%20da%20fonseca%22&pagfis=21524. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

Resultados dos Exames finais. O Paiz (RJ),Edição 11016. Ano: 1914. p. 6. Disponível em:https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22%20escola%20vila%20militar%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=25615. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

Revista A Educação. Ano 1924, Edição 00023, p. 579. Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=402257&pesq=%22%20escola%20rosa%20da%20fonseca%22&pagfis=2850>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

ROCHA, José Maria Tenório.**Manoel Mendes da Fonseca.**Memórias Legislativas.15 de março de 1998. Disponível em;
<www.historiadealagoas.com.br/manoel-mendes-da-fonseca.html>
Acesso em: 20/09/2021

ROSA da FONSECA.**Texto em destaque no site do DECEX.** 2016. Disponível em
<www.decex.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias/139-patrona-da-familia-militar>.Acesso em 13/10/2016

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker F. **A aula passeio transformando-se em aula de descobertas.** In: ELIAS, Marisa D. C.(org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática: Campinas, SP: Papirus, 1996.

SAMPAIO, Rosa M.W. **Freinet: Evolução histórica e atualidades.** São Paulo: Scipione, 2007.

SANFELICE, José Luís. **História das instituições escolares.** In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. (Org.).Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 75-93.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições de memória e organização de acervos para a história das instituições escolares.** In: SILVA, João Carlos da; ORSO, José Paulino; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (Org.).História da educação:arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Alínea, 2013 a. p.13-31.

SAVIANI, Dermeval.**Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre construção do sistema nacional de educação no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2013b.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **“O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica”**. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SELANO, Alyne Mendes Fabro. **O museu escolar e reflexões históricas: usos e apropriações da memória no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira** / Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) -Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ), Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, 2016.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da história**. Cadernos Cedes, v. 25, p. 348-364, 2005.

VIANA, Claudios Gomes de Aragão. **História, memória e patrimônio da Escola Militar do Realengo**. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2010.

Tombamento da Estação Ferroviária Vila Militar - **Decreto nº 14.741 de 22/04/96 - DO RIO de 23/04/96**. Disponível em:

<https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4121924/125DECRETO14741EstacosFerroviarias.pdf>. Acesso em : 28 de fevereiro de 2023

Sites:

AGÊNCIA NACIONAL, código de referência BR RJANRIO EH.0.FOT, PRP.1819, título **Presidente Getúlio Dornelles Vargas (1938-1945): visita a Vila Militar, Rio de Janeiro, RJ**, datado de 19/05/1938. Apresenta o seguinte: "Especificação do Conteúdo: [...] professoras e crianças homenageiam o presidente na inauguração do parque de jogos da Escola Rosa da Fonseca, atual Escola Municipal Rosa da Fonseca". Disponível em:[https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp]. Acesso em 18 de outubro de 2021.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. [<http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral>]

CPDOC:Sobre.Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sobre>.Acesso em 13 de novembro de 2023.

DONA ROSA DA FONSECA. Disponível

em:<http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=7753278&_101_type=content&_101_urlTitle=olavo-bilac-servico-milit-1&_101_redirect=http%3A%2F%2Fwww.eb.mil.br%2Fexercito-brasileiro%3Fp_p_id%3D3%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dmaximized%26p_p_mode%3Dview%26_3_cur%3D1%26_3_keywords%3Dcampo%2Bgrande%26_3_advancedSearch%3Dfalse%26_3_groupId%3D0%26_3_delta%3D20%26_3_assetTagNames%3Dpatrono%26_3_resetCur%3Dfalse%26_3_andOperator%3Dtrue%26_3_struts_action%3D%252Fsearch%252Fsearch&inheritRedirect=true> Acesso em 10/06/2021

Escola Rosa da Fonseca e visita do Presidente Vargas. Disponível em:<http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_1a_republica/2_dec/rosa_fonseca.htm> Acesso em 10 de junho de 2021.

Escolas do período do Império e da República Velha.Disponível em:

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/838-arquitetura-e-ensino-nas-escolas-do-imperio-e-da-republica-velha> Acesso em:

GUIA TURÍSTICO MILITAR DO RIO DE JANEIRO PARA FAMÍLIA MILITAR.

Disponível em:https://www.1rm.eb.mil.br/images/imagens/documentos/guia_turistico_RJ.pdf. Acesso em : 15 de março de 2021.

MULTIRIO.Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/informacoes-sobre-a-multirio/>. Acesso em 15 de março de 2021.

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/686-escolas-tombadas-do-rio-conta-m-a-historia-da-educacao-publica>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 20 março 2021.

PORTAL EXÉRCITO BRASILEIRO: Disponível em <http://www.exercito.gov.br/>. Acesso em: 15 de março de 2021.

PORTAL MEC: Educacenso. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/educacenso-sp-1418010708#:~:text=O%20Educacenso%20%C3%A9%20uma%20radiografia,levantamento%20%C3%A9%20feito%20pela%20internet.>

Acesso em 30 de janeiro de 2023.

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em: 20 março de 2021.

SIAN-Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Escola Rosa da Fonseca VILA MILITAR: Passeio Vila Militar para recordar, c. 2011. Disponível em:

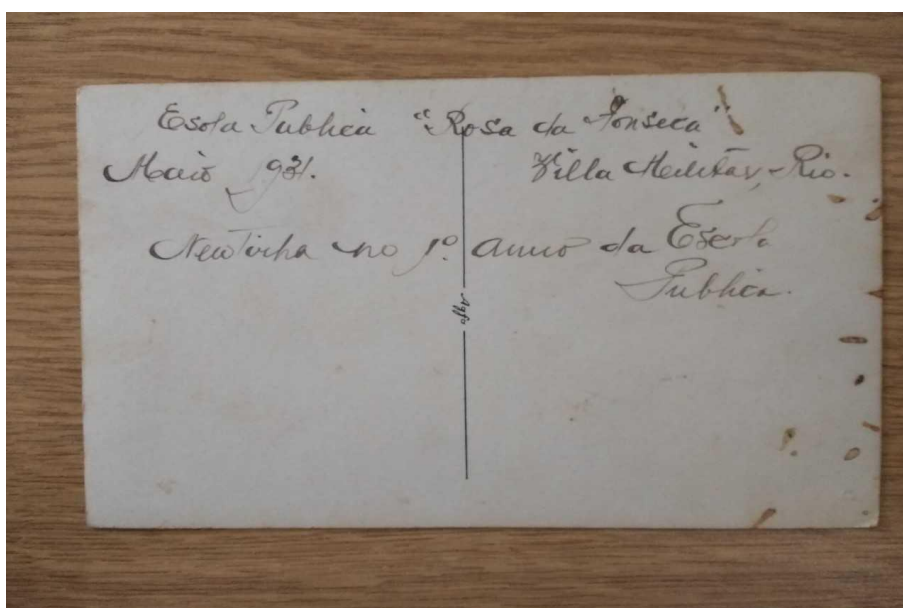
<http://trilhasepedais.blogspot.com/2011/06/passeio-vila-militar-pra-recordar.html>

Acesso em 11 de junho de 2021

ANEXOS

ANEXO A : Fotografia de ex-aluno da década de 1920.

Percebe-se que a turma é mista, alguns alunos trajam o que seria o uniforme da época. A professora não aparece na fotografia.



ANEXO B: Fotografias da visita do Presidente Vargas à Escola Rosa da Fonseca.

Nas mesmas aparecem a Diretora à época e a professora que fez um discurso de homenagem



ANEXO C: Reportagem da Revista A Educação (1924) sobre a inauguração do Campo de Jogos Alina Brito.

OS CAMPOS
ATRAEM A
PARA A

GIRO GIGANTE.

E' na escola "Rosa da Fonseca", localizada entre os quartéis da Vila Militar, que a criançada, filha dos guardados militares, pertencentes às corporações da 1.ª Brigada de Infantaria vai receber os primeiros ensinamentos.

Saída do Canhão

Balancões

CONSTRUÍDO
UM PARQUE DE
ESCOLA ROSA DA
NA

24

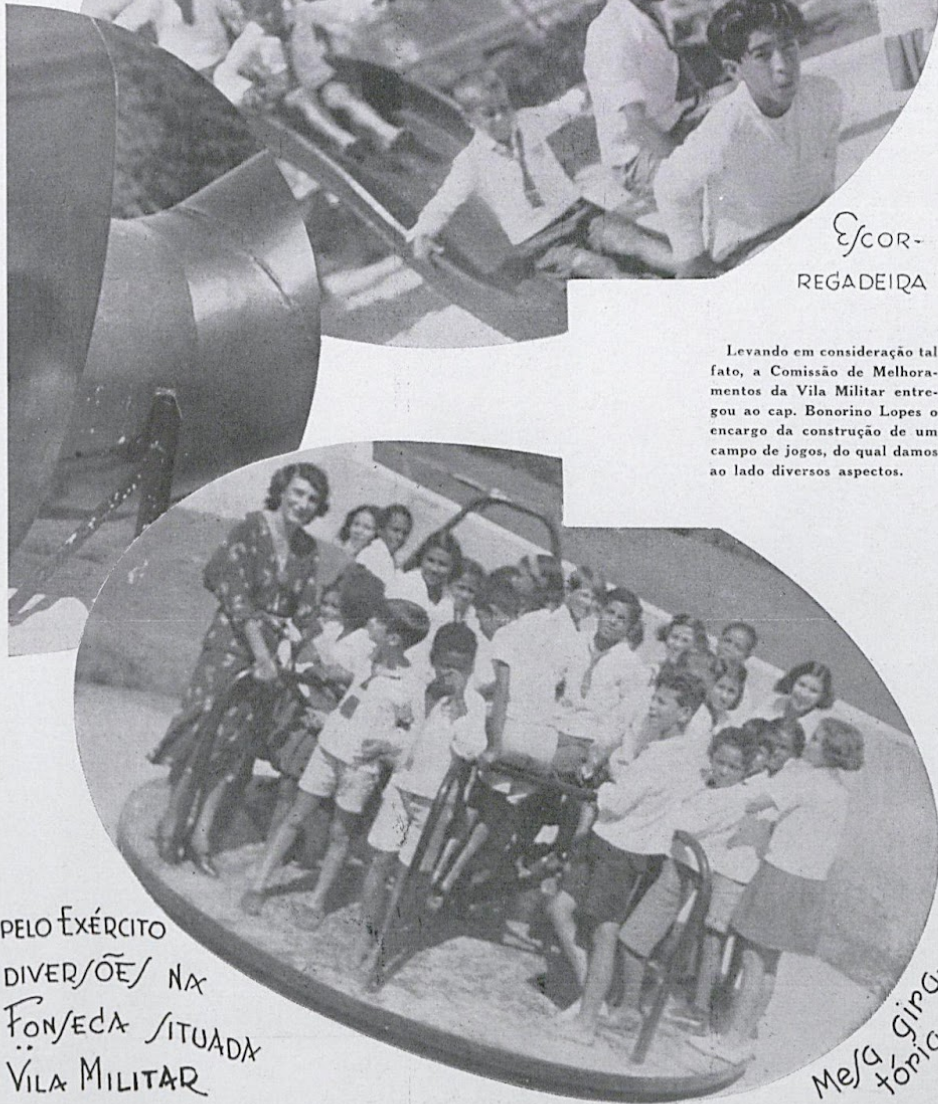
REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DE JOGO
CRIANÇA
ESCOLA.
★



ESCOR-
REGADEIRA

Levando em consideração tal fato, a Comissão de Melhoramentos da Vila Militar entregou ao cap. Bonorino Lopes o encargo da construção de um campo de jogos, do qual damos ao lado diversos aspectos.



PELO EXÉRCITO
DIVERSÕES NA
FONTECA SITUADA
VILA MILITAR

Mesa ginc-
tonia

ANEXO D: Fotografias sobre a construção da Praça Marechal Hermes e inauguração em 1957.

Na inauguração da Praça Marechal Hermes, na Vila Militar, o plantio de algumas árvores contou com a presença de alguns alunos da Escola Rosa da Fonseca.





O coronel Aldo Pereira, quando plantava uma árvore auxiliado por um dos alunos da **Escola Rosa da Fonseca**.



Maquinas da Prefeitura preparando o terreno para surgirem dai bosques cujas árvores receberão nomes de generais brasileiros e coronéis que servem na Vila Militar.

ANEXO E: Fotografias de visita de autoridades à Escola Rosa da Fonseca.

Fotografias do Arquivo Nacional sobre a Escola Rosa da Fonseca, sem maiores informações sobre datas e pessoas presentes.





ANEXO F: Cadastro das Escolas Municipais: Escola Municipal Rosa da Fonseca

19
34

ANEXO A DEVOLVER

21 DEC
V. Militar
Rua Maruchal Hermes, 30

DADOS SOBRE BENS MÓVEIS OU IMÓVEIS EXISTENTES NAS UNIDADES ESCOLARES MUNICIPAIS
- DOCUMENTOS, OBRAS, MONUMENTOS, PAISAGENS, SÍTIOS NATURAIS.

- 1 - Existe algum BEM IMÓVEL OU MÓVEL na sua Escola? SIM _____ NÃO _____
Se a resposta for NÃO, favor devolver a Circular.
- 2 - Caso a resposta seja SIM poderia apontar o tipo de "BEM" existente na Escola.
OBRA (Prédio Antigo) _____ PINTURA (Quadro) _____ Escultura _____
MONUMENTO _____ PAINEL OU MURAL _____ DOCUMENTO (Cartas, atas, leis) _____
SÍTIOS NATURAIS (Locais com passado histórico) _____
FOTOGRAFIAS ANTIGAS _____ OUTROS OBJETOS _____ (1)
- 3 - Especificando o "BEM", poderia informar de sua autoria ou origem?
Relacione se puder.
1 - _____
2 - _____
(BEM) (AUTORIA OU ORIGEM)
- 4 - A Escola possui alguma Documentação sobre o BEM existente? SIM _____ NÃO _____
Caso a resposta seja positiva informar qual.
- 5 - Qual o estado físico aparente do BEM?
BOM ESTADO _____ PÉSSIMO _____ REGULAR _____ IRRECONHECÍVEL _____
- 6 - É do seu conhecimento, ou do corpo docente, da existência de algum "BEM" na região ou área próxima da escola que possa enquadrar-se no item 2?
SIM _____ NÃO _____
Se a resposta for SIM, descreva-o

→ BEM - Louças antigas, peças de vestuário, de madeira, metais, canetas, etc.

INSTRUÇÕES : AD RECEBER SOLICITAMOS PREENCHER E DEVOLVER NO PRAZO DE 3 DIAS PARA O E/DEC CORRESPONDENTE, QUE ENCAMINHARÁ AO E/DGED.
ESCOLA MUNICIPAL : <u>ESCOLA MUNICIPAL ROSA DA FONSECA</u>
DIRETOR/ DIRETOR ADJUNTO : <u>[Assinatura]</u>
1 - Classificamos como outros bens, diversos objetos de madeira, metais, canetas, etc.

01. IDENTIFICAÇÃO: ESCOLA ROSA DA ROSSECA
DESIGNAÇÃO: 21.17.02.
02. LOCALIZAÇÃO:
ENDEREÇO: Praça Marechal Hermes, 30
AP: 5 RA: XVII BAIRRO: Vila Militar
03. MATRÍCULA NO REGISTRO DE IMÓVEIS:
04. DADOS JURÍDICOS:
Próprio Municipal (PM)
Ver: obs. 02.
05. ÉPOCA:
Século XX - 2a. década
06. QUALIFICAÇÃO GERAL:
07. SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:
Praça
08. USO ATUAL: Escola Municipal
09. DADOS TIPOLÓGICOS:

10. HISTÓRICO DA PROPRIEDADE:

Foi inaugurada em 12/05/1913 na Administração do Prefeito General Bento Ribeiro (15/11/1910 - 15/11/1914).

Continua sediada no mesmo local até 1983. (Ver obs. 02)

11. PROTEÇÃO EXISTENTE:

12. PROTEÇÃO PROPOSTA:

13. IDENTIFICAÇÃO GRÁFICA: Ver obs. 03/Ver Anexo 01

14. IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA: Ver Anexo 02

15. FONTES:

Arquivo Municipal - Alguns dados

Serv. de Patrimônio da Sec. Munic. de Educ. e Cultura -

Dados históricos, jurídicos, outros

16. RESPONSÁVEIS PELO INVENTÁRIO:

Rachel Sisson - Sonia Neder - Gerônimo Leitão

17. OBSERVAÇÕES:

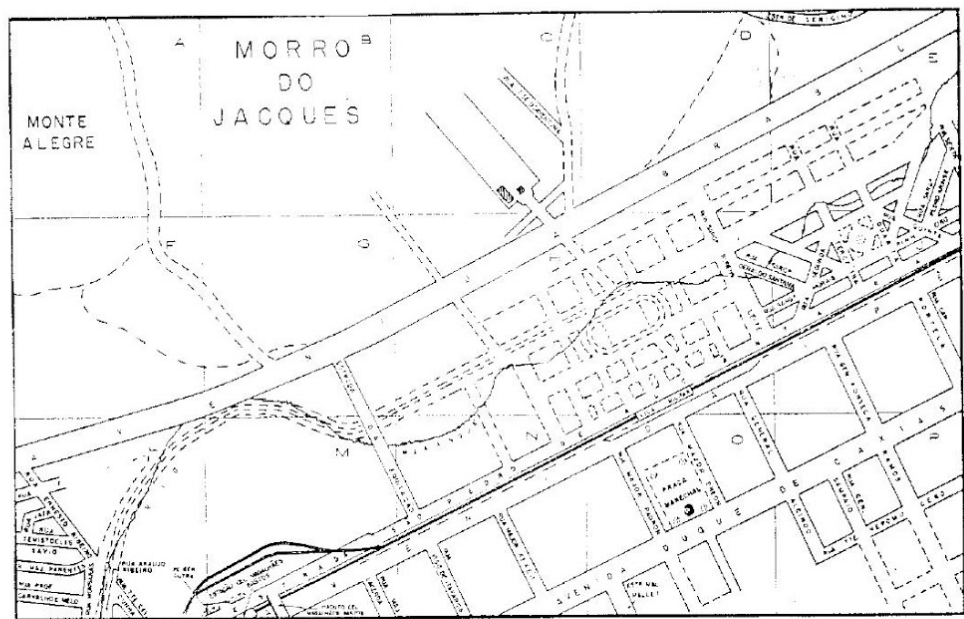
(1) Até 1980 a Escola Rosa da Fonseca pertencia ao 16º DEC, por isso sua designação 16.17.02, mas a partir de 1981 passou a pertencer ao 21º DEC com a seguinte denominação: 21.17.02.

(2) Terreno da União

Planta de situação aguardando atualização.

(3) Identificação Gráfica: Terreno: Área total: 8.186,75m²
 Área construída: 3.213,60m²
 Área livre: 4.973,15m²

ANEXO 1



● ESCOLA ROSA DA FONSECA J. A

APÊNDICE



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Dona Rosa da Fonseca

Imagem 2. Visão ampliada da perspectiva da Vila Militar, com a Avenida Duque de Caxias

Imagem 3. Pórtico entre os bairros Vila Militar e Magalhães Bastos

Imagem 4. Quadros à óleo sobre o Marechal Deodoro e sua mãe Rosa da Fonseca.

Imagem 5. Placas de inauguração e reinauguração da instituição escolar

Imagem 6. Placas de inauguração e reinauguração da instituição escolar

Imagem 7. Placas de inauguração e reinauguração da instituição escolar

Imagem 8. Janelas de madeira estilo eclético

Imagem 9. Pátio interno e jardim

Imagem 10. Prédio anexo à escola antigo Banco Banerj

Imagem 11. Pça Marechal Hermes, em frente a E.M. Rosa da Fonseca. Onde se vê mastros para o hasteamento das bandeiras cívicas.

Imagem 12. Muro do Regimento Sampaio

Imagem 13. Frente do Regimento Sampaio

Imagem 14. Espaço cultural do Regimento Sampaio

Imagem 15. Espaço cultural do Regimento Sampaio

Imagem 16: Portão principal do ESAO

Imagem 17. Centro de Reabilitação do Exército

Imagem 18. Hospital Geral do Rio de Janeiro

Imagem 19. Desfile cívico do dia da independência

Imagem 20. Casa antiga

Imagem 21. Casa antiga

Imagem 22. Casa antiga

Imagem 23. Coreto localizado na Praça Marechal Hermes, Vila Militar.
Inauguração em 1977

Imagem 24. Busto do Mal. Hermes da Fonseca

Imagem 25. Placa de granito em alusão à reinauguração

Imagem 26. Réplica de bonde antigo

Imagem 27. Construção da praça Hermes da Fonseca (1957) ao fundo a
Escola Rosa da Fonseca

Imagem 28. Praça Hermes da Fonseca(2018) ao fundo a E.M. Rosa da
Fonseca

Imagem 29. Apresentação de alunos da Escola Rosa da Fonseca em 1938

Imagem 30. Frente da E.M. Rosa da Fonseca na primeira sede

Imagem 31. Centro de Reabilitação do Exército

Imagem 32. Estação Ferroviária Vila Militar(1913)

Imagem 33. Estação Ferroviária Vila Militar 2022

Imagem 34. Mural com fotos produzidas pelos alunos

Imagem 35. Mural com fotos produzidas pelos alunos

SUMÁRIO

Apresentação	6
2- Objetivos e conteúdos	8
3-Público alvo	9
4-Metodologia	10
4.1. Pré-visita	10
4.2.Aula passeio:“Minha escola tem história.”	11
4.3. História, memória e diferentes fontes	12
5-Atividades serem realizadas antes da aula-passeio	13
5.1.Atividade 1-Objetivos, metodologia, tempo e material didático.	14
5.2.Atividade 1	15
6-Atividade 2-Organizando coletivamente a aula passeio	17
6.1- Atividade 2	18
7-Atividade 3-Objetivos,metodologia,tempo e material didático.	23
7.1- Atividade 3 - A tão esperada aula-passeio	24
8-Atividades Pedagógicas que podem ser trabalhadas em sala de aula após a aula-passeio	52
Considerações finais	53
Referências	54

APRESENTAÇÃO

Prezada professora, prezado professor!

Com muita alegria concebemos a Proposta Pedagógica **“Minha escola tem História - 110 anos da Escola Municipal Rosa da Fonseca”** que é parte da dissertação **E.M.Rosa da Fonseca como proposta para Educação Patrimonial**, conforme exigência do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória – UFRRJ).

Essa é uma proposta de material didático a partir da aula-passeio de Célestin Freinet, para conhecer a Escola Municipal Rosa da Fonseca e seu entorno.

A pesquisa propõe discutir com os educandos, os conceitos de **memória/esquecimento histórico, História Local, Educação Patrimonial**, sabendo que estes resultam de processos sociais, que envolvem disputas e silenciamentos, buscando junto aos mesmo conhecer a origem da Escola.Municipal.Rosa da Fonseca e a sua inserção dentro do bairro Vila Militar.

A metodologia utilizada além do levantamento bibliográfico, é a construção com os discentes de uma experiência didática(aula-passeio), utilizando o espaço físico da escola e a história local.

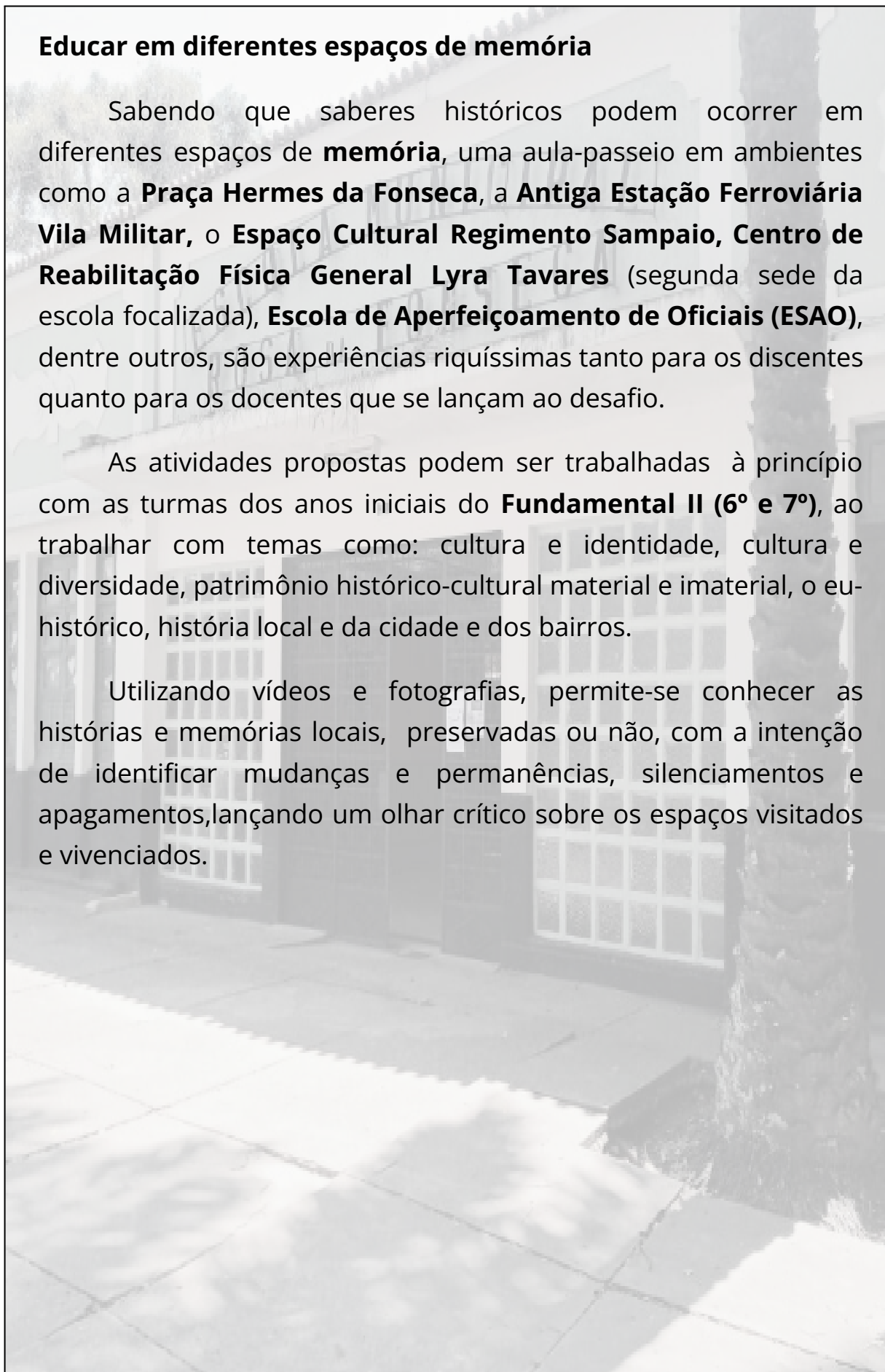
Esperamos que nossa proposta possa servir de inspiração para outras propostas que virão.

Educar em diferentes espaços de memória

Sabendo que saberes históricos podem ocorrer em diferentes espaços de **memória**, uma aula-passeio em ambientes como a **Praça Hermes da Fonseca**, a **Antiga Estação Ferroviária Vila Militar**, o **Espaço Cultural Regimento Sampaio, Centro de Reabilitação Física General Lyra Tavares** (segunda sede da escola focalizada), **Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO)**, dentre outros, são experiências riquíssimas tanto para os discentes quanto para os docentes que se lançam ao desafio.

As atividades propostas podem ser trabalhadas à princípio com as turmas dos anos iniciais do **Fundamental II (6º e 7º)**, ao trabalhar com temas como: cultura e identidade, cultura e diversidade, patrimônio histórico-cultural material e imaterial, o eu-histórico, história local e da cidade e dos bairros.

Utilizando vídeos e fotografias, permite-se conhecer as histórias e memórias locais, preservadas ou não, com a intenção de identificar mudanças e permanências, silenciamentos e apagamentos, lançando um olhar crítico sobre os espaços visitados e vivenciados.



Objetivos

- Diferenciar história e memória
- Aprender a pesquisar usando fontes escritas e orais
- Saber mais de sua origem e de seus familiares
- Reconhecer o espaço da cidade como espaço coletivo
- Identificar que o espaço geográfico ao seu redor é alterado com a existência humana e altera, por sua vez, os viventes del

Conteúdos

- História e memória
- Diferentes formas de fazer história: escrita, oral e iconográfica
- Patrimônio histórico-cultural material e imaterial.
- Urbanização e gentrificação

Público- alvo:

* Alunos do 6º e 7º anos

Apesar da sugestão de série/ano indicada, recomenda-se que os conteúdos sejam trabalhados continuamente durante a trajetória escolar. O tema pode ser abordado em conjunto com as aulas de História do Brasil, com história da imigração no Brasil ou com a história da escravidão no Brasil. Ao(A) professor(a), reserva-se analisar e apresentar ou reforçar determinado tema quando achar necessário.

METODOLOGIA

Pré- Visita

Para a execução de uma aula-passeio é necessário que se faça um planejamento cuidadoso para que a mesma ocorra de forma tranquila. Há de se executar alguns procedimentos, um deles é a Pré-visita. Este tem o objetivo de conhecer os espaços a serem visitados e como aproveitá-los bem. Sendo assim, o professor poderá explorar os diversos ambientes que serão visitados pelas turmas, observando benefícios e riscos.

Ao retornar à escola o professor poderá sugerir os locais a serem visitados e propor atividades anteriores a visita propriamente dita, contribuindo tanto para a organização do roteiro, pontuar aspectos a serem observados e mitigar possíveis contratempos.

História, memória e diferentes fontes

A história e a memória se relacionam, porém, não são a mesma coisa. No que se assemelham, ambas são seleções organizadas de fatos e eventos que, postos em uma linha, formam uma narrativa. A memória diz respeito a sentimentos e sensações e pode ser tanto individual quanto coletiva.

A história tem uma metodologia própria que se baseia em fontes materiais e imateriais, nas quais se encontram evidências de eventos passados que são descritos e podem ser questionados por outros pesquisadores. A memória, segundo Le Goff (2003, p. 419), “[...] que tem como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A memória faz parte de um processo social em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas como seres que interagem uns com os outros ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais

determinadas (SANTOS, 2003).

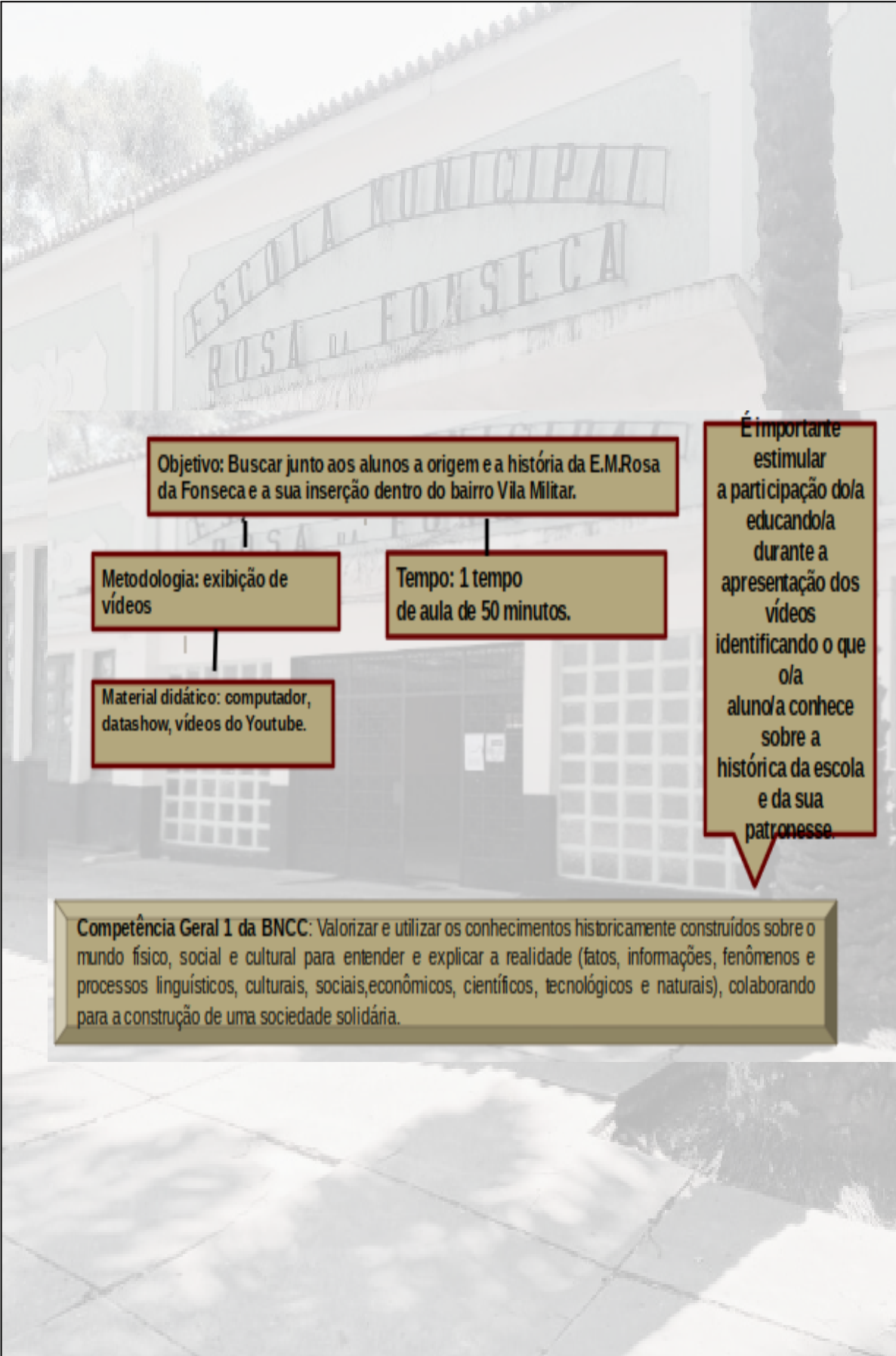
Dentro de um contexto político, social e econômico, a informação configura-se como insumo de valor para o desenvolvimento da sociedade. Ressalte-se que esse desenvolvimento perfaz o alvorecer da ciência, tornando a informação elemento fundamental nessa construção.(p.82)

Então ao nos lançarmos ao debate historiográfico, sobre o conceito de memória e como este pode ser construído, pelos alunos envolvidos, na proposta pedagógica apresentada, nos deparamos como vários autores entre eles, o próprio Marc Bloch (2001). Neste sentido, as considerações de Marc Bloch (2001) a respeito de memória são emblemáticas para aprofundarmos a discussão.

De fato, o homem e o tempo são os objetos de estudo da ciência histórica. Esse homem, enquanto sujeito e objeto do conhecimento histórico, passeia por diferentes temporalidades: o tempo sobre o qual ele escreve a história (passado) e o tempo em que a história é escrita (presente). Se tudo que vem do homem e serve ao homem é passível que se transforme em material para o conhecimento, esse homem -historiador - através de conceitos e métodos apropria-se do legado humano para a produção/ensino do conhecimento histórico.(BLOCH,2001,p.55).

Atividades que podem ser realizadas antes da aula-passeio

- * Tempestade cerebral sobre a origem da escola e do bairro, elaboração de mapas mentais.
- * Exibição de vídeos-aulas sobre os conceitos de tempo, mudanças, permanências, memória da própria Multirio:
- * Exibição de vídeo do aniversário de 100 anos da escola, produzido pela mesma.
- * Exibição de vídeos sobre a criação do bairro Vila Militar e adjacentes.
- * Pesquisa na internet (google maps, google earth e outros) de possíveis locais a serem visitados próximos a escola e sobre a patronesse.
- * Entrevistas com professores, funcionários mais antigos da escola.
- * Organização através de grupos de 3 ou 4 alunos, para a definição de um roteiro e posteriormente definido pela turma e fechado pela professora como um roteiro único para todas as turmas. Como por exemplo: " O que querem aprender com a aula-passeio?"
- * Visita técnica prévia feita pela professora, autorizações internas e externas.



Objetivo: Buscar junto aos alunos a origem e a história da E.M.Rosa da Fonseca e a sua inserção dentro do bairro Vila Militar.

Metodologia: exibição de vídeos

Tempo: 1 tempo de aula de 50 minutos.

Material didático: computador, datashow, vídeos do Youtube.

É importante estimular a participação do/a educando/a durante a apresentação dos vídeos identificando o que o/a aluno/a conhece sobre a histórica da escola e da sua patronesse.

Competência Geral 1 da BNCC: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.

Atividade 1

A proposta da atividade 1 é deve ser feita antes da nossa tão aguardada aula-passeio pela escola e seu entorno, para que possamos conhecer um pouco mais sobre nossa patronesse Dona Rosa da Fonseca e sobre a unidade escolar, que estudamos. Vamos prestar atenção às informações e detalhes da vida da grande mulher e da história da nossa escola. Após a exibição dos vídeos iremos debater sobre estes.

Atividade 1- VÍDEOS QUE PODEM SER EXIBIDOS ANTES DA AULA-PASSEIO

<https://youtu.be/ixjpXdjqdDo>

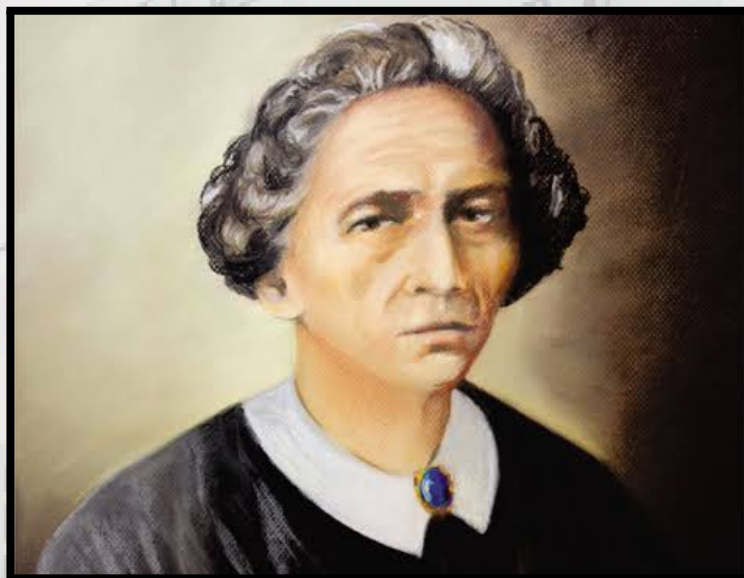
 **Conheça Rosa da Fonseca patrona da família Deodoro**

<https://youtu.be/CTUCMIOFRLO>



Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca - (1802-1873)

Imagem 1 Pintura de Dona Rosa da Fonseca



Fonte: Portal do Exército

Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu no dia 18 de setembro de 1802, em local que hoje pertence ao município de Marechal Deodoro/AL. Em 1824, casou-se com o Major do Exército Imperial Manoel Mendes da Fonseca, após superar desafios com relação às suas origens de índia e escrava, questionadas pela família do marido.

Tiveram dez filhos, sendo duas mulheres e oito homens. Todos os homens seguiram a carreira do pai e alguns ainda alçaram posições de destaque no âmbito da política. Sete estiveram nas batalhas da Guerra da Tríplice Aliança, onde três vieram a falecer. Dos que sobreviveram, dois tiveram grande destaque na política nacional: o Marechal Deodoro da Fonseca, que proclamou a República e foi o primeiro presidente do Brasil, e o General de Brigada João Severiano da Fonseca, que, em 1962, passou a ser o Patrono do Serviço de Saúde do Exército.

Dona Rosa faleceu no Rio de Janeiro, com 70 anos, em 11 de julho de 1873.

Atividade 2- Organizando coletivamente a aula-passeio

- * A partir das informações e dados coletados na pesquisa na internet e após assistirem os vídeos sobre a escola e nossa patronesse, vamos nos organizar em grupos, com 3 ou 4 componentes.
- * Em grupos, listaremos os possíveis locais e/ou monumentos que possam ser visitados.
- * Após o levantamento, fecharemos os locais pretendidos pela turma.
- * Depois de definirmos os locais, o (a) professor (a) definirá dia, horário e recomendações.

Atividade 2

Objetivo: organizar coletivamente o roteiro de uma aula-passeio pela unidade escolar e seu entorno.

Metodologia: pesquisa na internet, conversas com professores e funcionários da escola

Tempo: 2 tempos de aula de 50 minutos cada.

Material didático: a pesquisa realizada e bloco para anotações

Deve-se estimular a participação dos/as alunos/as coletivamente durante a elaboração do roteiro, sanando possíveis dúvidas e estimulando a criatividade, a organização e a fala de todos

Competência Geral 9 da BNCC: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

Mapa da Vila Militar - Google Maps

Figura 2: Visão ampliada da perspectiva da Vila Militar, com a Avenida Duque de Caxias



Fonte: AHEx (In: Comissão Constructora)



https://earth.google.com/earth/d/1Wk_75UrKXjPa0KeEpPaDx0KVp4kn0fGz?us p=sharing

Pórtico entre a Vila Militar e Magalhães Bastos



Imagem 3: Pórtico entre os bairros Vila Militar e Magalhães Bastos

Um dos pórticos existentes nos limites do bairro da Vila Militar. Este, por exemplo, fica entre a Vila e o bairro de Magalhães Bastos. Construído durante a preparação para os Jogos olímpicos de 2016

ROTEIRO SUGERIDO

1º- Secretaria escolar, as pinturas do Marechal Deodoro da Fonseca e de Dona Rosa da Fonseca.

2º- Placas de criação e reinauguração da escola.

3º- Pátio interno e dependências como sala de leitura, sala de vídeo, gabinete do dentista, laboratório de ciências, pomar, jardim, quadro de esportes.

4º- Frontal da escola.

5º- Prédio anexo à escola, antigo Banco Banerj.

6º- Estação Ferroviária Vila Militar - prédio antigo

7º- “Murinho do Sampaio”

8º- Frente do Regimento Sampaio

9º- Avenida Duque de Caxias

10º- Escola de Formação de Oficiais.

11º- Hospital Geral do Rio de Janeiro.

12º- Centro de Reabilitação General Lyra Tavares.

13º- Casario antigo.

14º- Réplica do bonde antigo.

15º- Primeiro Distrito do Exército.

16º- Busto do Marechal Hermes.

17º- Coreto antigo.

18º- Praça Marechal Hermes.

19º- Retorno à escola.Obs.:

Diante de qualquer necessidade, o roteiro poderá sofrer alterações de tempo e locais a serem visitados

Atividade 3

Objetivo: Conhecer e ressignificar os espaços e monumentos visitados, associando-os à própria história pessoal e do espaço escolar.

Metodologia: aula-passeio

Tempo: 3 tempos de aula de 50 minutos cada.

Material didático: câmeras fotográficas, celular e bloco ou caderno de anotações.

Estimular a observação dos locais e monumentos visitados, bem como a participação de todos, buscando observar permanências e mudanças nos espaços e as representações sociais.

Competência Geral 1 da BNCC: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.

Atividade 3 - A tão esperada aula-passeio.

Aula-passeio com as turmas (6º e 7º anos) no dia escolhido serão guiadas pela professora com apoio de um agente educativo, que sairá da unidade escolar para a visitação à pé do espaço escolar e seu entorno. Alguns alunos previamente escolhidos ficaram a cargo dos registros escritos (cronistas) e outros com os registros fotográficos com celular.

Questões a serem propostas:

- Onde estamos? O que vimos? Quando e por quem foi construído?
- Quanto tempo levou a construção dos espaços da escola? Os espaços parecem antigos ou modernos?
- Quem construiu esses espaços ou prédios?
- Quem tem acesso? Por quê?
- O que ou a que grupos sociais representam?
- Você já havia estado ali antes?
- Você se sentiu representado?
- Por que trabalhadores, negros, indígenas ou mulheres pobres não são homenageados nos monumentos?
- Há a presença de grupos como negros e indígenas? Como e porquê?
- No seu bairro, há lugares semelhantes aos vistos na aula-passeio?
- Do que você sentiu falta nos espaços visitados? São acessíveis aos portadores de necessidades físicas?
- Como você avalia a aula de hoje? Cite um conteúdo já tínhamos falando em sala de aula:

Pinturas do Marechal e Presidente Deodoro da Fonseca e sua mãe Dona Rosa da Fonseca

Imagem 4 :Quadros à óleo sobre o Marechal Deodoro e sua mãe Rosa da Fonseca.



Fonte: arquivo pessoal

Pinturas à óleo datadas de 1947 pintadas pelo pintor Carlos Alberto Teixeira.

Placas da inauguração em 1955 (preta) e reinauguração pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Imagem 5: Placas de inauguração e reinauguração da instituição escolar



Placa preta da inauguração do espaço atual da escola (1955) retratando as autoridades à época.

Placa azul retratando a reinauguração por parte da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro e as autoridades à época.

Pátio e jardim interno da unidade escolar

Imagem 6: Pátio interno



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 7: pátio interno



Fonte: arquivo pessoal

Pátio interno e janelas das salas.

Imagem 8: Janelas de madeira estilo eclético



Imagem 9; Pátio interno e jardim



Fonte: arquivo pessoal

Frontal da E.M.Rosa da Fonseca (1955)

Imagem 8: Frente atual da E.M.Rosa da Fonseca



Fonte: arquivo pessoal

Terceira e atual sede da unidade escolar, construída em estilo eclético entre os anos de 1953-1955. Estilo eclético.

Prédio do antigo Banco Banerj

Imagem 10: Prédio anexo à escola antigo Banco Banerj



Fonte: arquivo pessoal

Prédio anexo à escola, onde funcionou entre as décadas de 70 e 90, um posto pagador do Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj) atualmente encontra-se desativado.

Mastros para hasteamento das bandeiras cívicas

Figura 11: Praça Marechal Hermes, em frente a E.M. Rosa da Fonseca. Onde se vê mastros para o hasteamento das bandeiras cívicas.



Fonte: arquivo pessoal

Mastros erguidos em frente à escola para o hasteamento das bandeiras cívicas, inaugurado em 1955 e utilizado em cerimônias cívicas e militares. Não consta as bandeiras diariamente.

“Murinho do Sampaio”

Imagem 12: Muro do Regimento Sampaio



Fonte: arquivo pessoal

Muro do Regimento Sampaio, localizado ao lado da Praça Hermes da Fonseca. Pela sua baixa estatura, favorece a passagem de transeuntes que desejam alçar a estação ferroviária e do BRT. Circunda o campo de treinamento do Regimento.

Regimento Sampaio

Imagem 13:Frente do Regimento Sampaio



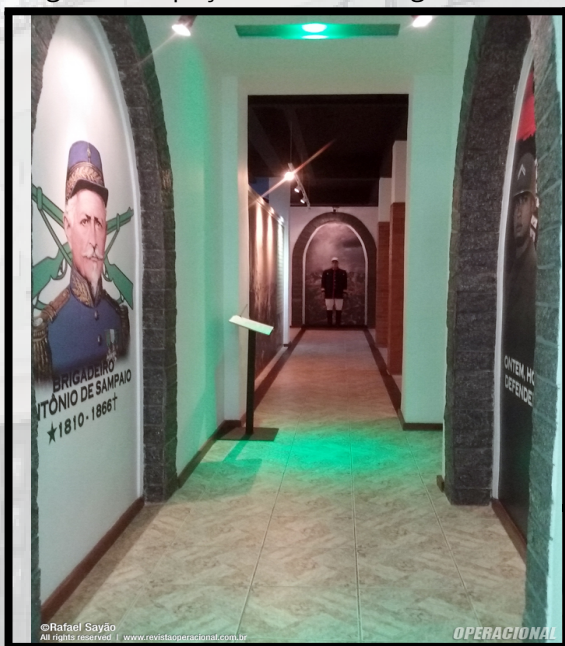
Fonte: site do Exército

1º Batalhão de Infantaria Mecanizada (Escola) (1º B I Mec (Es)), é também conhecido como Regimento Sampaio, denominação essa recebida em 1940, em homenagem ao Brigadeiro Antônio de Sampaio, patrono da arma de infantaria no Brasil, pois o regimento fez parte da Divisão Encouraçada durante a Guerra da Tríplice Aliança, do qual Sampaio era comandante.

Av. Duque de Caxias, 1672 - Vila Militar

Centro Cultural Regimento Sampaio (2015)

Imagem 14: Espaço cultural do Regimento Sampaio



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: arquivo pessoal

O Espaço Cultural do Regimento Sampaio é um museu pequeno, mas muito bem organizado, que conta a história do 1º BIMec (1º Batalhão de Infantaria Mecanizado) ao longo de seus quase 200 anos de existência, e que percorre diversos fatos da própria História do Brasil, como o envolvimento na Guerra da Tríplice Aliança, as revoltas internas, como a Revolução de 1922, 1924 e 1930, a Segunda Guerra Mundial, entre outros acontecimentos. Excelente para compreender uma das Unidades Militares mais tradicionais do Exército Brasileiro.

Escola de Formação de Oficiais do Exército- ESAO

Imagem 16: Portão principal do ESAO



fonte: internet

Sob orientação da Missão Militar Francesa foi criada a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) pelo decreto Federal 13.451 de Janeiro de 1919, pelo então Ministro da Guerra, General de Brigada Alberto Cardoso de Aguiar.

A Escola iniciou suas atividades em 08 de abril de 1920, instalada no quartel do 1º Regimento de Artilharia Montada (atualmente 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado). Após 4 anos de funcionamento em sua sede provisória a Escola foi transferida para o atual aquartelamento, à época um moderno pavilhão construído especificamente para fins escolares.

Centro de Reabilitação Física Gal. Lyra Tavares

Imagem 17: Centro de Reabilitação do Exército



Fonte: internet

No dia 9 de junho de 2014 , foi inaugurado o Centro de Reabilitação Física do Hospital Geral do Rio de Janeiro, localizado na Vila Militar.

Criado para dar apoio aos atletas dos 5º Jogos Mundiais Militares e também prestar atendimento à família militar, o Centro tem capacidade para realizar desde a avaliação até o tratamento fisioterápico especializado

Centro de Reabilitação Física General Lyra Tavares, na Avenida Duque de Caxias, 2229 - Deodoro - RJ.

Hospital Geral do Rio de Janeiro - Exército Brasileiro

Figura 18: Hospital Geral do Rio de Janeiro



Fonte: Hospital Geral do Rio de Janeiro

Embrião do Serviço de Saúde na Guarnição da Vila Militar do Rio de Janeiro, o Posto de Assistência da Vila Militar (PAVM) foi criado em 14 de janeiro de 1914 em um terreno ocupado pela Fazenda Sapopemba. Após 39 anos de funcionamento, a necessidade do serviço e o grau de complexidade dos procedimentos exigidos por seus assistidos fizeram a pequena unidade de saúde ser elevada, em 1953, a Hospital de Guarnição da Vila Militar.

Em 31 de julho de 1998, a Policlínica da Guarnição da Vila Militar, que prestava serviço ambulatorial desde 1996, foi extinta e teve seu acervo em pessoal e material incorporado ao Hospital. A partir de então, ocupando uma nova área geográfica, o Hospital de Guarnição da Vila Militar teve sua infraestrutura parcialmente redefinida.

Após 56 anos de carreira, o Hospital é novamente distinguido com uma promoção hierárquica funcional, desta vez para se tornar Hospital Geral do Rio de Janeiro, com a Portaria nº729, de 07 de outubro de 2009, do Comandante do Exército, que oficializou o ato a contar de 01 de novembro de 2009.

O espaço é destinado a militares e seus familiares.

(Site do próprio hospital)

Desfile cívico de dia da independência na avenida Duque de Caxias

Imagem 19: Desfile cívico do dia da independência



Fonte: arquivo da unidade escolar

Desfile cívico tradicional na avenida Duque de Caxias, na semana da Pátria. Na semana de 1º a 7 de setembro, vários batalhões apresentaram seus carros, seus equipamentos e seus soldados. A Escola Rosa da Fonseca também participa, contando um pouco da sua história, associando ao Projeto Político Pedagógico do ano vigente.

Casario antigo

Imagem 20 : casa antiga



Fonte: internet

Imagem 21 : casa antiga



Fonte: internet

Imagem 22 : casa antiga



Fonte: internet

Diferentes formas de telhados e elementos estéticos das fachadas de casas vizinhas, situadas nos lotes no meio de uma quadra na Av. Duque de Caxias. Reparar a mesma configuração volumétrica e relação de cheios e vazios com as esquadrias. O Casario remonta o período da criação da Vila Militar e tais casas eram para o uso das famílias dos militares, principalmente, os de alta patente.

Coreto na Praça Hermes da Fonseca (1977)

Figura 23: Coreto localizado na Praça Marechal Hermes, Vila Militar. Inauguração em 1977



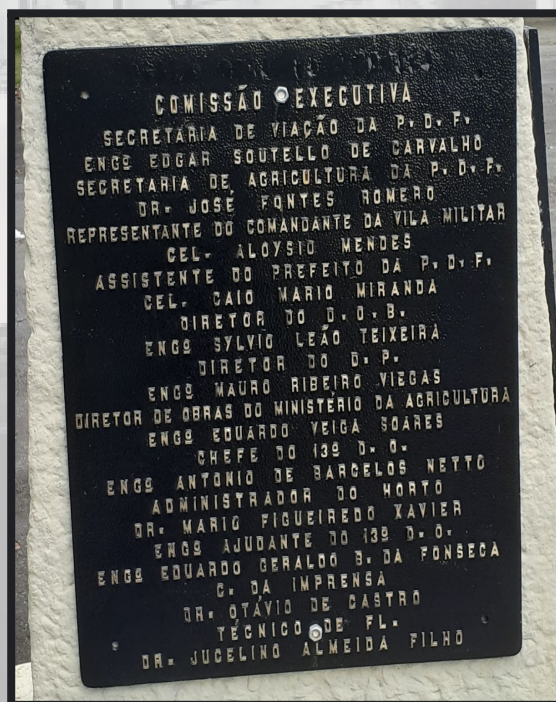
Fonte: As histórias dos monumentos do Rio

Coreto inaugurado em agosto de 1977. Construção com embasamento de tijolos e guarda-corpo de argamassa armada, com cobertura em madeira e chapas de alumínio.

<http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo&iCOD=1017&iMONU=Coreto%20da%20Pra%C3%A7a%20Marechal%20Hermes>

Busto em homenagem ao Marechal e Presidente da República Hermes da Fonseca

Imagem 24: Busto do Mal. Hermes da Fonseca Imagem 25: Placa de granito em alusão à reinauguração



Fonte:arquivo pessoal

Fonte:arquivo pessoal

Homenagem erguida através da oferta do filho primogênio do Marechal, o Sr. Mario Hermes. Na inauguração estiveram diversas autoridades e o discurso inaugural foi do General Gois Monteiro.

Data de Inauguração: **Set/1941**

Autor: **Davi Leal**

Monumento “O bonde”

Para quem gosta de história e curiosidades, há em exposição (como se fosse um monumento) um bonde original, do princípio do século 20, no canteiro entre as duas pistas. Pouca gente sabe, mas os bondes chegaram até a Zona Oeste do Rio e esse bondinho da Vila Militar atesta esse fato.

Imagem 26:: Réplica de bonde antigo



Fonte: internet

Atividades Pedagógicas que podem ser trabalhadas em sala de aula após a aula-passeio

- *Roda de conversa, levantamento do que foi visto. Avaliação da visita.
- *Debate como os temas: “O que foi visto? O que ficou invisibilizado? Por quê?” “Por que povos indígenas, africanos escravizados, trabalhadores/operários não são retratados nos monumentos e espaços visitados?” “Por que invisibilizar os moradores das comunidades próximas, algumas delas conflagradas?” “Quais os espaços que permanecem como foram criados, quais passaram por mudanças?” Por que não nos vemos nos monumentos visitados?”
- * Caça-palavras, palavras-cruzadas, jogos pedagógicos, textos interpretações, questões a serem utilizadas nas avaliações escritas.
- * Produção de texto informativo pelos grupos para exposição oral na sala de aula e posteriormente exposição no pátio da escola.
- * Produção de fotos para a exposição de cada turma no pátio, como mural ou exposição em aramados para acesso de toda a comunidade escolar.
- * Avaliação de todas as etapas da proposta pedagógica.

Atividade 4

Objetivo: Discutir com os educandos, os conceitos de memória/esquecimento histórico, História Local, Educação Patrimonial, sabendo que estes resultam de processos sociais, que envolvem disputas e silenciamentos.

Metodologia: discussão em sala de aula

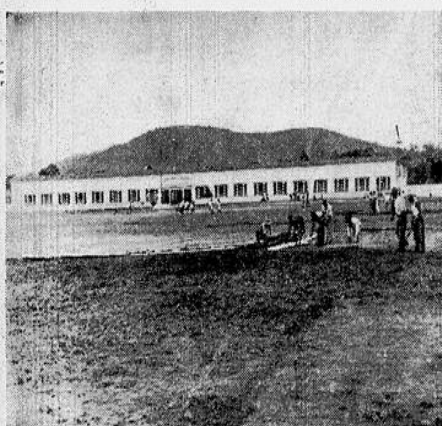
Tempo: 2 tempos de 50 minutos cada.

Material didático: material produzido durante a visitação

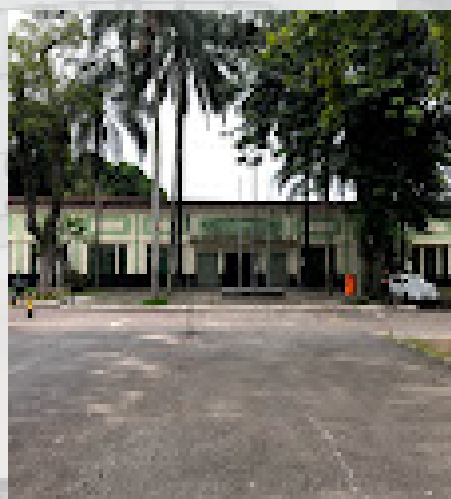
Oportunizar a fala de todos, buscando pontos de debate, inclusive com o contraditório. Buscando estimular o debate histórico.

Competência Geral 7 da BNCC 7: – Argumentar, levantar argumentos, conclusões ou opiniões de maneira qualificada e de debater com respeito às ideias dos outros, sempre valorizando a ética, os direitos humanos e a sustentabilidade social e ambiental.

Atividade 4



Aspecto geral da grande área, vendo-se ao fundo o edifício da **Escola Rosa da Fonseca** destinada aos filhos de civis e militares da Vila. Esta área em breve será transformada numa das mais belas praças da Cidade Maravilhosa.



Fonte: Hemeroteca digital

1º prédio próprio da E.M.Rosa da Fonseca-1914 e atualmente como Centro de reabilitação do Exército

Figura 30: Frente da E.M. Rosa da Fonseca na primeira sede



Fonte: Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (SME)

Inauguração: 1914

Estilo Arquitetônico: Eclético

Prefeito: Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro

Secretário: Benjamin Franklin Ramiz Galvão

Figura 31: Centro de Reabilitação do Exército



Fonte: Hospital Geral do Rio de Janeiro

Criado para dar apoio aos atletas dos 5º Jogos Mundiais Militares e também prestar atendimento à família militar, o Centro tem capacidade para realizar desde a avaliação até o tratamento fisioterápico especializado

Estação Ferroviária Vila Militar (1913) e atualmente

figura 32: Estação Ferroviária Vila Militar 2022



Fonte: internet

Estação de Vila Militar foi inaugurada em 1910 e efetivamente utilizada a partir de 1913. Seu nome é em razão da proximidade das "amplas, modernas e confortáveis construções para aquartelamento de tropas da guarnição militar do Rio de Janeiro, destacando-se, entre elas, o edifício da Escola de Aperfeiçoamento, à esquerda e o Casino, à direita". O edifício principal mantém o discurso historicista presente a partir do final do século XIX. Considerando-se a intenção de algumas correntes do Ecletismo em associar a forma a função é possível que adoção do repertório medieval, à feição de um castelo, com torre central, bastões e ameias faça alusão direta ao caráter militar da região, tornando-o um símbolo local. Foi tombado pelo município em 1998. Manteve-se como uma estação de trem metropolitana, hoje operado pela Supervia, incluindo seu belo prédio construído em 1913 e tombado em 1998.

Figura 33 Estação Ferroviária Vila Militar



Em 1928, Max Vasconcellos

explicava a razão de seu nome: "...chega o trem à Vila Militar, onde o passageiro observa as amplas, modernas e confortáveis construções para aquartelamento de tropas da guarnição militar do Rio de Janeiro, destacando-se de entre elas o edifício da Escola de Aperfeiçoamento, à esquerda e o Casino, à direita". Fonte: internet

Atividade 4.2

Questões a serem propostas para debate;

- Onde estivemos? O que vimos ? Quando e por quem foi construído?
- Os espaços são antigos ou modernos?
- Quem tem acesso? Por quê?
- O que ou a que grupos sociais representam?
- Você já havia estado ali antes?
- Você se sentiu representado?
- Há a presença de grupos como negros e indígenas? Como e porquê?
- No seu bairro, há lugares semelhantes aos vistos na aula-passeio?
- Do que você sentiu falta nos espaços visitados? São acessíveis aos portadores de necessidades físicas?
- Como você avalia a aula passeio que fizemos? Cite um conteúdo já tínhamos falando em sala de aula:

Atividade 5

Objetivo: organizar uma exposição de fotos e textos produzidos pelas turmas a partir da aula-passeio realizada.

Metodologia: organização e exposição de fotos

Tempo: 4 tempos de aula de 50 minutos cada.

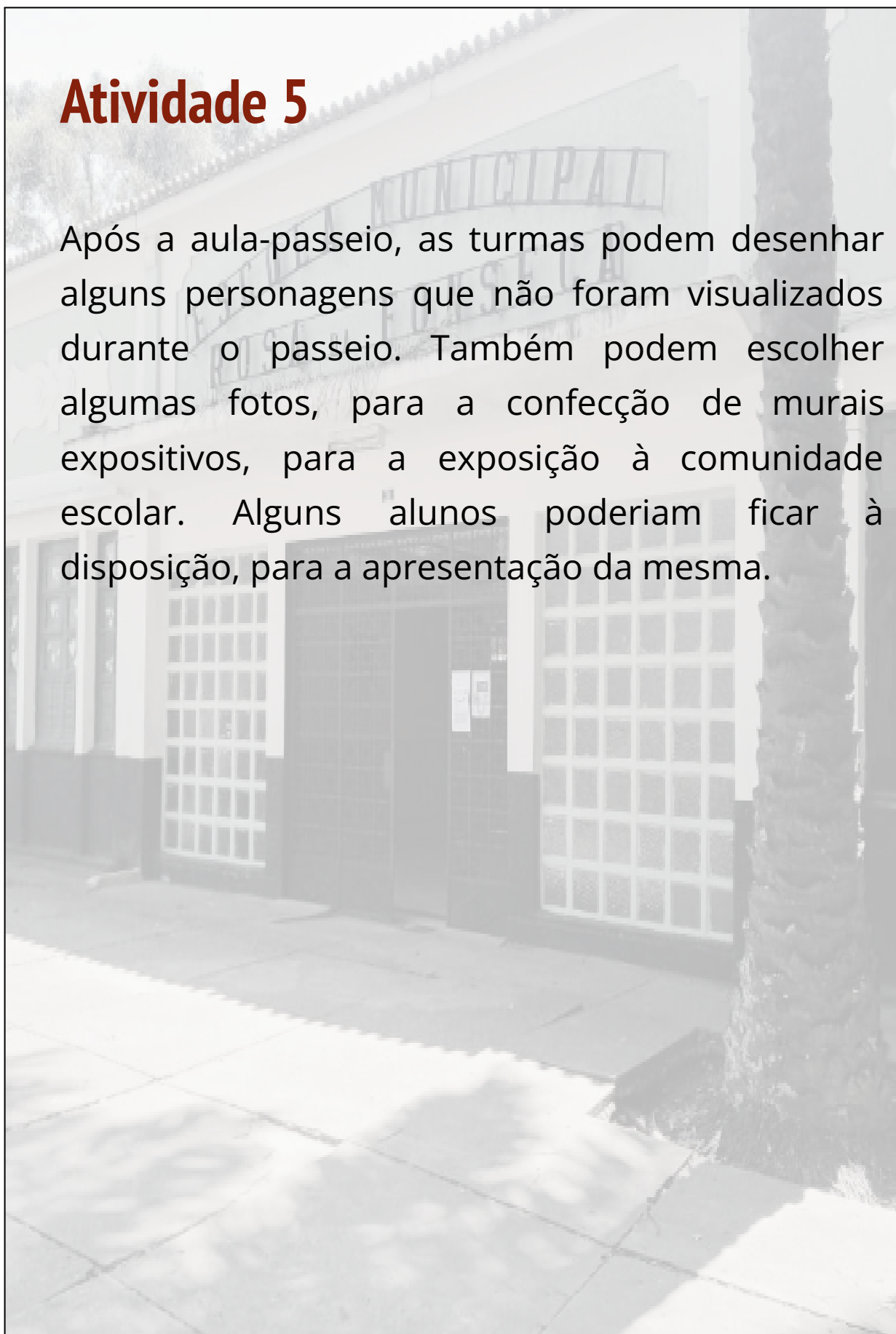
Material didático: fotos impressas, cartazes e murais.

verificar se todas as pessoas que aparecem nas fotos tem cedido o direito de imagem. Estimular a participação de todos os alunos e alunas e dar destaque a exposição, convidando toda a comunidade escolar.

Competência Geral 1 da BNCC: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.

Atividade 5

Após a aula-passeio, as turmas podem desenhar alguns personagens que não foram visualizados durante o passeio. Também podem escolher algumas fotos, para a confecção de murais expositivos, para a exposição à comunidade escolar. Alguns alunos poderiam ficar à disposição, para a apresentação da mesma.



Atividade 5 - Exemplo de exposição pós aula-passeio

Imagem 34: Mural com fotos produzidas pelos alunos



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 35: Mural com fotos produzidas pelos aluno



Fonte: arquivo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da sugestão de série/ano indicada, recomenda-se que os conteúdos sejam trabalhados continuamente durante a trajetória escolar. O tema pode ser abordado em conjunto com as aulas de História do Brasil, com memória e história, história local, mudanças e permanências, patrimônio histórico cultural material e imaterial. Ao(A) professor(a), reserva-se analisar e apresentar ou reforçar determinado tema quando achar necessário.

Desejamos que tal proposta pedagógica, possa ser implantada em outras unidades escolares, visando colaborar com a inserção da educação patrimonial nas aulas de História, auxiliando na compreensão e valorização da história local e das instituições escolares dessas. E que os discentes possam se sentir pertencentes ao espaço de saber onde convivem.

REFERÊNCIAS

- FREINET, Célestin. Coleção Grandes Educadores [Filme-vídeo]. Produção de Rosa Maria Whitaker Sampaio. São Paulo, Paulus, 2006.
- [*https://www.hgerj.eb.mil.br/historico](https://www.hgerj.eb.mil.br/historico) consultado em 10/08/2023
- <http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo&iiCOD=1017&iMONU=Coreto%20da%20Pra%C3%A7a%20Marechal%20Hermes> consultado em 10/08/2023
- [*http://inventariodosmonumentosrj.com.br/?iMENU=catalogo&iiCOD=1012&iMONU=Marechal%20Hermes](http://inventariodosmonumentosrj.com.br/?iMENU=catalogo&iiCOD=1012&iMONU=Marechal%20Hermes) consultado em 10/08/2023
- Rodriguez, Helio Suêvo (2004). *A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate da sua memória*. [S.L.]: Memória do Trem
- <http://ramaldesantacruz.com/page5.php> consultado em 10/08/2023
- <https://arquimedes.stm.jus.br/index.php/regimento-sampaio> consultado em 10/08/2023
- <http://www.esao.eb.mil.br/historico?start=1> Consultado em 10/08/2023
- BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória coletiva e teoria social. São Paulo: Annablume, 2003.

